

ISSN 2177-9856

# Diálogos

PERTINENTES

v.16 n.Especial Dez. 2020

NÚMERO ESPECIAL:  
Entrevistas em  
tempos de pandemia

diálogos diálogos diálogos diálogo  
tes pertinentes pertinentes pertinentes

# Diálogos

PERTINENTE

Revista Científica de Letras

# **DIÁLOGOS PERTINENTES**

## REVISTA CIENTÍFICA DE LETRAS

Especial - Janela de diálogos:  
entrevistas em tempos de  
pandemia

Franca  
2020

**Diálogos Pertinentes** – Revista Científica de Letras.  
Número Especial - Efeitos da pandemia em entrevistas.

**Reitoria:** Profa. Dra. Kátia Jorge Ciuffi  
**Chancelaria:** Dr. Clovis Eduardo Pinto Ludovice  
**Pró-reitor de Graduação:** Dr. Élcio Rivelino Rodrigues  
**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação:** Profa. Dra. Kátia Jorge Ciuffi  
**Pró-reitoria de Extensão:** Profa. Dra. Kátia Jorge Ciuffi

**Expediente** | **Projeto Gráfico e Diagramação**  
Núcleo de Projetos e Pesquisas de Design

**Coordenação:**  
Ana Márcia Zago

**Supervisão:**  
Rodrigo Aparecido de Souza

**Execução:**  
Rafael de Carvalho

#### Catálogo na fonte – Biblioteca Central da Universidade de Franca

DIÁLOGOS PERTINENTES – ONLINE : revista científica de Letras / Marilurdes Cruz Borges; Aline Fernandes de Azevedo Bocchi; organizadoras. v. 16 n.Especial - Janela de diálogos: entrevistas em tempos de pandemia 2020. Franca, SP : Universidade de Franca; Curso de Letras, 2020.

100 p.

ISSN (online) - 2177-9856

1. Linguística – Estudo e ensino. 2. Linguística – Periódicos. I. Universidade de Franca

CDU - 801(07)

Universidade de Franca • Av. Dr. Armando Salles Oliveira, 201  
Parque Universitário • CEP 14.404-600 • Franca - SP  
PABX (16) 3711-8888/FAX (16) 3711-8886  
Desenvolvimento e Produção de Materiais • (16) 3711-8736

## **EDITORA-CHEFE**

Marilurdes Cruz Borges

## **EDITORA-ASSISTENTE**

Aline Fernandes de Azevedo Bocchi

## **CONSELHO EDITORIAL**

Ana Cristina Carmelino, Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Ana Lúcia Furquim Campos-Toscano, Centro Universitário Municipal de Franca, Brasil

Antônio Suárez Abreu, Universidade Estadual Paulista - Araraquara, Brasil

Camila de Araújo Beraldo Ludovice, Universidade de Franca, Brasil

Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento, Universidade Estadual Paulista - Araraquara, Brasil

Elaine Cristina Cintra, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Erasmus d'Almeida Magalhães, Universidade de São Paulo, Brasil

Fernanda Mussalim, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Gerardo Ramírez Vidal, Universidad Nacional Autónoma de México, México

José Nicolau Gregorin Filho, Universidade de São Paulo, Brasil

Juliana Spirlandeli Batista, Universidade de Franca, Brasil

Lauro José Siqueira Baldini, Instituto de Estudo da Linguagem - Unicamp, Brasil

Lucília Maria Abrahão de Sousa, Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, Brasil

Luiz Antonio Ferreira, Pontifícia Universidade Católica - São Paulo, Brasil

Maria Célia de Morais Leonel, Universidade Estadual Paulista - Araraquara, Brasil

Maria Flávia Figueiredo, Universidade de Franca, Brasil

Maria Regina Baracuhy Leite, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Marie-Anne Paveau, Université Paris 13, Paris

Marina Célia Mendonça, Universidade Estadual Paulista - Araraquara, Brasil

Renata Maria Facuri Coelho Marchezan, Universidade Estadual Paulista - Araraquara, Brasil

Rosana Ferrareto Loureço Rodrigues, Instituto Federal São João da Boa Vista, São João da Boa Vista, Brasil

Vera Lúcia Rodella Abriata, Universidade de Franca, Brasil

## APRESENTAÇÃO

---

O avanço da COVID-19 em solo brasileiro e o distanciamento social decorrente da pandemia fizeram com que as pessoas buscassem formas alternativas de acesso ao conhecimento e entretenimento. Pesquisadores, instituições e grupos de pesquisa como a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), por exemplo, passaram a organizar lives para serem disponibilizadas em canais do Youtube ou mesmo no Instagram. Conteúdos de pesquisas e reflexões passam a ser disseminados por diversos pesquisadores nas plataformas de redes sociais para debater questões impostas pela crise sanitária e política pela qual passamos.

A reclusão e as transformações nas relações de convívio familiar exigem adaptação e, paradoxalmente, acirram sentimentos de solidão, ansiedade, depressão etc. Nesse cenário, as lives passam a ocupar espaço nas vidas de pessoas privadas do convívio social, entre elas os pesquisadores, muitas vezes impedidos de realizar suas pesquisas em laboratórios e instados a assumirem papéis, funções e habilidades outras, como o ensino remoto, por exemplo.

Pensando nisso, o Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Franca promoveu, no mês de junho de 2020, o I Ciclo de Entrevistas do PG Linguística. Além de levar conteúdo de qualidade para resolução de problemas a partir da perspectiva sensível da arte, da vivência, da experiência, da tecnologia e da ciência, o Ciclo de Entrevistas abriu espaço para que pesquisadores, alunos e comunidade pudessem travar um diálogo precioso sobre as questões do nosso tempo.

As páginas que se seguem textualizam, neste Número Especial: Janela de diálogos: entrevistas em tempos de pandemia, o diálogo realizado em três entrevistas com professores referência em nossas áreas de atuação. São eles: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça (UNESP/FCL-Araraquara), que discorreu sobre o aluno, o professor e o texto no novo contexto educacional, o Prof. Dr. Pedro de Souza (UFSC), que abordou o tema “Canção em tempos de pandemia”, e Profa. Dra. Elizabeth Harkot-de-la-Taille (USP), que falou sobre as “Relações entre paixões de imagem e valores sociais”.

Questões incontornáveis que nos permitem refletir sobre os efeitos de uma pandemia vivida em meio ao agravamento da crise política e do descaso da classe política para com os mais afetados: “a pandemia escancara a vulnerabilidade ampliada à doença de todos aqueles que se encontram às margens de uma sociedade profundamente desigual” (BOCCHI, 2020, p. 22). Frente ao negacionismo, à necropolítica (MBEMBE, 2016) e ao projeto histórico de uma sociedade utilitarista e segregacionista, reagimos com a produção de conhecimento e saberes, resistimos nos diálogos e reflexões que o leitor encontrará neste Número Especial preparado por professores e alunos do Programa. Boa leitura!

BOCCHI, A. F. A. Luto e ética trágica em tempos de pandemia. In: GALLI, F. C.; BIZIAK, J. S.; ZOPPI-FONTANA, M. G. O não-sentido como espaço de (r)existência: processos de subjetivação na pandemia. São Carlos: Pedro e Joao Editores, 2020, p. 21-35.

MBEMBE, A. Necropolítica. In: Arte & Ensaios, Revista do PPGAV/ EBA/UFRJ, n. 32, dez. 2016.

Marilurdes Cruz Borges (UNIFRAN)  
Aline Fernandes de Azevedo Bocchi (UNIFRAN)

# SUMÁRIO

## **APRESENTAÇÃO** ..... 5

O ALUNO, O PROFESSOR E O TEXTO NO NOVO CONTEXTO EDUCACIONAL:  
ENTREVISTA COM MARINA CÉLIA MENDONÇA  
STUDENT, TEACHER, AND TEXT IN A NEW EDUCATIONAL CONTEXT:  
INTERVIEWING MARINA CÉLIA MENDONÇA

Marina Célia MENDONÇA  
Assunção Aparecida Laia CRISTOVÃO  
Marilurdes Cruz BORGES  
Camila de Araújo Beraldo LUDOVICE ..... 9

CANÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ENTREVISTA COM PEDRO DE SOUZA  
SONG IN PANDEMIC TIMES: INTERVIEW WITH PEDRO DE SOUZA

Pedro de SOUZA  
Luciana Carmona Garcia MANZANO  
Aline Fernandes de Azevedo BOCCHI  
Renata C. Bianchi de BARROS ..... 39

RELAÇÕES ENTRE PAIXÕES DE IMAGEM E VALORES SOCIAIS: ENTREVISTA  
COM ELIZABETH HARKOT-DE-LA-TAILLE  
RELATIONS BETWEEN IMAGE PASSIONS AND SOCIAL VALUES: INTERVIEW  
WITH ELIZABETH HARKOT-DE-LA-TAILLE

Elizabeth HARKOT-DE-LA-TAILLE  
Vera Lúcia Rodella ABRIATA  
Alexandre Marcelo BUENO ..... 71





---

# O ALUNO, O PROFESSOR E O TEXTO NO NOVO CONTEXTO EDUCACIONAL: ENTREVISTA COM MARINA CÉLIA MENDONÇA

# 1

---

## STUDENT, TEACHER, AND TEXT IN A NEW EDUCATIONAL CONTEXT: INTERVIEWING MARINA CÉLIA MENDONÇA

---

### **MENDONÇA, Marina Célia**

Doutora em Linguística pela Unicamp

Professora Titular do Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas da UNESP (FCL- Araraquara)

E-mail: [marina.mendonca@unesp.br](mailto:marina.mendonca@unesp.br)

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-5712-2346>

### **CRISTOVÃO, Assunção Aparecida Laia**

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp - Araraquara

Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Franca - Unifran

E-mail: [assuncao.cristovao@unifran.edu.br](mailto:assuncao.cristovao@unifran.edu.br)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1304-1106>

### **BORGES, Marilurdes Cruz**

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp - Araraquara

Professora Permanente do PPG Linguística da Universidade de Franca

E-mail: [marilurdescruz@gmail.com](mailto:marilurdescruz@gmail.com)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0602-9838>

### **LUDOVICE, Camila de Araújo Beraldo**

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp - Araraquara

Professora Titular do Programa de Pós-graduação em Linguística

E-mail: [camilaludovice@gmail.com](mailto:camilaludovice@gmail.com)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5998-7597>

## RESUMO

Em 16 de junho de 2020, o Programa de Pós-Graduação em Linguística recebeu a Profa. Dra. Marina Célia Mendonça, docente da Universidade Estadual Paulista, UNESP, para uma entrevista intitulada O aluno, o professor e o texto no novo contexto educacional, transmitida sincronicamente pelo ambiente Blackboard Collaborate Ultra. Publicamos, nas páginas que se seguem, a versão impressa da entrevista. A Profa. Dra. Marina Célia Mendonça atua na graduação e na pós-

graduação da Unesp de Araraquara na área da Análise do Discurso, com ênfase nos estudos bakhtinianos do discurso. É vice-líder do grupo de pesquisa SLOVO - Grupo de Estudos do Discurso, cadastrado no CNPq. Tem interesse nos estudos sobre letramentos, autoria, subjetividade/ intersubjetividade, com enfoque nas relações entre as ciências da linguagem e o ensino/aprendizagem de língua. A proposta da entrevista levou em conta o atual cenário de pandemia no país e as consequentes abordagens no ensino de língua portuguesa em ambientes virtuais, uma vez que o aprendizado da leitura e dos fatores de textualidade encontram desafios mesmo em situações “normais”, nas quais aluno e professor interagem presencialmente. Durante o evento, a professora convidada falou de abordagens significantes no ensino da língua, dentro da perspectiva do ensino a partir de textos que fazem parte do cotidiano do aluno; abordou também o momento atípico pelo qual passa o país e, em especial, a Educação; e trouxe elementos para demonstrar que os resultados do PISA, exame internacional de Educação, se vistos em detalhes, podem apontar que o país evoluiu positivamente nos índices de leitura, se for levado em conta o aumento quantitativo das escolas no país.

**Palavras-chave:** Novo contexto educacional. Pandemia. Ensino de língua portuguesa. Leitura. Textualidade.

## ABSTRACT

On July 16, 2020, the Postgraduate Linguistics Program interviewed Dr. Marina Célia Mendonça, professor at Universidade Estadual Paulista, UNESP. The interview, broadcast live on the Blackboard Collaborate Ultra, was entitled “O aluno, o professor e o texto no novo contexto educacional”. On the following pages, a printed version of such an interview can be read. Professor Marina Célia Mendonça teaches in both under and graduate programs at UNESP-Araraquara. In those programs, she teaches Discourse Analysis, from the Bakhtinian studies perspective. She is the vice-leader of the SLOVO research group – Grupo de Estudos do Discurso, certified by CNPq. Professor Mendonça specializes in literacy, authorship, and subjectivity/intersubjectivity, mainly in the correlation between Language Sciences and teaching/learning language processes. In the interview, the current pandemic situation in Brazil was discussed, as well as the new approaches to teaching the Portuguese language through digital platforms, once the teaching process faces challenges even under “normal” circumstances – when teacher and students

interact face-to-face. During the event, the interviewee talked about the signifying approaches when teaching a language, mainly in a common context to the students. She also discussed the atypical phenomena that Brazil currently finds itself in, moreover when it comes to education. Concluding, she brought arguments that demonstrate, according to the PISA –

Program for International Student Assessment, significant growth in the Brazilian reading index, if the quantitative increase in schools in the country is taken into account.

**Keywords:** New educational context. Pandemic. Portuguese language teaching. Literacy. Textuality.

**Assunção Aparecida Laia Cristóvão** – Só para que a gente se organize, a entrevista vai ser conduzida por mim, pela professora Camila Ludovice e pela professora Marilurdes Cruz Borges. E nós três temos uma coisa em comum, todas nós somos filhas da UNESP de Araraquara. E temos a Marina como uma referência da UNESP de Araraquara. Só que eu não vou apresentar a Marina, não, vou pedir que ela mesma se apresente e comece falando da trajetória dela, como foi esse percurso como bakhtiniana e como professora. É isso, Marina, fique à vontade, que agora a gente quer te ouvir.

**Marina Célia Mendonça** – Boa noite! Quero agradecer e dizer que fiquei bastante feliz quando recebi o convite de vocês. Tenho um carinho muito grande pela Assunção, Marilurdes, Camila e pela UNIFRAN, onde trabalhei por quinze anos; foi na UNIFRAN que me constituí como professora universitária e ingressei na formação de professores. Então, sou muito grata e fico muito satisfeita por estar aqui com vocês hoje. Fiz Letras na UNICAMP. A minha graduação foi muito importante pra mim, também me constituiu como pessoa. E uma coisa que queria comentar aqui, hoje, é a importância de a formação do professor e do pesquisador se darem juntas, acho que essa relação entre pesquisa e ensino deveria existir sempre nos cursos de licenciatura e isso eu aprendi na minha graduação, na década de 1980, na UNICAMP. Já professora, dei aulas no Ensino Fundamental e no Ensino Médio; depois trabalhei na UNIFRAN por quinze anos, como já disse, nos cursos de Letras e Comunicação Social. Dei aulas no UNIFACEF também. Somente depois é que eu vim para a UNESP. Tive a oportunidade de ser professora em diferentes níveis,

de estar no chão da sala de aula. Lógico que eu sempre fui pesquisadora também, mesmo enquanto professora. Sempre me interessei pelas questões de ensino em minhas pesquisas. No mestrado, já trabalhava com leitura e análise de material didático, no meu doutorado estava preocupada com o purismo linguístico. Então, acho que essa relação entre o ensino e a pesquisa sempre foi constitutiva da minha atuação, da minha vida. Tive um curso de Redação em Franca chamado “Ponto e Vírgula”, por quinze anos. Ficava muito envolvida com as questões de leitura e, quando fui fazer o mestrado, eu tinha uma necessidade de aprofundar essa questão, como professora. Foi por isso que fui fazer o mestrado no início da década de 1990. E quando fui fazer o doutorado, também fui levada a pesquisar algo que tivesse relação com a sala de aula. Eu estava incomodada pelo fato de os meus alunos do curso de Letras não entenderem o discurso da Sociolinguística, da variação linguística. Então, no doutorado fui trabalhar com o purismo linguístico. Na minha formação, na minha vida, pesquisa e ensino sempre caminharam juntos. Pra mim, isso é muito importante. E algumas pessoas me perguntam: “– Nossa, vai falar de novo sobre ensino?” – e falo: “– Vou falar, sim, de ensino, afinal sou pesquisadora e também sou professora”. Uma coisa que me deixa triste, e acontece com a formação dos meus alunos, é a pressa que têm de ir para o mestrado, para o doutorado, e eu fui uma daquelas que demorou. Deixei passar seis anos entre a graduação e o mestrado, depois mais seis anos entre o mestrado e doutorado. O mestrado e o doutorado eram uma necessidade relacionada às minhas questões como professora. Não foi algo relacionado a um: “Eu tenho que fazer”. Então, nesse sentido, eu acho que sou de uma outra geração, que conseguiu conciliar bem essa questão do trabalho em sala de aula e da pesquisa, que é importante também pra sala de aula.

**Marilurdes Cruz Borges** – Marina, você é uma referência para nós. Você foi minha professora de graduação. Depois, no doutorado, e trabalhamos juntas na UNIFRAN. E acho que você é uma referência, aqui na UNIFRAN, tanto para o pessoal da linguagem, da Linguística, e também para os estudos da linguagem, da leitura. A Assunção está compartilhando, aqui, alguns livros seus, em slides. Você poderia falar um pouco sobre esses livros?

**Marina Célia Mendonça** – Eu pedi à Assunção pra trazer alguns livros para mostrar um pouco a minha produção acadêmica. No livro

“Introdução à Linguística: domínios e fronteiras, volume 2” – organizado pelas professoras Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes - tem um texto meu que já mostra essa minha preocupação com a questão do ensino. E quero chamar atenção para os textos que estão na “Coleção Mestrado em Linguística” da UNIFRAN, disponíveis no site da instituição. Também quero convidar as pessoas que estão participando desta entrevista para entrar no site da UNESP de Araraquara. Na seção de publicações, tem uma coleção chamada “Trilhas Linguísticas”, que é uma coleção de e-books publicada pelos professores de Linguística da Unesp-Araraquara. Fica o convite e os e-books são gratuitos. Recentemente tenho pesquisado sobre a escrita. Este é meu interesse recente de pesquisa - recente não, faço isso há dez anos (risos). Então, eu, junto com as professoras Alessandra Del Ré e Luciane de Paula, organizamos dois livros, “Explorando o Discurso da Criança” e “A Linguagem da Criança”, publicados pela Editora Contexto. Minha participação nesses dois números está relacionada à contribuição de escritos do Círculo de Bakhtin para estudos da Aquisição da Linguagem e Aquisição da Escrita, participo na autoria de alguns capítulos. Recentemente, minhas preocupações estão voltadas para a questão da escrita, mas não tenho orientado só pesquisas sobre essa temática e ensino, tenho orientado várias pesquisas sobre a produção de discursos a partir da perspectiva do Círculo de Bakhtin.

**Assunção Aparecida Laia Cristóvão** – O que eu queria tratar agora com você é uma situação que acho que está afetando a todos nós. Nós estamos vivendo um momento bastante atípico. Acho que é um grande desafio para o aluno e professor, mesmo em situações normais, sem pandemia, sem isolamento social, trabalhar com as noções de texto, noções de textualidade, leitura, todas essas questões. No entanto, o próprio PISA, o principal exame internacional de educação, mostra que o Brasil, no que se refere à leitura, não está bem classificado, e eu queria sua opinião sobre a que se deve esse resultado e como esse desafio se apresenta neste momento que estamos vivendo, do ensino remoto, com os alunos estudando em casa com a ajuda dos pais, a famosa homeschooling. O que você pensa a respeito disso, Marina?

**Marina Célia Mendonça** - Eu queria comentar o resultado do Brasil no PISA, trouxe aqui uma matéria jornalística veiculada pelo Estadão em dezembro de 2019 e vou compartilhar uma parte dela, para quem está

assistindo. O resultado do Brasil no PISA tem sido usado para críticas atuais ao ensino no país (a partir de 2000, quando o PISA começou a ser aplicado). E, também, a gente vê algumas discussões sobre aspectos positivos da educação neste período. Eu acho que, dependendo de como é divulgado, esse resultado do PISA pode esconder alguns aspectos que são importantes na educação, pensando no ensino de Língua Portuguesa, especificamente, que é o que dá para eu falar. Quero dizer que existem aspectos que ficam escondidos nessa discussão e que minimizam as ações nossas nesses anos todos no Brasil, em relação à educação. Nessa matéria, temos o título – “Pisa: Brasil tem leve melhora em prova mundial, mas 4 em 10 alunos não aprendem o básico”. A matéria diz que “o Brasil é uma das nações que possui maior diferença de desempenho entre estudantes ricos e pobres”. Isso é um indício pra nós de que o problema não são só, exatamente, as questões de ensino. Há uma grande diferença de desempenho de alunos pobres e ricos. Então, a gente vê que a distribuição de renda é um dos problemas que leva a esse resultado do PISA. Não é necessariamente um problema relacionado a práticas educativas ineficientes no país nesse período. Então, eu queria chamar atenção para isso.

Vale destacar também que, de 2000 até 2018, a gente teve uma leve melhora em leitura. No caso, no ensino de Português. Essa leve melhora não deve ser desprezada. Veja outro trecho da matéria: “A nota média do Brasil em Leitura subiu de 407 para 413 pontos, entre 2015 e 2018, a mais alta já registrada no Pisa pelo Brasil. Apesar do avanço em relação à última edição não ser estaticamente significativo, a tendência de aumento desde 2000 é considerada relevante pela OCDE”.

Por que isso? Porque temos mais jovens nas escolas. Nós conseguimos manter o nível de leitura, mesmo ampliando o acesso à escola, que leva os jovens de baixa renda, com maior vulnerabilidade, pra escola. Então, veja! Quando a gente diz assim: “Nossa! O desempenho em leitura no PISA do Brasil é péssimo!”, a gente está escondendo coisas importantes que foram feitas no Brasil neste período. Veja ainda este último parágrafo: “O relatório do Pisa destaca, logo nas primeiras páginas, o Brasil como um dos países em que qualidade de educação não foi sacrificada quando se aumenta o acesso à escola”. Os outros são México, Albânia, Indonésia, Turquia e Uruguai.

Só seis países do grupo dos que participaram do PISA é que conseguiram manter a qualidade da educação mesmo aumentando o acesso à escola (qualidade essa que a gente ainda precisa melhorar, é

claro).

Ainda quero chamar atenção para outros aspectos que ficam escondidos... O desempenho do Brasil é o mesmo de região pra região? Não. Se se considera a região Sul, a nota sobe bastante e a gente ultrapassa o Uruguai e a Romênia, por exemplo. A região Centro-Oeste e região Sudeste também não têm uma nota ruim. As regiões que abaixam a nota são Norte e Nordeste. Então, fica clara a situação de diferença na distribuição de renda. Além disso, é claro, devemos pensar nas condições de trabalho dos professores, nas questões de salário, de valorização profissional, de carreira, de região pra região. Porque o resultado do PISA não significa necessariamente que a educação do Brasil, como um todo, vai mal. A gente tem que pensar em problemas específicos relacionados a cada região. Isso é um outro aspecto que as pessoas não destacam, e eu queria chamar atenção.

A matéria do Estadão mostra que tem muitos alunos brasileiros (26,7%) em situação de leitura ainda insuficiente: “Nível 1A - Entende o significado literal de frases ou passagens curtas, reconhece o tema principal ou objetivo do autor em um texto sobre um tema familiar”. É nesse nível que se localizam mais estudantes brasileiros. E depois vem o nível 2 (com 24,5% dos estudantes): “Identifica a ideia principal de um texto de tamanho médio. Consegue comparar e localizar informações de textos diferentes”. Mas só aqueles que se encontram no nível 3 (16,3% dos estudantes que fizeram a prova) “localizam informações em um texto que não estão explícitas”. Ou seja: só 16% conseguem localizar o que está implícito. E, no nível 4 (em que estão apenas 7,4% dos estudantes brasileiros que realizaram a prova), os alunos “identificam a confiabilidade de uma fonte”. Vejam. A gente que é professor e que trabalha com leitura, que está na sala de aula, sabe que é bastante difícil, mesmo os adultos com nível universitário, identificar a confiabilidade de fonte. Isso é um problema que a gente está vivendo hoje, que é um dos problemas mais sérios de nossa sociedade. Não é muito fácil também perceber informações implícitas de um texto, a gente que trabalha com leitura sabe que é bastante comum os alunos não conseguirem perceber isso. Então, não é uma “coisa absurda” esse resultado, porque quem trabalha com o ensino de língua sabe que esses níveis 3, 4, 5 e 6 da leitura no Pisa são algo que se tem que desenvolver mais, principalmente o 4, 5 e 6, que têm a ver com fake news, com novas formas de leituras na internet, nas redes sociais, que demandam novas práticas dos professores frente a essas formas de letramentos. Eu entendo que esses resultados são



indícios do que a gente precisa desenvolver e estamos no caminho certo, porque a BNCC propõe esse enfoque e é recente, de 2018 - propõe o trabalho com a linguagem digital, com a leitura crítica, para perceber os implícitos de um texto. Esses alunos fizeram essa prova do Pisa em 2017. Não sou pessimista não, eu acho que o resultado não foi tão negativo assim, como muitos apontam.

**Assunção Aparecida Laia Cristóvão** – Esperamos que não continue assim né, Marina?

**Marina Célia Mendonça** – É claro que a gente pode melhorar muito e que precisamos de muito investimento em educação. Mas acho que as políticas públicas em educação estão sendo relativamente positivas. Já melhoramos bastante os livros didáticos - acho que o Plano Nacional do Livro Didático serviu para qualificar o material que vai pra sala de aula. Os livros didáticos ainda apresentam muitos problemas, temos criticado muito, mas é preciso reconhecer que houve avanços. Em que sentido? No sentido de os alunos lerem outros gêneros, escreverem outros gêneros. Há temas e enfoques importantes que estão nos livros didáticos: a literatura indígena, a africana, os temas que têm a ver com movimentos identitários. Acho que tudo isso é importante, também para democratizar o ensino e permitir que esses temas circulem na escola. Houve avanços e acho que não devemos jogar tudo na lata do lixo por conta de um exame que compara o Brasil, apesar de toda pobreza e problemas que temos, com países desenvolvidos. Acho que não é a hora de olhar para esta comparação, mas para aquilo que a gente tem feito nessas últimas décadas, para o dia a dia na sala de aula, para o que se tem aprendido e o que se tem ensinado, para o que tem melhorado e o que precisa melhorar. E você fez uma pergunta sobre o homeschooling, não é?!<sup>1</sup> Hoje, a gente está numa situação difícil de recuperar. Este ano é um ano atípico. Uma situação de que não se tem saída, porque existem alunos que estão conseguindo acompanhar as aulas à distância e outros que não estão, alunos que estão tendo aulas e outros que não estão. Temos números assustadores sobre a escola do estado de São Paulo pública, onde muitos alunos não estão participando das atividades remotas. Então, sobre este ano é muito difícil falar o que vai acontecer. Até no ensino universitário há essa discrepância de ações – há aulas em

<sup>1</sup> A pergunta foi feita pela professora Assunção Cristóvão pelo chat da ferramenta Blackboard Collaborate.



algumas instituições e não há em outras. Não se pode resumir a situação de ensino do Brasil ao que acontece em 2020, um ano terrível para a educação em todos os níveis.

**Camila de Araújo Beraldo Ludovice** – Marina, pensando neste contexto que a gente está vivendo, a questão da pandemia, neste desafio do ensino remoto, na sua perspectiva... você já falou que não dá para considerar só este momento atípico. Mas dá para pensar que, após isso, a gente precisa de uma reformulação, não é? Nós vamos sofrer os efeitos desse período, do ensino remoto, dessas desigualdades, que são acentuadas neste momento. Principalmente na área da educação, como você vê esse futuro próximo, pós-pandemia?

**Marina Célia Mendonça** – Camila, uma coisa que a gente vai aprender com este momento é valorizar mais a atividade do professor. Queria comentar que uma questão que o governo federal trouxe é a valorização da literacia familiar. Na Política Nacional de Alfabetização, do governo atual, a gente tem essa proposta de literacia familiar. É claro que a leitura fora da sala de aula e em família é essencial e sempre foi, mas ela não vai substituir a sala de aula, a gente sabe que não substitui. Por quê? Porque os pais não são professores. Não tem como um curso aqui, outro ali, uma cartilha ensinarem os pais a ler com os filhos. Tem havido um movimento, já há alguns anos, antes mesmo do governo Bolsonaro (um exemplo é o MBL), que, em diversas situações, atacou professores, na escola pública e na particular. Pelo menos uma coisa vamos aprender nessa pandemia: que o professor é importante na vida dos alunos. E que essa situação de ensino presencial não se substitui pelo ensino remoto. Evidentemente, o ensino remoto pode ser bom quando ele é preparado para tal, organizado para tal. Mas não é assim que aconteceu, a situação é que os professores, as escolas e os alunos não estão preparados. Eles não realizariam o ensino remoto se pudessem escolher. Esta é uma questão. E a outra questão que, claramente, fica evidente nessa situação de pandemia é a relação entre problemas no ensino e má distribuição de renda, pois não temos condições, muitas vezes, de ter aulas remotas, porque não tem equipamento em casa, não tem internet, não tem condição de fazer isso (por exemplo, porque falta espaço em casa para fazer). Pelo menos duas coisas a gente vai aprender que, num certo sentido, são boas... uma delas é valorizar o professor e outra é escancarar o problema da distribuição de renda no

país, mostrando que a educação é afetada por este problema. Não é só uma política educacional que vai resolver a situação, nossos problemas são maiores. E esta pandemia está mostrando isso.

**Camila de Araújo Beraldo Ludovice** – É... os nossos problemas são mais profundos e este momento só acentua. Marina, você começou a falar um pouquinho e até falou que sua perspectiva é positiva, no sentido de melhoras no ensino de Língua Portuguesa. Você poderia falar mais um pouquinho pra gente. Como você vê, atualmente, esse ensino de Língua Portuguesa nas escolas públicas e particulares e como esses materiais didáticos que são oferecidos aos alunos contemplam essa necessidade de uma boa aprendizagem na leitura, na escrita? Porque eu acho que isso é bem o seu trabalho de pesquisa e é uma preocupação que na sua apresentação ficou bem evidente.

**Marina Célia Mendonça** – Tem aquele livro “O Texto na Sala de Aula”, do qual eu parto, e de que muitos professores partem também (que todo mundo conhece!), organizado pelo João Wanderley Geraldi. Eu tenho uma relação muito forte com esse livro, com as ideias do Wanderley. Outro livro – “A Aula como Acontecimento” –, publicado pela Pedro e João Editores, tem várias publicações mais recentes do Wanderley. Em um capítulo, ele critica como os gêneros são trabalhados em sala de aula. A crítica, essencialmente, é: o gênero discursivo virou conteúdo e isso não mudou o ensino (ou mudou pouco do que podia mudar, considerando as práticas de linguagem). Por quê? Vamos retomar a proposta do autor no livro “O Texto na Sala de Aula”, em que se tem a proposta de ensinar leitura, escrita e análise linguística juntas, condicionadas pelas práticas de linguagem; então, o centro do processo de aprendizagem são essas práticas. Essa proposta dele foi muito importante na década de 1980, inspirou vários trabalhos, e também foi importante para os PCNs<sup>2</sup>, mas entrou nos documentos modificada. Houve avanço, mas o que a gente tem hoje ainda é menos o enfoque nas práticas de linguagem e mais o ensino conteudista. Então... o que acontece? Quando o gênero vai para a sala de aula, isso poderia ser um aspecto positivo. Seria o momento de se trabalharem as práticas de linguagem a partir dos gêneros e com eles, colocar enfoque na prática. Qual é a diferença em relação ao enfoque no conteúdo? É trabalhar os problemas que os alunos trazem em suas práticas de linguagem e não trabalhar aquilo que é o “conteúdo do dia” na sala de aula. Então, por exemplo, se poderia propor a produção de

um texto (como uma charge) a partir de uma questão que apareceu na sala de aula por causa de outro texto (como um meme), que um aluno trouxe, relacionado a tema que é discutido no dia a dia (por exemplo, a pandemia do COVID 19). Vamos supor que tivéssemos essa discussão na

sala de aula e esses encaminhamentos da aula fossem realizados. Então, os gêneros vão aparecendo nas práticas de linguagem dos alunos, nos espaços em que eles vivem, ou seja, a partir da convivência que eles têm a linguagem, seus letramentos - essa convivência é válida para a sala de aula. A partir disso, podem-se trabalhar as práticas de leitura e escrita e de análise linguística. Esta, a partir dos textos dos próprios alunos. Essa é a proposta que está no livro “O Texto na Sala de Aula”. E o que a gente tem, hoje, nos materiais didáticos? Em alguns, temos algo bem próximo disso. Por exemplo, eu trouxe aqui para vocês um trecho da coleção “Veredas da Palavra”, direcionada ao ensino médio. Recentemente, no meu pós-doutorado, analisei essa coleção. Vejamos o que as autoras afirmam sobre a seção “Roteiro de Avaliação”:

“Em todos os capítulos de Produção de texto são apresentadas orientações específicas para a produção e socialização dos diversos textos orais e escritos, além de um Roteiro de avaliação desses textos. Dessa forma, as produções escrita e oral não se limitam a uma execução simplificada e repetitiva”

Veja que esse trecho aponta para uma atividade de produção de texto situada. Isso é bom em que sentido? Quando a gente está pensando em gênero, está pensando em situações “relativamente efetivas”, “verdadeiras”. Por exemplo, se se propõe a produção de um Blog, se pensa que os alunos deveriam usar esse Blog em sala de aula. A gente produz textos que vão circular na sociedade. A gente produz uma carta para alguém da comunidade. A ideia é que os textos sejam situados, não só porque eles têm o contexto de produção, mas que tenham o contexto de circulação. As autoras dessa coleção didática estão preocupadas com isso. Mas algumas das propostas são mais situadas, e outras, menos. Então é nesse sentido que digo que o ensino de língua portuguesa no Brasil não é o ideal, mas melhorou bastante. Se você comparar o que se tinha na sala de aula na década de 1990 e o que temos hoje, vai perceber que caminhamos bastante. No trecho que citei, as autoras também se referem a um roteiro de avaliação, o que é interessante. Em “O Texto na Sala de

Aula”, o Wanderley propõe que, no processo de escrita, se relacione a correção dos textos à análise linguística a partir dos textos produzidos pelos alunos. Já se tratava, nesse livro, de uma proposta de reescrita para melhorar o texto. Isso é uma metodologia de trabalho com texto bastante interessante. A gente tem muita pesquisa sobre isso. E o que eu percebi nos materiais didáticos a que eu tive acesso em minha pesquisa de pós-doutorado, nesse material especificamente, é que a atividade de reescrita foi incorporada nas práticas de escrita. Isso já é um outro ponto positivo. O que eu percebi, nesse material, é que a reescrita é espaço para que o sujeito seja autônomo na escrita. Isso é ótimo! Então as autoras perguntam nas propostas de reescrita: “– Você está dentro do tema? Você acha que o texto está claro? Está adequado ao seu interlocutor?”. Excelente, elas fazem um roteiro de avaliação para que o aluno venha a melhorar o próprio texto, pensando na situação de produção de texto. Só que desaparece a figura do professor nesse processo de correção do texto do aluno. De maneira geral, não só para o Wanderley, mas também para a Raquel Fiad, que trabalha com a Linguística Aplicada e tem várias publicações sobre a reescrita, essa relação do professor com o texto do aluno é fundamental para ajudar o aluno nesse processo de aprendizado da escrita. O que é ruim nesse material é que o professor desaparece. Isso é típico de livro didático. Talvez a gente tenha dificuldade de fazer material didático sem desvalorizar a atividade do professor. Parece que, muitas vezes, o autor do livro toma o lugar do professor. Isso me parece ser um problema sério.

**Marilurdes Cruz Borges** – Antes de você falar um pouquinho disso, fiquei aqui pensando no material didático. Se a gente pensar nessas novas tecnologias. Elas não chegam pra todos e isso ficou muito visível por conta do momento que estamos vivendo. Quanto às novas tecnologias, nós temos outros formatos para esses materiais, pensei no hipertexto. Você acha que um novo formato de material didático, por meio dessas tecnologias, utilizando o hipertexto, pode contribuir para a qualidade leitora, do aluno?

**Marina Célia Mendonça** – Sim... acho que é um caminho, Marilurdes. A BNCC propõe o trabalho com a linguagem digital, com gêneros digitais – atividade ligada aos multiletramentos, que pressupõem o acesso a diversas linguagens, entre elas as em meio digital. No Brasil, novamente, vamos esbarrar no problema de investimentos em educação,

para que se possa ter efetivamente esse trabalho com linguagem digital na escola: laboratório de informática, acesso à internet. Para usar a internet na sala de aula, todos teriam que ter celular para usar. Se o material didático fosse adaptado para essa situação seria bom, mas



não sei se vamos chegar a esse material didático tão cedo. Veja o caso dos memes. Meme é um gênero que circula especificamente nas redes sociais e ele já chegou às escolas. Eu e uma orientanda (Marina Totina de Almeida Lara) redigimos um artigo que foi publicado na Revista Bakhtiniana neste ano.

Nossa hipótese era que os materiais didáticos não estavam incorporando esse gênero. O meme é um gênero que apresenta uma temática atual e pontual; e o material didático é feito para funcionar por alguns anos. Como um gênero com tema tão atual, tão pontual, vai para o material didático? Encontramos o meme no material da Rede Pitágoras e descobrimos que é transformado quando é incorporado pelo material didático. Nesse caso, você não tem um meme falando de algo da semana anterior, você tem um meme com temática mais geral, que perde um pouco o caráter do acontecimento, como esse que estamos vendo.

**Marilurdes Cruz Borges** – Transformando-os em algo mais estável?

**Marina Célia Mendonça** – Sim. Vou dar um outro exemplo que está no nosso artigo. O material didático analisado apresenta esta proposta de produção textual: “Escolha um problema que sua cidade apresenta e escreva um texto no caderno ou em um editor de texto no computador, como se fosse postá-lo no Facebook, denunciando a situação. O seu destinatário será a prefeitura do município. Se possível, selecione uma imagem ou um vídeo para ser postado junto ao texto”.

Há preocupação nesse material em levar para os alunos a prática de linguagens nas redes sociais. Mas veja, há um problema – “escreva um texto no caderno ou em um editor de texto no computador, como se fosse postá-lo no Facebook” -, por que não trabalhou com o Facebook, propondo a criação de uma conta para que os alunos postassem o texto, efetivamente? Continua sendo um “faz de conta”. Isso é um problema. Aprende a fazer postagem em Facebook, mas não posta no Facebook. Isso é enfoque no conteúdo “gênero” e não na prática de linguagem. Essa é a crítica que o Wanderley faz. Temos outro exemplo retirado do mesmo livro didático: “Agora é sua vez de essa postagem tornar-se um tweet: reduza o post da atividade anterior que você escreveu para o Facebook, a 140 caracteres, como se fosse postá-lo no Twitter”. Aqui o aluno sabe o que é fazer um tweet, mas não está fazendo efetivamente. Essa é uma questão que só vai ser resolvida quando os alunos estiverem usando de fato as redes sociais na sala de aula como práticas de linguagem. Neste sentido, pode ser que o material de que você está falando, Marilurdes, permita essas atividades. Só que acho que a gente está um pouco longe disso, pensando no investimento que há nas escolas. Temos muito que caminhar ainda, nesse sentido. Não é culpa dos professores. A situação de distribuição de renda no Brasil é perversa. Mas os materiais didáticos melhoraram. Eles trazem essas atividades, e alguns deles são melhores. No caso aqui citado, a proposta de produção textual está sem contexto, porque propõe fazer um texto no Facebook, mas não é no Facebook. Já na coleção “Veredas da Palavra” tem uma proposta muito interessante de produção textual, em que as autoras sugerem que os alunos criem um Blog e sugerem, no manual do professor, que o professor acompanhe, durante os meses, as postagens dos alunos, de forma a conferir se os alunos estão alimentando o Blog. Quer dizer: de fato é Blog que os alunos deveriam criar. Mas nesta coleção - “Veredas da Palavra” - as propostas de produção de textos literários são piores, infelizmente, porque são as menos situadas. Por exemplo, pede-se para produzir conto ou poema sem definir contexto de leitura, quase que se tem nesse caso um leitor

universal.

**Assunção Aparecida Laia Cristóvão** – É qualquer destinatário! Não há um destinatário real.

**Marina Célia Mendonça** – É! Uma imagem da literatura descolada do uso. Podia ser diferente. Por exemplo, podia ser proposta a redação de uma crônica para publicar no jornal da cidade. Por isso digo que temos muito a fazer para efetivar as práticas de linguagem em sala de aula. Mas vejo um movimento positivo nos materiais didáticos, e até mesmo na formação de professores, porque começamos a trabalhar nos cursos de Letras as questões discursivas (de gêneros, de estilo) relacionadas ao ensino, à Linguística Aplicada. Mas tudo isso é ainda novo nos estudos de Letras no Brasil. Então, eu acho que as mudanças são lentas, mas vejo um movimento a favor da mudança. Lembro que, quando comecei a lecionar, a gente tinha materiais didáticos em que as aulas de gramática eram com frases. E por falar em gramática: me parece que é o que a gente ainda tem de pior nos livros didáticos, pois tem muito ainda para melhorar, porque está ainda bem conteudista, o ensino e aprendizagem pouco relacionados aos textos dos alunos – votemos àquela questão do trabalho do professor com o texto do aluno, de que fala o Wanderley. Não há a questão da análise linguística de aspectos que aparecem nos textos dos alunos, como uso de pontuação e de conjunções, por exemplo. O livro didático ainda aparece como aquela coisa engessada. É a velha história de o professor ficar preso no livro.

**Marilurdes Cruz Borges** – Então, Marina! Levando e aproveitando isso que você falou, a questão do gênero e o uso que se faz do material didático, queria que você falasse um pouquinho essa questão de autoria, não só a questão do aluno de ter o seu lugar como autor, até mesmo porque, grande parte dos nossos alunos presentes aqui hoje, são alunos da pedagogia. Também temos alunos de letras e do programa de linguística. Pensando também no professor como autor. Se ele usa o livro didático só como instrumento, ele aparece? Como a voz dele aparece em uma aula de leitura? E o aluno? Fala um pouquinho dessa relação. Ficou claro?

**Marina Célia Mendonça** – O que a gente espera na produção de texto é que se tenha um texto efetivo. O que seria um texto efetivo? Um texto que tenha um autor, um destinatário, que vá circular em uma



determinada situação. Bem, vamos supor que você está fazendo um artigo de opinião ou um poema, espera-se que o texto traga as marcas dos sujeitos que enunciam nesse texto. Agora se a gente vai chamar isso de autoria ou não, vai depender dos lugares teóricos em que a gente está. Tem várias teorias sobre autoria. Tem a análise de discurso francesa, que não tem uma posição só. Bakhtin quando fala de autoria, é outra questão também. Acho muito difícil falar de autoria na escola. O mais importante que a gente deve pensar, na questão de produção de texto, é que a gente permita que o aluno que está escrevendo apareça no texto. Porque tem um trabalho de um “eu” sobre o outro, sempre. É importante dar a voz para o aluno. Na hora de produzir um texto, você está dando voz para o aluno. Independentemente se a gente vai chamar isso de autoria ou não. Isso é o mínimo para se construir uma relação positiva e crítica do sujeito com a escrita. Que ele possa pensar: “Este texto é meu. Estou aqui colocando o que eu penso, levando o meu leitor a um posicionamento”. Tem um trabalho de construção do texto, que é um trabalho de um sujeito com outros textos, com outros discursos, para que ele diga o que ele quer dizer, naquela situação precisa. Destituído desses aspectos, acho que o texto perde muito. É claro que em situações de prova, ENEM, vestibulares, isso ainda fica muito mais prejudicado. Mas de toda forma isso é uma questão muito importante, desde sempre, nas atividades de escrita. Isso, também, com as crianças. As crianças que estão sendo alfabetizadas já produzem textos. Muitas vezes se vê mais envolvimento das crianças na produção de textos do que dos adolescentes, porque vão perdendo a graça com o texto, o texto fica restrito a modelos, o professor é quem escolhe o gênero, em alguns casos até as expressões são sugeridas, tendo tanta imposição que o texto deixa de ser uma prática de linguagem – que tem um sujeito com um projeto de dizer, que enuncia para outro sujeito, numa situação precisa. Isso é o básico para que essa relação do sujeito com a escrita seja produtiva. Acho que faltam situações de escrita na sala de aula que tenham esse envolvimento do sujeito com o texto. Talvez porque, muitas vezes, se deixa de trabalhar com projetos. Quando você tem um aluno que está envolvido com um projeto, o texto a ser produzido está inserido nele, está presente na comunidade, tem função social, tem relação com coisas que o aluno leu, coisas que ele está fazendo no projeto. Então, o texto é parte de uma atividade de linguagem mais ampla que está sendo desenvolvida dentro de um projeto. Mas, muitas vezes o que se tem na sala de aula é: “Hoje vamos escrever sobre o X” ou “Hoje vamos



aprender sobre o gênero tal”, isso deslocado de um contexto em que na sala de aula está sendo desenvolvida uma questão e com esta questão, se vai chegar a algum lugar. Então, o texto tanto lido como escrito, faz parte de um conjunto de atividades que estão sendo desenvolvidas. Então, faz sentido escrever. Me parece que há a prevalência de trabalho com projetos na educação de crianças, mas quando se chega à adolescência estes projetos ficam à margem. Talvez por causa do livro didático. Aí, nesse sentido, os livros didáticos talvez continuem como vilões.

**Marilurdes Cruz Borges** – Achei muito importante isso que você falou. Vou até retomar isso depois nas minhas aulas, na pedagogia, esses livros seus da linguagem da criança, porque é importante explorar o discurso da criança. Olhar para esse sujeito, na produção de texto; e olhar para esse sujeito é muito importante na formação do professor. E levando, dentro daquilo que eu coloquei, levando essa voz do aluno, pensando no discurso bakhtiniano, essa voz do aluno que aparece no texto, e penso na voz do professor, no gênero aula também.

**Marina Célia Mendonça** – É, seria a situação em que o professor toma pra si a aula e usa o material do jeito que acha adequado usar sem ter que seguir todo o material, para não ficar necessariamente preso, e nesse caso o livro didático é algo que ajuda o professor. Mas tem que se um professor que circule à vontade na sala de aula com a linguagem, que vai criar. Acho que essa é a questão! A gente que é professor cria o tempo todo. Eu acho essa questão de autoria muito interessante, apesar de que a noção de autoria em um material didático que analisei recentemente praticamente não apareça. Fiquei até assustada, porque a questão de autoria é importante. Embora tenha sido apresentada no Plano Nacional do Livro Didático do ensino médio, fiquei bastante surpresa pela noção de autoria não estar no livro didático que analisei. Também porque nos critérios de correção do ENEM tem autoria e índice de autoria. Estão ressignificados: está diferente do que o Sírio Possenti propõe como índice de autoria e do que a Eni Orlandi propõe como autoria. Então o ENEM já ressignifica o que está nas teorias de discurso praticadas no Brasil, e leva a autoria para o critério de correção de redação, modificada, mas aparece lá nos os critérios. Os alunos do ensino médio, de escolas públicas e particulares, fazem parte do universo dos que vão participar do ENEM e não dá para as escolas fazerem de conta que ele não existe. Evidentemente, o ensino médio não pode se centrar em

vestibular ou ENEM! O ensino tem outros objetivos. Só que existem, no universo desses alunos, essas provas. Então não dá para fazer de conta que não existem. Por isso, fiquei bastante surpresa com a ausência desta discussão no material que analisei. A noção de protagonismo é uma outra noção relevante e que aparece nos PCNs e na BNCC. Talvez, essa noção de protagonismo esteja associada de alguma forma com a autoria, na atividade escrita. Mas ela é mais ampla. Tem a ver com o sujeito crítico, autônomo, que toma decisões, mas ela aparece muito pouco também nos materiais. Fica a sugestão para a gente explorar um pouco mais essas questões: do sujeito que se coloca no texto, seja ele autor, protagonista, crítico, ou outro nome que a gente queira dar. Eu acho que esse é o objetivo do ensino, “formar” essas pessoas, e não centrar as atividades em conteúdo ou metalinguagem.

**Assunção Aparecida Laia Cristovão** – Em relação a tudo isso que vocês estão falando, eu fico pensando se nós temos um mundo real e um mundo ideal. Como exemplo, você falou da proposta do ENEM, que valoriza os indícios de autoria nos textos; por outro lado, alguns professores do ensino médio e de cursinhos ensinam redação a partir de uma estrutura engessada para o vestibular. Nós temos essa proposta de práticas significativas, mas também, por outro lado, nós temos professores que insistem no ensino de língua portuguesa baseado na gramática. Então, eu fico pensando: até que ponto, por parte dos próprios professores, se caminha em direção contrária a essas propostas?

**Marina Célia Mendonça** – Sim, sem dúvida! O professor pode fazer o que quiser com o material didático. O material didático serve para trabalhar com práticas de linguagem e com gramática tradicional, porque se pode valorizar uma coisa ou outra no material. Precisamos de uma formação docente que mostre a importância das práticas de linguagem pra desenvolver a linguagem dos alunos, porque quando o professor tem consciência disso, ele vai trabalhar essas práticas. Então, acho que o enfoque deve ser na formação de professor. Eu tenho a absoluta convicção de que os alunos melhoram seus textos quando a gente trabalha sobre os textos deles. Agindo como interlocutor, e o aluno corrigindo, melhorando, e às vezes até mudando de ideia. Fiz isso por muitos anos, há uma melhora muito grande quando se trabalha os textos deles. É por causa desta convicção que, desde quando eu comecei a dar aulas, procuro a fazer isso. É pensando nisso que acho que nós temos

que formar professores. Por isso a área da pesquisa é importante, porque ela faz parte da formação do professor, para ajudar a construir essas convicções. Por que a criança aprende na produção de texto a lidar com a linguagem? É porque é na linguagem que a criança aprende essa relação com o outro. Por isso a gente precisa desse uso e desse diálogo. Então, se o professor tem essa consciência, em sala de aula, não há problema em dar aula de gramática. A questão que ele se colocaria é: “Em que isso vai servir para meus alunos?” Dependendo do enfoque dessa aula de gramática, não enfocaria o uso da língua, seria uma questão sobre metalinguagem. Por outro lado, ele poderia se questionar: “Como vou trazer o uso pra sala de aula? Como é que essa aula de pontuação – supondo que esteja trabalhando esse “conteúdo” - vai servir efetivamente para que eles pontuem melhor os textos deles?”. Eu acho que o professor que pensa que precisa trabalhar o uso da língua, as práticas de linguagem, precisa fazer essa passagem. Como a Assunção falou: o professor deve saber da importância desse processo para a melhora dos textos. E em relação ao processo de leitura, é importante o professor saber como o sujeito lê: O que ele precisa para ler um texto? Quais as atividades que ele está desenvolvendo quando está lendo um texto? Tudo isso tem a ver com a formação desse professor que vai para a sala de aula, ele precisa saber o que o aluno precisa para ler melhor. Essa convicção é que muda a prática docente. É nosso papel de professor, em contexto universitário, levar isso para eles. Nem sempre os cursos de Letras fazem isso.

**Assunção Aparecida Laia Cristóvão** – É isso, Marina. Vou abrir para as perguntas (dos participantes). Não sei se você quer complementar alguma coisa. Antes disso, você citou a Marina Lara e quero dizer que ela está assistindo à entrevista.

**Allan Radi (aluno do PPGL)** – Boa noite, professora Marina! Boa noite, Assunção, Camila, Marilurdes. Sou aluno da UNIFRAN, do doutorado em linguística. Fiz o meu mestrado por lá e minha graduação em letras também. E gosto muito de trabalhar na formação continuada de professores. E uma das coisas que eu gostaria de montar, agora, no doutorado, é um curso para professores, pensando nestas questões, porque temos várias obras à disposição. Nós temos, por exemplo, o “Preconceito Linguístico”, do Marcus Bagno. Nós temos, “Por que (não) ensinar gramática”, de Sírio Possenti. E formular, a partir disso, algumas

reflexões possíveis sobre o ensino normativo de língua portuguesa na escola e levar para os professores, principalmente para os professores que estão há algum tempo afastados da formação, algumas reflexões de como ter um processo de ensino mais consciente, na atuação como professores. E gostaria de ouvir você um pouquinho por onde começar tudo isso, para dar o início de raciocínio para essa pretensão de um possível minicurso que eu tenho aí...

**Marina Célia Mendonça** – Allan, minha sugestão é você focar práticas. A variação linguística é parte estilística dos textos. Os diversos gêneros vão manifestar as diversas facetas das variações linguísticas. Tanto a variação regional (a questão dos dialetos), quanto a questão da variação estilística (formal, informal, os gêneros que se apropriam de um estilo mais oralizado...). Essa questão da variação linguística é importantíssima como fato de linguagem. Pensar na questão estilística dos textos, com os quais se pode trabalhar na sala de aula, é um aspecto importante. A questão da variação pode interferir na produção de sentido, portanto, nas atividades de leitura. Faz diferença usar uma expressão mais ou menos informal? Faz diferença usar uma palavra ou outra, no uso da linguagem? Claro que faz! A gente sabe que faz. Isso em termo de sentido. Mas tanto para as questões de leitura, quanto para as de produção de texto, se pode focar a variação linguística nas práticas. Por exemplo, na produção de textos, vai usar que linguagem? Como você vai se dirigir ao outro? Esse tipo de trabalho vejo pouco nos materiais didáticos - uma orientação para como usar a linguagem para produzir efeitos de sentido tais, naquele gênero que se está produzindo naquele contexto. Então, não ficaria dissociado um ensino da metalinguagem (que são as noções de variação linguística, por exemplo), da leitura e produção de textos. Está tudo amarrado! Porque esta questão da modalidade, do estilo e do dialeto vai afetar tanto as atividades de leitura quanto as de produção de textos. Minha sugestão é você tentar amarrar tudo isso nestas propostas. Mostrar para o professor que é possível amarrar e não separar.

**Assunção Aparecida Laia Cristóvão** – Marina, eu queria ouvir uma opinião sua a respeito de um assunto que não tem exatamente a ver com o nosso tema de hoje, mas acho que é um assunto que nos angustia, que nos preocupa. Nós tivemos nestes últimos dois anos muitos cortes na educação, principalmente na área de ciências humanas. Quais são os reflexos dessa situação? O que pode acontecer a partir desses

cortes, pensando-se na questão do ensino, na questão de formação de professores, num futuro não tão distante?

**Marina Célia Mendonça** – A situação é muito complicada, porque, no caso dos cortes nas ciências humanas, inclui os cursos de licenciatura. É muito complicada, porque sem esses investimentos a nossa pesquisa diminui e diminuem muito as nossas possibilidades de atuação, de publicação. É um problema seríssimo. Se isso perdurar, esse “período negro”, acho que vou perder as esperanças. Tudo que coloquei aqui é acreditando que podemos melhorar, que é preciso investir em formar cada vez melhor o professor, que é o lugar da mudança. Mas nós temos que ter do Estado pelo menos um mínimo de apoio. É muito triste ver o Estado “brigando” com as ciências humanas, como se elas não fossem importantes para a nação; brigando com a filosofia, com as ciências sociais. No CNPq, somos a área “Linguística, Letras e Artes”, mas a gente se identifica com as ciências humanas, em que está a “Educação”. É muito assustador o que está acontecendo. A gente tem as bolsas de iniciação científica do PIBIC que tinham que estar relacionadas àquelas áreas prioritárias que não tem a ver com ciências humanas. Isso já diminui muito os investimentos dentro dos cursos de graduação ligados às ciências humanas. E essa é a pior coisa que a gente pode ter, porque a pesquisa dentro desses cursos é muito importante para a formação dos estudantes. Esse corte foi um indicativo e isso acho preocupante para o nosso futuro, para o nosso trabalho.

**Vera Rodella Abriata** – Boa noite a todos! Marina, eu gostaria que você falasse um pouquinho sobre sua prática na UNESP em relação aos alunos de graduação em Letras. Neste semestre eu dei uma disciplina – “Prática de leitura e escrita” – para o primeiro ano de Letras. Gostaria de saber da sua experiência sobre esse tipo de disciplina, tendo em vista que você já deu aula aqui na UNIFRAN e você sabe que nossos alunos são oriundos de escolas públicas e têm dificuldades na própria aquisição da norma culta, na aquisição dos gêneros e gostaria que você falasse da sua experiência em relação a isso para que eu pudesse ter um parâmetro e observar como é que eu agi, tendo seu parâmetro de especialista nas práticas e na perspectiva bakhtiniana?!

**Marina Célia Mendonça** – Vera, obrigada pela sua pergunta! Que bom falar aqui com você. Muitas saudades. Nós temos aqui no nosso

curso de Letras – “Leitura e produção de textos I e II” – no primeiro ano de Letras. Quando a gente vai trabalhar com gêneros acadêmicos com os alunos, eles ainda não conhecem. Então, nosso papel é introduzir o trabalho com esses gêneros acadêmicos com eles. Como fazer um Resumo para apresentar em um congresso, por exemplo. Quando a gente vai dizer isso para eles no primeiro ano, por um lado é positivo, porque por um lado você apresenta a eles esse gênero, mas por outro lado, ele ainda não tem uma vivência desse gênero. Então, existe uma dificuldade. Por um lado, é bom que isso aconteça no começo de um curso, mas talvez fosse importante que houvesse mais “investimento” nos cursos para dar uma continuidade com estudos e trabalhos de leitura e produção de textos acadêmicos. Por exemplo, ao longo dessas disciplinas que temos na Unesp os alunos vão tendo acesso à resenha, ao artigo científico. Eles têm acesso a esses gêneros, mas vão desenvolver uma relação com esses gêneros ao longo do curso de Letras. E um semestre para você fazer isso é muito pouco, porque isso é a base para o curso todo. Realmente, acho que há uma dificuldade, porque muitas vezes eles não têm o conhecimento dos gêneros antes de entrar na universidade. Em relação aos problemas de escrita, quando eu assumo a disciplina, procuro fazer com que os alunos retomem os próprios textos, troquem os textos com os colegas, discutam os textos. E os alunos me ajudam nesse diálogo, porque fica muito difícil a gente fazer isso sozinha em uma turma numerosa. E isso dá pra fazer aqui, pois a gente divide a turma nas aulas de “Leitura e Produção de Textos”. Mas mesmo assim, acho que deveria ser um trabalho mais continuado, porque só em um semestre ou dois não é suficiente. Inclusive, quando eles chegam à universidade, chegam com uma história de escrita muitas vezes insuficiente. Têm muita baixa-estima com o texto que produzem, até você construir neles a possibilidade de escrita de qualidade, que eles conseguem e que podem se colocar nos textos, demora um tempo, porque eles chegam com o modelo estereotipado do texto dissertativo e, assim é difícil construir uma outra imagem de texto e autor.

**Vera Rodella Abriata** – Ótimo, Marina! Já que estamos aqui com vários docentes que vão ministrar aulas e já ministram aulas no curso de Letras, eu gostaria de propor que a gente fizesse cursos de extensão. Eu acho os alunos muito interessados, e eles me falaram isso na avaliação do curso. Eu ministrei duas disciplinas que são complexas para eles, porque refletir sobre a literatura para quem não tem uma base de leitura é bem

difícil. Só que eles disseram isso – “encontramos dificuldades nas duas disciplinas, mas são aquelas que a gente mais gostou”. Então, perante isso, a gente fica se sentindo responsável para ajudá-los, já que eles gostam, mas não dominam. Então, proponho aqui que a gente ministre cursos de extensão para dar continuidade ao domínio dos gêneros de escrita, porque, afinal, eles serão professores de letras daqui a três anos.

**Marina Célia Mendonça** – O que eu senti que foi interessante, em um semestre, foi um relato de experiências. Isso para começar as atividades da disciplina. Eles me escreviam sobre as experiências progressas deles com a leitura e a escrita - e a gente fazia uma discussão sobre o porquê de eles não gostarem de ler; do porquê de eles terem dificuldades com a escrita; teve um monte de relato muito interessante e daí fiz um livrinho. Pode parecer até meio infantil, mas quando eles chegam no primeiro ano, chegam ainda com toda essa memória que prejudica muito. Foi muito legal quando eu fiz isso, porque eu acho que foi importante para quem estava chegando; para pensar um pouco o que havia acontecido lá atrás e o porquê de ter sido ruim; o que podia melhorar e como podia melhorar... Então, essa relação do sujeito com a escrita e com a leitura é uma questão muito emocional, afetiva; mexe com a autoestima. Eles se questionavam se eram leitores ou não; se eram capazes ou não para a leitura; capazes ou não para a escrita. Então, é preciso trabalhar com isso, mostrar que é possível, que não existe a ideia – “quem nasceu pra isso” –, é preciso mostrar que todo mundo pode fazer, que nós somos sujeitos de linguagem. Essa foi a experiência mais positiva que eu tive. Quando propus esse “relato de experiência”, que virou livro, e que todo mundo teve acesso, foi importante para socializar esses sentimentos, as angústias e, eu como professora, tentei mostrar para eles que era preciso superar essa história, porque todo mundo pode ler e escrever. A leitura não é uma coisa que está fora do horizonte; é algo possível para todo mundo. Tanto a leitura, quanto a escrita. Mitifica-se muito quem escreve – como se a escrita fosse para poucos. Essa é a ideologia da escrita. As pessoas chegam na universidade achando que não vão chegar lá, que não vão conseguir, que não vão escrever bem, que não são capazes de escrever um “conto”. A gente encontra isso nos cursos, mesmo nos cursos de Letras.

**Vera Rodella Abriata** – Obrigada, Marina! Fica aqui então essa proposição. Que a gente possa aproveitar essa sua experiência ao longo



do curso aqui. Mesmo que eles não tenham mais essa disciplina; que é um absurdo dar em apenas um semestre. Obrigada!

**Assunção Aparecida Laia Cristóvão** – Marina, a Thayza vai fazer a pergunta e depois vou ler a pergunta do Luiz pra você.

**Thayza (participante)** – Oi Marina! Tudo bem? Gostei muito da sua fala quando você falou sobre a má distribuição de renda, porque no ano passado eu passei por esta situação no contexto de alfabetização de uma criança que estava no quinto ano que não conseguia ler e escrever, ainda. Era uma situação de que ela tinha que olhar os irmãos mais novos e que não tinha um ambiente que oferecesse e ajudasse no processo de alfabetização. Ela, com nove anos, não conseguiu se alfabetizar, ainda. No ano passado eu trabalhei como professora de reforço. Então, cheguei para esta criança e perguntei: “– O que está acontecendo?”. Ela me disse que assistia a Galinha Pintadinha o dia todo. Pensei no contexto e imaginei – “vou ter que usar a Galinha Pintadinha com uma pré-adolescente para mostrar para ela o sentido da palavra”. Eu queria perguntar isso; fui por esse caminho; vi o contexto da casa dela; e pelo contexto da escola ela não deu conta. Existem outras cinco crianças que também não acompanham o processo de leitura e escrita; isso por conta desse fator – o contexto. E muitas vezes essas crianças são deixadas de lado. Gostaria que você esclarecesse... Como que o professor deve lidar com isso? Porque o aluno não quer dar conta com o professor de reforço; ele quer ser alguém dentro da sala de aula. Eu gostaria que você falasse um pouco sobre isso. Obrigada!

**Marina Célia Mendonça** – Thayza, falhou um pouco o som. Não entendi tudo o que você falou. Se eu não te responder, você volta e me pergunta de novo. A gente tem casos particulares. Nesse caso vale pensar se a criança se sente acolhida. A relação com a leitura e escrita é uma relação muito pessoal também. Mexe muito com a pessoa; com a autoestima. Uma outra questão é se essas crianças se sentem excluídas. Também tem a questão da idade. Ela está na pré-adolescência; com a relação com o outro; da relação com os colegas. É um problema muito difícil. Não é um problema só para o professor. Tem que ter um acompanhamento. Acho ideal que os alunos devam estar integrados na sala de aula. Fazer atividades em grupo, que integrem com o colega, que o colega ajude. Acho que o caminho precisa ser esse. Se não, ele vai se



sentir cada vez mais excluído. E para “chegar lá” tem que ter acolhimento da diferença. A gente sabe. É difícil na escola fazer o colega entender que o outro não está no mesmo momento da escrita, da leitura; que ele precisa de ajuda; que ele não é mais inteligente ou menos inteligente por causa disso; que todo mundo passou por isso; que todo mundo “chegou lá”. Então, muitas vezes se lida com essas questões como “incapacidade”, e não como um processo que ele precisa de tempo pra “chegar lá”.

**Assunção Aparecida Laia Cristóvão** – Marina, o nosso aluno Luiz Alves de Souza pergunta o seguinte: “ – Prezada professora Marina, prazer em revê-la. Gostaria de ouvir algum comentário seu sobre o ensino de produção textual em línguas estrangeiras. Talvez alguns trabalhos em conjunto com professores de português. Alguma experiência nesse sentido. Trabalho especificamente com o inglês”.

**Marina Célia Mendonça** – Boa noite! Também fico feliz em revê-lo. Eu não trabalho com língua estrangeira, mas a orientação do sujeito para trabalhar com o texto, com gêneros situados, com práticas, são as mesmas. O ensino de língua estrangeira tem ficado cada vez mais situado, com o uso das práticas linguísticas do cotidiano. Quando você vai viajar e precisa de informações de lugares para onde você vai; então, são situações cotidianas que você tem no seu ensino. Que você seja capaz de ler textos na internet em outra língua; que não precise ficar indo ao Google Tradutor o tempo todo. Nós, no uso da internet, temos acesso a muitas línguas. Com o inglês, seria muito bom se você pudesse circular – lendo gêneros – e que pudesse participar de grupos de usuários de inglês proficientes nas práticas de linguagem. Considerando a concepção de ensino, em termos gerais, não precisa ter uma diferença entre ensino de língua materna e língua estrangeira - a gente sabe que os falantes aprendem a língua usando a língua. No caso de produção de texto em língua estrangeira, eu tenho visto que existem práticas muito deslocadas do uso nos materiais didáticos. Esses materiais internacionais que chegam às escolas de idiomas chegam bem “formatadinhos” – bem mais que os materiais didáticos nacionais, isso eu acho um absurdo. Quando isso migra para a sala de aula dos ensinos fundamental e médio é um contrassenso. O ideal seria que se usasse a linguagem cotidiana, nas práticas do uso da língua, tanto na fala e na leitura, quanto na escrita. Então, seria interessante ler textos que circulam na internet. Tem tanta coisa acontecendo que circula nas mídias que a gente pode levar para a

sala de aula e fazer essa experiência. Tanto para ler como produzir textos efetivos em língua estrangeira.

**Camila de Araújo Beraldo Ludovice** – Mais alguém tem alguma pergunta? Pode falar Elaine.

**Elaine Martins dos Santos Silva (aluna do PPGL)** – Oi professora Marina! Tudo bem? A palestra está sendo sendo muito produtiva e só quero agradecer. O que eu sinto, na minha área, de Redação, é que os alunos têm muita dificuldade de escrita, talvez porque tenham pouca leitura. O ENEM exige conhecimentos de outras áreas, e os alunos têm pouco repertório cultural, talvez por falta de leitura.

**Marina Célia Mendonça** – Sim... leitura e escrita devem caminhar juntas. Uma leva à outra. Não só a leitura leva à escrita, mas a escrita pode levar a outras leituras, a outras escritas e leituras em movimento. O professor Geraldi, por exemplo, propõe a inversão da flecha. A flecha da leitura para a escrita coloca a escrita como produto final das atividades. Mas na verdade não termina aí. Da escrita você pode ir a leituras de outros textos. Então, no curso de redação, como você disse que está fazendo, você tem a oportunidade de trabalhar mais livremente essas práticas. Eu tive a felicidade, quando tive o “Ponto-e-Vírgula” (cursinho de redação), que durou quinze anos, de fazer esse trabalho de forma muito livre. Foi muito interessante para meus alunos e acho que foi também pra mim. Eu me sentia bastante satisfeita com o trabalho. Eu realmente levava a leitura para os grupos, das coisas que eles realmente precisavam, a gente escrevia, reescrevia, voltava aos textos. Esse trabalho mais pessoal com o aluno pode gerar bastante fruto positivo. Mas para fazer isso em uma sala de aula com mais alunos, o professor teria que ter mais apoio do Estado.

**Elaine Martins dos Santos Silva (aluna do PPGL):** – Eu acredito que essa proposta funciona muito mais no aprendizado deles porque, quando estamos em uma escola que não dá abertura para os professores trazerem inovações, quando se está muito preso, não conseguimos despertar a criatividade do aluno.

**Marina Célia Mendonça** – Então, a gente acha que a gente não pode fazer isso na sala de aula, mas a gente pode. A questão é que às vezes o professor fica muito preso àquele trabalho com o material

didático, e não consegue se livrar dele. Essa é a questão!

**Camila de Araújo Beraldo Ludovice** – Marina, o Luiz Alves de Souza agradeceu sua resposta no chat e colocou um complemento aqui: “Outra questão seria um comentário seu sobre a produção textual com alunos surdos, porque agora esses alunos estão na Rede Regular de Ensino, pelo menos em Minas Gerais”.

**Marina Célia Mendonça** – Luiz, eu não conheço Libras. Posso sugerir que você procure uma colega daqui de Araraquara, a professora Angélica Rodrigues, que trabalha com Libras - temos alunos surdos em nosso Programa de Pós-Graduação e ela está com um projeto de pesquisa na área. Então, se você quiser eu posso te encaminhar algumas coisas que ela está escrevendo – e encaminho também o contato dela se você quiser; pra você ter mais apoio sobre essas questões.

Luiz, uma coisa que eu me esqueci de falar para você é sobre o exame que nós temos de proficiência em língua portuguesa, o Celp-Bras. Nele, há o enfoque na questão dos gêneros e no uso efetivo da língua nas relações do cotidiano, na interpretação de trechos de matérias jornalísticas, por exemplo. Ele é elaborado por linguistas brasileiros. O que destoa de exames que são feitos lá fora. A gente tem uma relação próxima entre o trabalho com a língua materna e com a língua estrangeira.

**Camila de Araújo Beraldo Ludovice** – Obrigada, Marina. Outro comentário é da nossa aluna de pedagogia, Daniela Cristina que diz assim: “– Boa noite! Infelizmente entrei na graduação com este pensamento, de que a escrita acadêmica era para poucos. Porém tive experiências muito boas nas aulas em relação a isso. Tanto no aspecto leitura, quanto escrita acadêmica. Vejo o empenho muito grande dos professores da pedagogia de entenderem que os alunos chegam com essas dificuldades e nos mostram como alcançar êxito. Como futuros pedagogos estamos sendo levados a refletir sobre as práticas de leitura e escrita e este espaço que estamos tendo aqui, tem sido de grande crescimento”. É mais um comentário. Não seria uma pergunta!

**Marina Célia Mendonça** – Acho muito importante que no curso de pedagogia haja este estudo sobre linguagem, pois nem todo curso de pedagogia abre espaço para a linguística. A relação da criança com a linguagem, os estudos sobre a aquisição da escrita, entre outros, se

somam aos estudos da alfabetização e do letramento. Mas alguns cursos de pedagogia ficam muito presos na questão da alfabetização na formação do professor e não trazem essas outras contribuições que a gente tem já há muitos anos sobre a aquisição da escrita, que mostram que o processo de aquisição da escrita é muito mais amplo que a alfabetização. São nesses estudos que se mostra que o processo é contínuo e que o sujeito, ao longo da vida, vai ampliando as possibilidades do uso da linguagem. Por exemplo: não tem como alguém que nunca lidou com gêneros acadêmicos de repente começar a ler e escrever gênero acadêmico. Existe uma dificuldade imensa de alunos lerem artigos acadêmicos. Se não se domina a linguagem daquela área e nem o gênero, então não se sabe o que procurar no texto, não se sabe nem por onde começar. Nós sabemos, a partir de estudos da linguística, que o sujeito deve explorar esses aspectos para se tornar leitor desse gênero; mas isso demora. Leva tempo para ele entrar nas possibilidades de leituras de gêneros acadêmicos. Não é simples. É demorado. Posso dar aqui um depoimento – quando entrei no curso de letras, tinha muita dificuldade de ler os textos da linguística e não tinha dificuldade de leitura de textos literários. Mas por quê? Por que eu já tinha uma entrada na leitura da literatura. Mas eu não era uma leitora de textos filosóficos nem científicos. Eu sou da geração de quem estudou a gramática tradicional na escola. Eu conhecia esse gênero. Mas eu não conhecia os gêneros científicos (ensaio, artigo). E quem entra na pedagogia, o que conhece de texto de linguística? Talvez nada! Então, quando a gente lê um gênero, precisa de orientação. Precisa de prática e uso. Leva um tempo pra gente se sentir capaz de ler aqueles textos. Então, a dificuldade de leitura é um processo absolutamente normal, pelo qual todo ser humano passa. É preciso formar leitores para lerem e escreverem esses textos sem muito trauma. Porque muitas vezes, essas atividades no curso superior causam traumas no sujeito.

**Marília Achette (aluna do PPGL)** – Oi Marina! Quero agradecer a sua apresentação e compartilhar uma história; justamente, porque foi inspirada por você. Você me deu aula na graduação, de linguística também. Depois que terminei o curso de graduação fui dar aulas em uma escola particular que me possibilitou praticar as ideias que eu havia me inspirado em você. De Geraldi, das referências que você havia trazido para a sala de aula. Então, deu para fazer um trabalho nessa escola, no ensino fundamental, porque a coordenação dessa

escola me deu total apoio, “carta branca”. Não tive que me ater aos livros didáticos; eu também os analisava, já fazia algumas revisões, análises, nada academicamente falando; analisava no ambiente de trabalho mesmo, mais na prática. Foi muito rico o meu trabalho, porque eu pude, naquela época, do quinto ao nono ano, trabalhar os aspectos gramaticais, a leitura, a confecção dos textos, dos gêneros – todos eles interligados e contextualizados. Então, eu fiz isso durante cinco anos, cinco anos de aprendizado, com resultado muito produtivo; muito rico mesmo. Eu dava aula na época nessa escola e à noite na UNIFRAN, no curso de letras; depois que fui para Tradução. E eu compartilhava com meus alunos essas minhas experiências em sala de aula. Depois eu fiquei sabendo que eles começaram a fazer o mesmo. E eu sempre comentava sobre você, e eu acho que esse processo, o ensino da leitura, da escrita, da refacção, da gramática, todas essas práticas precisam, demandam na escola que o sujeito-professor se comprometa realmente, que o coordenador se comprometa e tenha essa visão, os diretores... E eu tive essa grata oportunidade e pude compartilhar isso enquanto fui professora, inclusive na graduação. Eu queria, na verdade, agradecer porque me inspirei em você! Então, muito obrigada! Foi um enorme prazer tê-la como professora e colega.

**Marina Célia Mendonça** – Marília, eu é que agradeço. Você sabe... Você é professora. A melhor coisa é rever os alunos, os ex-alunos, e a relação professor-aluno é muito afetiva e a gente cria laços. Isso é a melhor coisa que há em ser professora. Eu é que agradeço. Fico muito feliz por rever vocês todos. Na verdade, essa relação professor-aluno ajuda muito na formação. Eu mesma, com essa relação afetiva cresci bastante com o Wanderley, que foi meu orientador. Você se identifica, quer fazer do seu jeito, mas tem uma orientação. Essa relação com o professor é muito importante. Nesse momento a gente tem que investir na formação de professor. Investir na formação de professor é criar vínculos também. É criar oportunidade de desenvolvimento profissional, depois. É possibilitar ao professor a situação da pesquisa – que é parte do processo do trabalho em sala de aula. Você estava falando do que você fazia. Isso é uma experiência, um aprendizado. A gente aprende muito com a prática. Em um curso de licenciatura não se aprende tudo que vai acontecer na sala de aula. É com o conhecimento de base que se tem, que se faz a experiência na sala de aula. Sala de aula é assim, por mais que se fale que não fará experiência e se diga que fará um

trabalho técnico. Não existe trabalho técnico com a educação, a aula é um acontecimento.

**Assunção Aparecida Laia Cristóvão** – Marina, participantes, em função do horário, vou encerrar, embora ainda tenhamos muita coisa para falar, inclusive de Bakhtin, sobre quem nós falamos pouco hoje. Em nome do Programa de Mestrado e Doutorado em Linguística, eu quero te agradecer muito. Foi uma honra ter você aqui conosco. Você sabe da sua importância na nossa vida. Eu queria te agradecer por essa oportunidade de te ouvir e agradecer a presença de tanta gente aqui, assistindo a essa entrevista. E te convidar para vir mais vezes à UNIFRAN, de preferência, de forma presencial e poder contar com seu conhecimento. Muito obrigada, Marina! Muito obrigada a todos!

---

## CANÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ENTREVISTA COM PEDRO DE SOUZA

# 2

### SONG IN PANDEMIC TIMES: INTERVIEW WITH PEDRO DE SOUZA

---

**SOUZA, Pedro de**

Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas  
Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina  
E-mail: pedesou@gmail.com  
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4941-5827>

**MANZANO, Luciana Carmona Garcia**

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos  
Docente Pesquisadora do PPG Linguística da Universidade de Franca  
E-mail: [luciana.manzano@unifran.edu.br](mailto:luciana.manzano@unifran.edu.br)  
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5280-4444>

**BOCCHI, Aline Fernandes de Azevedo**

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas  
Docente Pesquisadora do PPG Linguística da Universidade de Franca  
E-mail: [azevedo.aline@gmail.com](mailto:azevedo.aline@gmail.com)  
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4225-743X>

**BARROS, Renata C. Bianchi de**

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas  
E-mail: [renatabiarros@gmail.com](mailto:renatabiarros@gmail.com)  
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-6635-7366>

## RESUMO

Em 10 de junho de 2020, o Programa de Pós-Graduação em Linguística teve a satisfação de receber o Prof. Dr. Pedro de Souza, docente da Universidade Federal de Santa Catarina, para uma entrevista sobre a canção em tempos de pandemia, realizada no ambiente Collaborate Ultra. Publicamos, nas páginas que se seguem, a versão impressa da entrevista. O Prof. Dr. Pedro de Souza é bolsista de produtividade do CNPQ. Em seu doutorado, realizou pesquisa sobre a performance vocal nos ditos e escritos de Michel Foucault. A voz e a palavra cantada são

elementos que dão corpo às pesquisas por ele conduzidas. Em seus atuais projetos, ele investiga a constituição enunciativa e discursiva do sujeito e da voz em narratividades cinebiográficas que perfazem a história da MPB e em documentários sobre a vida de cantores. Nesta entrevista, ele dispõe elementos sobre a voz, o silenciamento, o sussurro e o grito, os quais nos afetam sobremaneira. Articulados às condições de produção atuais, nas quais o cenário que se desenha intensifica desigualdades, dissimetrias e violências em meio à situação pandêmica, Pedro nos presenteia com análises teoricamente consistentes, marcadas pela poética das canções derivadas de seus trabalhos e da força política de suas palavras.

**Palavras-chave:** Canção. Pandemia. Corpo. Voz. Análise de discurso.

#### ABSTRACT

On June 10, 2020, postgraduate linguistics program received Prof. Dr. Pedro de Souza, a professor at the Federal University of Santa Catarina, for an interview about the song in pandemic times, held in the Collaborate Ultra environment. We publish, in the following pages, the printed version of the interview. Prof. Dr. Pedro de Souza is a productivity fellow at CNPQ. In his doctorate, he conducted research on vocal performance in the sayings and writings of Michel Foucault. The voice and the sung word are elements that give substance to the researches he conducted. In his current projects, he investigates the enunciative and discursive constitution of the subject and voice in cinemabiographical narratives that make up the history of MPB and documentaries about the lives of singers. In this interview, he has elements about the voice, the silence, the whisper and the scream, which affect us greatly. Linked to current production conditions, in which the scenario that is being projected intensifies inequalities, dissimetry and violence in the midst of the pandemic situation, Pedro presents us with theoretically consistent analyses, marked by the poetics of the songs derived from his works and the political strength of his words.

**Keywords:** Song. Pandemic. Body. Voice. Discourse analysis.



**Luciana Carmona Garcia Manzano** - Boa noite a todas e todos, sejam bem-vindos a esse ciclo de entrevistas do PPG Linguística da UNIFRAN. Eu sou a professora Luciana Manzano, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e, pra mim, é muito bom ter essa gente conectada conosco, nesse momento que marca a realização de um projeto pensado especialmente para vocês. A ideia de proporcionar um encontro virtual de um ciclo de entrevistas promovido PPG Linguística, em um primeiro momento, é oferecer uma forma um pouco diferente de produção online, em meio a tantas propostas de lives no campo da linguística que seguem trazendo um modelo de comunicação oral muito parecido com o que a gente observa nos congressos científicos de que a gente participa e, considerando o tipo de tecnologia que a gente dispõe nesse momento, é distinto do que geralmente se acessa em um congresso presencial. A gente tem observado que o formato de comunicação científica tende a esgotar o participante online, depois de um certo tempo de concentração. Desse modo, esse modelo de entrevista surge como uma maneira de aproximação entre nós participantes, ouvintes e, também, pesquisadores, e toda a comunidade interessada, com pesquisadores que chegam até nós por meio de leituras formadoras. De certo modo, é uma oportunidade de ver o autor que conhecemos em referências bibliográficas em nossas leituras, nas nossas produções textuais, como artigos, pesquisas e é, também, uma oportunidade de falar sobre o que a gente faz na pós-graduação, divulgar o nosso trabalho para fora dos muros da universidade, muros que já desaparecem nesse formato, no sentido de que mesmo de modo distante nos aproxima e, ao mesmo tempo, permite o armazenamento dos dados, pois vamos gravar essa entrevista e publicar posteriormente. Isso promove possibilidades de dispersão e, é importante dizer aqui, que as pesquisas desenvolvidas nas universidades são base para elaboração de práticas sociais e de políticas que vão fazer efeito sobre a vida de todos nós, ou seja, no nosso caso, as pesquisas que envolvem as práticas de linguagem na sociedade estão articuladas com os acontecimentos sociais e nos afetam enquanto sujeitos no mundo. Hoje, nós temos a alegria de contar com a presença do professor Pedro de Souza, docente pesquisador da Universidade de Santa Catarina, que tem um percurso de pesquisa muito bonito sobre a voz e a música e que veio conversar com a gente sobre seu percurso acadêmico e sobre como a música e a voz produzem efeitos sobre nós e formulam a nossa sociedade.

Para entrevistar o professor Pedro, eu convido também as professoras do nosso Grupo de Estudos do Texto e do Discurso, a professora Aline Fernandes de Azevedo Bocchi e a professora Renata Bianchi de Barros que, junto comigo, vão conduzir essa entrevista.

Sejam todos muito bem-vindos e bom evento a todos nós!

**Renata C. Bianchi de Barros** - Boa noite todo mundo! Quero aproveitar para agradecer o Pedro, mais uma vez por receber e ter aceitado o nosso convite, nas condições atuais, a compreender certas situações que nos afetam. Ao cogitarmos discutir o tema da canção em tempos de pandemia seu nome foi o que nos ocorreu, especialmente pelo que a Luciana nos contou, de que você tem um percurso muito bonito e bastante denso na elaboração e na compreensão da música e da voz, especificamente. Seu trabalho é referência nos estudos das Ciências da Linguagem e, para fazer alusão à música, podemos dizer que seu percurso acadêmico se apresenta com ritmo e frequência que nos abraça, com a densidade provocadora de como pensamos que é o próprio de pesquisadores que debruçam sobre seu trabalho.

A voz cantante é objeto de pesquisa que você tem se debruçado, atualmente, e que a gente vai falar um pouco mais sobre isso hoje, mas a gente gostaria também de te ouvir falar um pouco do seu percurso. Eu tive o prazer de te ouvir, em outras ocasiões, quando você emocionou a todos falando sobre sua vivência e sobre o que te move. A gente gostaria de saber se você pode contar um pouco sobre seu percurso e falar um pouco mais sobre você.

**Pedro de Souza** - Olá, boa noite Renata, muito bom te reencontrar, você é a única que eu conhecia das três, boa noite Aline, Luciana e a todos que estão nos escutando agora. Eu quero dizer que pra mim é um prazer muito grande e me desculpem se no meio da nossa conversa eu acabar me emocionando, mas eu quero dizer que pra mim é um momento muito especial este que estamos vivendo, poder ter essa oportunidade, essa janela de diálogos, de conversas com todo mundo e com pessoas que eu admiro já de um tempo, como a Renata.

Bem Renata, falar do meu percurso, eu vou falando assim como me vem à memória. Esses dias eu revi uma entrevista com a Fernanda

Montenegro e me senti muito representado na fala quando ela falou de memória, ela disse: minha memória sou eu, sem memória eu não existo. Eu fico pensando no que você falou, da minha pesquisa e do envolvimento que hoje eu me dedico à voz. Se eu for retrospectivamente na construção da minha carreira, há um determinado ponto que é constante, que é essa ideia de vincular a pesquisa, o estudo e a atividade de ensino, não deixar que eles se separem dos interesses, que não se separem da minha vida, da minha história de vida. Então foi assim que vim de lá de tresantano, como se diria, vindo de um tempo atrás, não vou dizer de quanto tempo, eu venho me percebendo, quando entro na vida acadêmica, quando entro para trabalhar como professor na área de letras, como pesquisador, eu me vejo fazendo escolhas, que são escolhas que estão diretamente ligadas a mim. Tem uma coisa de gosto nas escolhas que faço, mas elas não são arbitrárias, porque são escolhas que estão determinadas pelas situações, pelas condições sociais, políticas, e mesmo subjetivantes, no sentido bem próprio do termo, em que eu vivo.

Assim, é por isso que quando eu fiquei pensando, quando fui fazer mestrado, no que eu trabalharia, eu que já tinha ouvido tanto, tinha feito várias disciplinas e cadeiras ligadas a semiótica, pragmática, sintaxe. Eu fiquei pensando a que eu me dedicaria, a que estudo eu me dedicaria para fazer pesquisa. Eu já tinha feito uma trajetória, desde que eu fui religioso, frade, e depois me tornei jornalista profissional, uma trajetória de envolvimento com a mobilização política dos anos 70, trabalhando justamente na cobertura, como freelance, como repórter ocasional, cobrindo os movimentos sociais nos anos 70, que foram os anos duros da ditadura. E, sobretudo, cobri muito os movimentos populares que surgiram naquela época, a briga pelo loteamento clandestino, até eu cair em meio à cobertura do movimento operário, dentro do qual estava nascendo essa figura, que depois se tornou histórica em nosso país, que é a figura do Lula. Fiquei impressionado quando comecei a fazer as coberturas das grandes assembleias, fiquei impressionado com o modo, a maneira com que a voz do Lula, essa voz rouca, forte, de operário que sempre pegou no pesado, como que ele tinha essa força de chamar, os ditos companheiros, para a luta. Foi assim que quando fui escolher meu primeiro projeto de pesquisa no mestrado, eu resolvi então trabalhar com os discursos do Lula. É claro que o desenvolvimento dessa pesquisa não esteve diretamente a ver com voz, mas hoje eu vejo que ela estava ali presente, essa minha escuta incidental, não muito intencional, na voz

do Lula. Digo isso mais para colocar na minha trajetória, essa ideia de sempre vincular a pesquisa à vida, a história de vida que eu vinha fazendo e vou fazendo. Ter escolhido, então, trabalhar com a discursividade que eu via na relação do Lula com os operários, teve a ver justamente com o trabalhar “eu”, vivendo esses momentos.

Depois, em outro momento, depois de as peripécias, me formando como pesquisador, como professor, na hora de escolher um projeto de pesquisa, eu também segui o mesmo tipo de, digamos, de critério de escolha. No doutorado, trabalhando com Eni Orlandi como minha orientadora, eu resolvi abordar uma questão, difícil pra mim na época, que envolvia a mim mesmo como pessoa, na minha orientação sexual, eu resolvi trabalhar com as cartas que eram enviadas aos grupos de afirmação homossexual, grupo do qual eu militei após sair pra vida, pra outra vida, digamos assim. Então, foi mais uma vez que, ao escolher trabalhar com essas cartas, com uma militância da qual eu fiz parte, uma militância, digamos, padrão do grupo, era um tipo de militância em que atendia-se e se escutava pessoas que viviam com dificuldade sua orientação sexual, homossexual, no caso, através das cartas. Eram pessoas que não podiam aparecer, por diversas razões e, sobretudo, pela discriminação, então, eu me debrucei sobre essas cartas e foi uma pesquisa que me deu muito gosto de fazer, além da que fiz anteriormente, mas essa me deu mais gosto ainda, porque foi uma espécie de compromisso ético de minha parte. Essa espécie de tentar ouvir de outro jeito, de tentar fazer falar essas vozes que não podiam. Eram indivíduos que estavam na periferia, no interior de São Paulo, ou até mesmo na grande São Paulo, que não podiam aparecer. Foi assim que me vi movimentado, mobilizado nessa pesquisa, que eu tive muito gosto de fazer e que eu terminei em 93. E assim foi, falando dessa trajetória em que há um eu que sou eu mesmo, envolvido na minha pesquisa. Vou pular um pouco outros períodos.

Já em Florianópolis, trabalhando na Universidade Federal de Santa Catarina, a gente fez um grupo de pesquisa na Universidade, fizemos um grupo chamado Grupo Poéticos Musicais, que era uma coisa muito nova. Eu e a colega Professora Tereza Virginia, e meu querido amigo Emílio Pagoto, pensamos em criar esse grupo de pesquisa novo, tivemos a ideia de trabalhar com linguística, literatura e música, e a gente precisava de um conjunto de pesquisas. Foi então que pensei, depois de trabalhar alguns artigos, alguns temas, pela primeira vez eu pensei

em trabalhar com a voz cantada. Depois eu fui elaborando, estudando, elaborando, não tanto como um conceito, mas como um dispositivo de análise inserido na maneira que a gente já vinha fazendo em Análise de Discurso. Digo a gente, eu e o grupo que seguimos sempre juntos, nós que trabalhamos com Eni Orlandi, e conseguimos colocar mais esse vetor na análise, ou seja, como é que eu posso pensar o processo de constituição do sujeito pela voz e enunciação. Foi aí que eu, mais uma vez, fui para um momento mais longínquo da minha vida, foi aí que, mais uma vez, eu mobilizei uma memória que é minha memória de infância. Comecei a trabalhar com as vozes das mulheres que com muita dificuldade viveram suas vidas, de serem apagadas por uma força de machismo e tudo mais, muito forte. Foi aí que eu resolvi trabalhar com as cantoras do rádio.

Primeiro porque na minha casa a gente não tinha livros. Sempre repito essa mesma história. Eu sou filho de pais semianalfabetos, meu pai era um operário, minha mãe era uma empregada doméstica que lutava para cuidar da casa. Mas, com as dificuldades que eles tiveram, deram para mim e para meu irmão as condições mínimas de estudo. Em casa a gente não tinha livros, mas tinha muitos discos, muitas músicas e eu me lembro mais da minha mãe cantando muito enquanto trabalhava em casa.

Minha mãe era uma daquelas fãs fervorosas de Elis, Dalva de Oliveira, Ângela Maria, cantando em um tempo onde as mulheres mal tinham espaço para falar, mal tinham espaços para falar de si em uma sociedade dominada por uma masculinidade, de uma sociedade de um machismo muito forte. Eu fui, então, tirando, da memória, da minha memória mesmo, pessoal, de cabeça, de sentimento, de lembranças, fui trazendo de volta essas vozes. E comecei, então, a trabalhar com vozes de cantoras do rádio, vozes de um movimento muito forte no Brasil, das quais até mesmo os mais jovens devem ter lembrança, pois foram cantoras muito fortes na cultura e história do Brasil.

Foi aí que comecei então a me interessar por essas vozes, em especial femininas. As vozes dos homens me interessaram, digamos assim, intermitentemente depois; mas, sobretudo, femininas, daquilo que as mulheres cantavam delas mesmas e daquilo que elas podiam dizer delas mesmas, subjetivamente falando, que eram suas experiências amorosas, de maneira geral, não muito bem sucedidas.

Não fui guiado pelo melodrama presente nessas canções que se ouvia nas vozes de Ângela Maria, de Maisa, não fui tanto levado pelo melodrama dessas vozes, mas fui levado pelas questões políticas que ali vinham nessas vozes. Foi aí que eu desenvolvi uma série de trabalhos que eu gostei muito de ter feito, falando desse feminino presente nas vozes das mulheres cantoras do rádio e da maneira de ouvir essas vozes e falar delas. Porque é escutando, analiticamente, em termos discursivos, que a gente pratica a análise do discurso, é escutando essas vozes e fazendo relação ao tempo em que elas acontecem que a gente pode então pensar na voz como enunciação, e como enunciação integrada em a discursividade que eu sempre chamei de uma discursividade de subjetivação outra. Me lembro, por exemplo, de um trabalho que gostei muito de fazer; Dalva de Oliveira, foi uma cantora, segundo o que minha mãe costumava dizer, que eu tinha 3 ou 4 anos de idade e costumava cantarolar sozinho aquela canção que foi muito sucesso na voz dela naqueles tempos, Kalu. Dalva de Oliveira, pra mim, a voz dela me trazia; depois foi bastante divulgada e trabalhada em narrativas de documentários – a TV Globo fez um documentário muito bonito sobre Dalva de Oliveira, a história dela me impressionava muito no canto, essa coisa de ela cantar mesmo em meio a um burburinho que fazia com que ela fosse vista de uma maneira absolutamente abjeta, difamante. É muito forte ver, hoje, pela história de Dalva de Oliveira, pela história do percurso de sua voz no rádio, é muito forte ver essa voz ecoando num momento em que o ex marido dela, na época, Herivelto Martins, punha nos jornais as coisas mais terríveis que se passavam na casa dela quando eles não se davam bem. E Dalva de Oliveira conseguia se colocar como outra quando cantava, como outra aclamada grandemente pelo público, porque Herivelto Martins fazia difamações sobre Dalva de Oliveira, estampado em colunas de jornais, para difamar a mulher de quem ele tinha ciúmes e inveja, pois tinha cantado com ele e agora fazia sucesso sozinha. E então vem Dalva de Oliveira, fazendo sucesso, sendo mulher, pela voz que abraçava o ofício de cantar, falando de si, nesse gesto de subjetivação, fora da ordem que não a deixava falar, que não deixava ela e a nenhuma outra mulher falar.

Então, para encurtar um pouco a história, esse é meu percurso e as questões que venho me interessando: esse ponto de pegar as vozes femininas, das cantoras de rádio, numa relação política. Claro que

tinha meu gosto, quando sentava para fazer os trabalhos, produzir meus projetos, o que eu vou pegar aqui, o que não vou pegar ali, o que vou enfatizar, o que vou delimitar para essa margem, para esse artigo. É claro que eu tinha um prazer imenso e um gozo de colocar nas minhas vitrolas, nos toca discos, essas vozes belíssimas, cantando essas canções, havia muito prazer. Isso não produz uma arbitrariedade na escolha, pois eu sempre pensei que eu tinha de ter uma consequência ética e política. Era uma maneira de trazer de volta a memória de mulheres que lutaram para que, aqui, hoje, à maneira delas, lutaram para aquilo que hoje as mulheres conseguem aceder, embora tenha muito a conseguir.

Então é assim que eu venho trabalhando. Claro que eu diversifiquei um pouco meus interesses, ainda trabalhando com a perspectiva da voz como esse lugar material de enunciar o discurso, mas é sempre nessa relação, sempre tentando operar de onde a voz se torna discurso e onde a voz fica fora de discurso. Isso é um pouco do depoimento que eu posso fazer ligado a mim mesmo, às minhas pesquisas, ao ofício de pesquisador na universidade, no ponto que eu cheguei. Uma coisa ou outra pode vir aos poucos ao longo da nossa conversa.

**Aline Fernandes de Azevedo Bocchi** – Estamos emocionados com suas palavras, então a gente entra em certo transe, ouvindo esse percurso tão bonito e essa formulação tão forte ao final, que é vislumbrar vozes fora de discurso, isso me afetou profundamente. Obrigada! Antes de eu colocar propriamente uma questão, eu vou convidar a todos para escuta coletiva da música *Não existe amor em SP*, na voz de Milton Nascimento e Criolo, com acompanhamento do pianista Amado Freitas.

Reprodução do Clipe Musical: *Não Existe Amor em SP – Milton Nascimento feat Criolo*.<sup>1</sup>

**Aline Fernandes de Azevedo Bocchi** – Nossa, é até difícil falar alguma coisa, depois de ouvir essa música, nessas vozes e nesse momento histórico em que nós estamos.

**Pedro de Souza** - É muito tocante. Eu sempre que escuto esse clipe, com essas vozes, eu fico também muito tocado e, tento dizer algumas coisas, que mesmo em meio à emoção, elas me vêm.

1 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vwjVbpKITUc> . Acesso em 24 out. 2020.



Como que isso me permite ficar mais convicto de como nessa composição, nessa produção, a gente tem uma enunciação que não é só verbal, ela é corporal, e é corporal, tanto no corpo da voz desses dois cantores, quanto no corpo da cidade, porque juntas todas essas corporeidades enunciativas manifestam a intensidade do afeto solto no ar agora, mas o afeto em falta. Agora, em toda a parte do mundo. Estou me lembrando que um amigo me lembrou outro dia que o Tom Jobim dizia que se algum dia ouvisse a voz de Deus certamente ela soaria como a de Milton Nascimento. Eu diria que, aqui, eu escuto o silêncio e, justamente, no estatuto de fazer respirar os sentidos, ou seja, tirando da linguagem o que ela tem de sufoco. Por isso é que nesse clipe uma coisa chama muito fortemente a atenção, embalada por essas vozes, é a captura de imagens. Essa captura de imagens participa da prática discursiva que se faz exercer nele, nesse clipe. Eu quero dizer que se pensarmos em termos de modo de enunciar e modo de dizer, modos de falar cantando e falando, enfim, modos de enunciação, eu vejo a montagem, esses arquivos de imagens, eu vejo que eles encenam o espaço acústico do apelo, ou seja, o grito para que o amor venha preencher o vazio da sua própria falta. Quando eu falo que eu escuto o silêncio nessas vozes, eu estou pensando nos mais belo dos trabalhos de Eni Orlandi sobre as formas do silêncio, estou pensando naquele momento em que ela diz que o silêncio é a respiração da linguagem. Pra mim, a performance vocal, tanto de Milton Nascimento, quanto de Criolo, ela remete a essa escuta, remete a essa linguagem, com seu silêncio feito de respiração. É um pouco isso que me vem nesse momento, ao ouvir pela enésima vez essa canção, nesse clipe. É isso.

Mais uma coisa, se eu quiser pensar em termos de memória ou discurso, eu penso naquela canção que Milton Nascimento compôs com Fernando Brandi, um dos mais brilhantes compositores que atuou em parceria com Milton Nascimento. Brandi escreveu uma letra para a canção Sentinela, procurando fazer uma homenagem a um amigo; ele remetia aos tempos em que se sucedeu o AI5, a instalação da ditadura no Brasil. Então, é a memória da política nos anos de chumbo que essa canção traz. Eu cito somente aquele momento em que a voz do Milton Nascimento, na gravação que ele fez com a Nana Caime, grita, precisa gritar sua força, evocativa: “ei irmão”, então o tom sobe para dizer, “sobreviver, a morte ainda não vai chegar. Se a gente, na hora de unir os caminhos em um só, não fugir nem se desviar”. Ele termina, nesse verso:



“Precisa amar sua amiga”, e grita “ei irmão!” Gosto de lembrar nessa canção essa associação intradiscursiva que a gente pode fazer com essa bela criação de Milton Nascimento e Criolo, remetendo a esse momento em que as pessoas têm muita dificuldade, as pessoas não podem prestar homenagem, não podem fazer o ritual da última despedida das pessoas que perdem. Sentinela, pra mim, ela é bem a lembrança disso, pois ela foi feita nas mesmas condições em que a gente vive agora. Fernando Brandi diz “estou indo sim, de uma memória pessoal, mas remetida aos tempos em que essa canção foi feita, em 1966-7-8”, nessa tríade de tempo, ela foi feita justamente para falar desses mortos de que não se sabia por onde andavam, cujo corpos não se sabia por onde andavam. É isso, por enquanto.

**Aline Fernandes de Azevedo Bocchi** - Condições, eu diria, obscenas. Como escreveu Hilda Hilst, uma vez: “obsceno pra mim é a miséria, a fome, a crueldade, falando da nossa época, obscena.” Eu acho que você já respondeu um pouco essa questão que eu formulei, sobre esse estatuto da voz cantante perante essa nossa condição social histórica. Qual seria esse estatuto, seria possível falar um pouquinho sobre isso?

**Pedro de Souza** – Eu gostaria, justamente, acrescentar ao que eu já disse, de a voz, pra mim, ser a contrapartida do sujeito asfíxiado nessa pandemia, pra mim, essa voz, ela é esse ponto de resistência, essa busca, essa furada no seco que impede de respirar. Não só pelo precário da saúde, mas por toda a sorte de precariedade que a gente vive agora, eu digo que é pela voz que esse precário aparece agora como um acontecimento de grito e insurreição. Isso está muito forte nessa canção que acabamos de ouvir não é?

**Renata C. Bianchi de Barros** - Eu posso adicionar uma questão?

**Pedro de Souza** - A vontade, estamos conversando!

**Renata C. Bianchi de Barros** - A Aline comentou a respeito da voz, do estatuto da voz; há uma especificidade nessa voz que pede para ser ouvida e que a gente, de modo geral, a gente identifica como um grito, um grito que aparece, um grito de pedido de socorro. Então, nessa condição específica, nessa obscenidade, como a Aline lembrou com a

Hilda Hilst, que estatuto tem essa enunciação na relação com a música? É uma voz cantada, tem uma relação com a música, uma questão de tempo, de sonoridade que é diferente.

**Pedro de Souza** - Eu digo que aí está essa coisa da singularidade da voz. Uma das autoras que eu mais trabalho para o conceito de voz, que é a filósofa italiana Adriana Cavarero, ela diz que a voz é o elemento de unicidade do indivíduo, é o fato de que em cada um ela não ser a mesma, ou seja, cada um tem sua própria voz. Mas temos aí, também, esse aspecto que você acabou de dizer, da voz cantada. Pra mim, a voz cantada, por isso eu prefiro trabalhar com a canção popular, ao invés de pensar na voz na canção erudita, é que a voz cantada está nesse limiar entre o falar e o cantar. Mas no canto, a canção traz, articulado pela voz, a musicalidade que já é própria da fala, é o fato de poder trazer pelo canto, pela melodia, o fato de trazer alguma coisa que não vem pela fala, só vem pelo canto. Me parece que é bem esse o funcionamento singular da linguagem que vem pela voz. Digo singular, pelo menos, na maneira como palavras repetidas acontecem tecendo um tempo trágico, pois se trata de afirmar a negação, ou seja, dizer o que se quer afirmar por uma frase negativa – “não existe amor em SP”. Marquemos esse funcionamento no mesmo processo discursivo remetendo esse enunciado a um certo trecho da canção Sampa, de Caetano Veloso. Se a gente rastrear arquivos de uma memória discursiva, da vida em grandes cidades, como São Paulo, as imagens do clipe remetem ao já dito, como disse na canção de Caetano: “quem vem de outro sonho feliz de cidade aprende a chamar-se realidade, porque és o avesso do avesso do avesso do avesso”. Há nessa canção esse ritmo que impõe à voz um outro dizer, uma outra maneira de aparecer como sujeito dizendo a sua tragédia urbana. Digamos que em certa posição no discurso, a cidade, que é cantada por Milton e Criolo, ou seja, é por que Milton e Criolo se deixaram invadir por essa realidade avessa que aqui se puderam “desasficciar” as vozes que clamam por mais amor. Essa é a maneira de cessar o prolongamento constante de um mesmo silêncio, que são vozes que sufocam na negação do próprio existir, existir na forma do povo oprimido, nas vilas, favelas. Essas vozes, justamente, sufocam essa dureza que presentemente a gente tem enfrentado nas vidas que são, diríamos, preferencialmente levadas pelo Coronavírus. Vamos dizer que no tempo da falta em ser governo, se cumpre às avessas essa palavra de ordem do discurso, de antes, na teoria da libertação, em 1970, essa tática

discursiva que produz uma pandemia. Ironicamente, regida pela opção preferencial pelos pobres. Eu digo, ironia que empregamos nos termos de Eni Orlandi, para falar de um outro sentido pelo qual as palavras vêm na análise que eu faço agora. Opção preferencial pelos pobres. Pelo menos é o que se pode ver e escutar, cumprindo agora, e sendo cumprido agora, mediante a um governo em falta no Brasil, não é? Pode se levar adiante esse tipo de análise, de impressões que são produzidas por essas vozes. Nada mais do que a voz de Milton Nascimento e a grande voz de Criolo, para fazer percorrer pela cidade, transformar as próprias imagens em grito.

**Luciana Carmona Garcia Manzano** – Ual! Maravilha pensar essas questões e, a gente fica, a gente sente né? É muito... como essa, como a canção, ela nos toca. Enquanto você fala, professor, a gente fica tão absorto em suas palavras e retomando cada verso e cada palavra da canção e acho que, a cada vez que a gente retorna à canção, é mais bonito. Eu vou dar sequência aqui, às nossas questões e vou começar com um fragmento bastante forte da canção que se cala na voz da Elza Soares e ela vai dizer: “mil nações moldaram minha cara, minha voz uso para dizer o que se cala. O meu país é meu lugar de fala.” E aí, eu vou então compartilhar com vocês essa canção, para que depois o professor Pedro comente com a gente o que é que se cala.

*Reprodução do Vídeo Clipe – O que é que se cala: Elza Soares.<sup>2</sup>*

**Luciana Carmona Garcia Manzano** - Professor Pedro, o que se cala hoje no Brasil?

**Pedro de Souza** - Pois é... repito, está aí a voz daqueles que são colocados de fora, voz que se faz calar, que é feita para calar. Daí a repetição em forma de ritornelo, como diria Gilles Deleuze e Felix Guattari. “Meu país é o meu lugar de fala”. Eu entendo o lugar, aqui, como posição na ordem do discurso da racionalidade. Tem aí uma reivindicação de direito e o apontar para um estado de exceção que retira dos indivíduos o direito de serem ouvidos como sujeitos cidadãos. Veja bem, o ato de calar, de fazer calar, não é só o de emudecer, é também o de não ouvir. Por mais que se grite, por mais que se fale, quem está na dominação do poder tapa os ouvidos e aí está uma maneira de

2

Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5ypEw\\_9BFfQ](https://www.youtube.com/watch?v=5ypEw_9BFfQ) . Acesso em 24 out. 2020.

falar calar, de falar calar sujeitos cidadãos. Eu penso, aqui, em indivíduos relegados à condição do que Giorgio Agamben chama de “vida nua”, ou seja, são os mesmos que poderíamos minimamente, só para citar dois exemplos nessa categoria, que são o povo negro e o indígena, ou seja, são aqueles que são hoje levados ao silêncio absoluto, levados a se calar, a se calar da maneira mais violenta. Veja o que se passa com o povo indígena hoje no Brasil; veja o que se passa nesse movimento racista que desperta com tanta força, como uma espécie de monstro adormecido, que vem e vem com muita violência, muita força. São essas vozes, eu fico pensando... vi hoje uma postagem da Renata sobre essas vozes das mães que gritam pelos seus filhos mortos e, eu penso, sobretudo, na voz daquele negro que morreu gritando: “eu não posso respirar”. Outro dia eu vi uma live com a grande psicanalista Collete Soler, em que ela falava da metáfora que enfim se confunde com seu concreto. Esse é o caso: o concreto do sufoco, o concreto da dificuldade de respirar equivale à própria metáfora que faz calar. O que teria na mente desses algozes senão sufocar o grito, senão fazer calar? Se por n e n vezes, esse negro, americano, norte americano, morreu lutando ao dizer “eu não posso respirar, eu não posso respirar”. Eu digo que esse grito era uma denúncia, era uma acusação do que se passa hoje, ainda, em toda a sociedade; ele acabou fazendo de seu próprio corpo o sacrifício, ou seja, esse esforço de fazer falar. Como a gente vê no clipe da Elza Soares, dessa canção que ela canta, a gente vê a presença do povo negro nos seus mais variados aspectos culturais, individuais, subjetivos. A gente vê como esse clipe faz falar, tira da mudez essa voz que se cala. É isso, por enquanto. A gente sempre segue pensando essa mesma coisa a partir do impacto que essas canções produzem sobre a gente.

**Aline Fernandes de Azevedo Bocchi** – Sim, sem dúvida. Eu fiquei pensando bastante, enquanto você falava, sobre como a gente também faz sintoma no corpo dessa coisa do sufocamento. Então, toda essa condição em que nós estamos vivendo hoje, nos sufoca de uma maneira terrível, estamos realmente sufocados, sentindo o sufocamento nos nossos corpos, e precisando de certa forma, gritar, ou sussurrar também. Me lembro de um texto belíssimo seu, que eu gosto muito, em que você distingue então essas duas materialidades, o grito e o sussurro, quando você diz: “é possível vincular a sonoridade do grito a uma certa historicidade, do mesmo modo com que sussurrar é inscrever uma posição subjetiva em discurso de amor, gritar é implicar-se no lugar da

denúncia perante o poder, com dimensão discursiva que obriga e caça a palavra ao sujeito”. Então, antes de continuar, eu vou convidar para que a gente ouça mais um trecho de uma música.

*Exibição do vídeo clipe: Calling You (Bagdad Cafe) – Jevetta Steele<sup>3</sup>*

**Aline Fernandes de Azevedo Bocchi** – Bom, o texto a que eu me referia se chama “Gritos e Sussurros: Rasgos Vocais em um Discurso”. Um belíssimo título, um belíssimo texto. Nós também já recomendamos aos nossos alunos, no nosso grupo de estudos e pesquisa. Nesse texto, há um momento preciso em que você discorre sobre a passagem do sussurro ao grito, fiquei pensando também nesse movimento inverso, do grito ao sussurro. Eu queria te ouvir um pouquinho sobre isso.

**Pedro de Souza** - Por isso que essa canção é bem ilustrativa do que eu tento dizer ali, naquele texto, que eu posso até repensar para outras coisas. Eu penso no sussurro que tem essa contextura material de enunciação, que é aquele modo de enunciar no solilóquio, como se alguém falando para si mesmo, ao mesmo tempo querendo ser ouvido. Então, eu penso nas condições de hoje, em que o sussurro é o sufocamento da voz, como a do negro nesse filme, de que essa canção é tema, Bagdad Café, um filme de 1987. A gente vê ali, nas imagens, aparecendo a figura da mulher alemã, que vem da Alemanha, de Berlim e cai nesse deserto dos EUA. Duas condições são tematizadas, a do feminino mal amado, que é o caso da mulher que está chegando de malas, que abandonou seu marido na estrada, não aguentou mais, era muita discussão, era muita exploração do marido em relação a ela, que ela resolveu sair do carro e cai na estrada, numa estrada deserta, cheia de poeira, em alguma região dos EUA. O que retiro, dessa situação, desse conjunto de cenas que o filme traz, figurando a mulher nas suas diferentes posturas, tanto a mulher branca, quando a mulher negra, nesse lugar de exploração do masculino. E é muito bonito como que... é preciso uma análise mais fina, trabalhando, sobretudo, sobre esse modo material da vocalização. E que eu quero é tirar do modo de enunciar é que essa voz, articulada na linguagem que essa canção impõe, ela vem, ao mesmo tempo como sussurro e como grito. Ela tem um vozerasso suave, leve, sussurrado, mas ao mesmo tempo feito em pontos em que a escala tonal vai a pontos bem altos; há várias interpretações dessa

3

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vLiVKP40woE> . Acesso em 24 out. 2020.

canção, inclusive em vozes masculinas e que é impressionante esse grito calado que se faz nessa sílaba alongada calling you... Você vê que há um sussurro que nasce no primeiro movimento silábico, no inglês, calling... sobe, e o sussurro vai se transformando em um grito e o grito, de volta de novo ao sussurro, porque na canção, esse “calling you” é a palavra mais repetida, é a linha melódica da composição que fica, e ela fica atravessando a paisagem, a paisagem sonora, uma paisagem de deserto, uma paisagem de rarefação, uma paisagem de precariedade. Veja que em um certo ponto, eu vou trazer um inglês traduzido macarronicamente, em certo ponto, depois de repetir I calling you, ela diz que “sabe que ele está ouvindo, que sabe que está sendo ouvida”, e ela continua, a voz que “vai de Vegas para lugar algum, um lugar melhor do que você tem estado, a máquina de café que precisa de concerto e um pequeno café perto de uma curva, um vento quente seco sopra através de mim, o bebê está chorando, eu não posso dormir, eu sinto que a mudança está próxima, chega mais perto, doce libertação”. Eu cito esses versos para perceber como essa voz vai caminhando pela paisagem, vai descrevendo detalhes da paisagem e o acontecimento dessa paisagem na memória instantânea da voz; por exemplo, esses dois versos, um deles: “uma estrada deserta que vai de Vegas para lugar nenhum”. O outro: “Um vento quente e seco sopra através de mim”. Eu fico pensando, em efeitos de análise, a gente não pode se furtar, mesmo que a gente tente dessoar as informações do que se passa hoje, fico pensando nas pessoas que em suas mínimas condições, acabam perdendo a si próprios, morrendo, ou, acabam perdendo entes queridos em condições muito pobres, de muita dificuldade. É por isso que eu penso nas condições de hoje, em que o sussurro é o sufocamento da voz, desses pobres, a do negro, que do grito vai ao sussurro dizendo: não posso respirar. Há no sussurro, não mais o que se limita na relação com o grito. O sussurro não é mais o limite em sua relação com o grito, o que você tem é o grito, a passagem ao grito impedida na relação com o sufocamento. É isso que eu percebo no grito, é a passagem. Perdão. É isso que eu percebo nessa canção, esse ponto de passagem do sussurro ao grito, ou seja, aquilo que impede na relação com o sufocamento, aquilo que impede na relação com a voz, aquilo que tranca a voz numa relação de sufocamento e, para terminar esse pequeno exercício de análise, eu diria que a voz soa no mesmo ritmo e atmosfera por onde passa prolongando o silêncio, ela soa num ritmo e ambiência, passando a prolongar o silêncio. O silêncio, pelo qual, ela, a própria voz, se faz ressoar, veja calling tem uma sonoridade, que está na

própria palavra, seja ela dita ou cantada. Ela tem aí, ao mesmo tempo, ela tem essa vontade de ressoar e ao mesmo tempo, sair da mudez que a gente vê repetida no refrão *Calling you*. Eu gosto de pensar os versos de uma canção associando a voz que pode se aplicar a esses mesmos versos, quando eles são cantados. É assim que me vem essa relação do sussurro com o grito. Eu me lembro que, nesse artigo que você citou, lembro de Elza Soares cantando: a carne mais barata do mercado é a carne negra, e aquele ponto em que ela rasga a voz para dizer a carne. Também lembra de estranhos frutos, cantado por Nina Simone, com esse grito que vai pelo sussurro e ela é esse sussurro que vai pelo grito, cantando *strand folds*. Desculpa se não dá para mostrar por causa do tempo, mas é para mostrar essa relação do grito com o sussurro. O que está nessa relação de grito e sussurro é o sufocamento. Voltemos às últimas palavras do negro morto nos EUA: “eu não consigo respirar”.

**Renata C. Bianchi de Barros** - Nossa Pedro! Estou aqui, até tentando reformular alguma coisa da minha questão, porque acho muito forte e, muito importante essas retomadas que você tem nos provocado com esses gestos de análise que você está fazendo aqui com a gente. É uma retomada, justamente dessas condições que nos remetem ao modo de constituição do nosso país e das condições de existência do sujeito na história e como a gente não tem conseguido, de modo prático, exercer uma mudança de determinadas condições locais, especialmente, como o da abertura, do espaço, da construção de condições para que as vozes ressoem, para fazer um jogo com a música da Elza, que a gente passou agora. Hora ela fala: do meu Brasil, hora ela fala do nosso Brasil: é o meu espaço, é nosso espaço, é nosso lugar. Enfim, isso também faz remeter... Vou dividir com o pessoal, essa postagem que você fez no seu perfil do Facebook: “quando passo por aqui, falando ou cantando, nada mais sou do que um qualquer a buscar se ver sendo visto. Assim Seth, protagonista do filme *A cidade dos anjos*, perdeu o objeto de seu desejo quando enfim atingiu o olhar e a escuta de quem amava”. Então. Ao ler essa postagem, eu me lembrei que você afirma, em algum de seus textos, que o conceito de voz empregado nas suas pesquisas, subsidiaram, justamente, dos processos de construção de subjetividade, aí eu gostaria de ouvi-lo, um pouco, falando sobre isso, sobre esse processo de construção de subjetividade que tem se produzido na rede. Por onde passa essa construção?



**Pedro de Souza** - Vou passar por dois lugares, primeiro contextualizar essa postagem, ali no Facebook, vez enquanto eu faço essas brincadeiras. Essa postagem veio após eu ter me deixado levar emocionalmente revendo o filme *A Cidade dos Anjos*, um filme que é uma espécie de remake de *As Asas do Desejo*. A emoção, ao ver e rever esse filme, ela ficou ainda mais intensa no instante em que aquele anjo, o protagonista, decide saltar do alto de seu corpo etéreo e assumir uma corporeidade mortal. Ele deixou de olhar a cidade à distância e assumir todos os riscos que significa viver. Bom, eu não sou anjo, mas é que pensando em Nitch e no que ele diria (corte na filmagem). (...) quando ele entregou Jesus Cristo aos judeus, mas é nesse sentido de se colocar se vendo, sendo visto. Então, ao invés disso, nessa forma nietzschiana, nesse sentido de ser visto, nesses 90 dias de isolamento, como aquele homem que não é santo, eu aponto pra mim mesmo, tomado pelo medo, por meu corpo, em meio às ruas das cidades evadida pela Coronavírus. Eu chamo atenção para o enunciado em que o sujeito de enunciação fala de si como terceiro: eis o homem. Esse homem sou eu. Isso me leva a identificar a frágil condição de todos nós, lançados ao desamparo, por um governo que faz pouco caso da saúde da população, mesmo em plena pandemia. Então essa é um pouco as condições pelas quais eu produzi essa postagem e que, é interessante o Facebook, de ter essa vantagem, digamos, ele permite que possamos, do mais íntimo de nós mesmo, na situação mais privada em que nos encontremos, nós consigamos colocar uma voz para dizer da nossa própria situação e eu diria que esse então é o estatuto da voz como processo de subjetivação. Veja bem que nessa postagem eu estou me referindo a situação do protagonista do filme, um anjo e que se apaixona e, portanto, pelo tanto que se apaixonou pela médica, com quem ele se encontrava, cada vez que ia ao hospital, ele acabou tornando-se um homem mortal. Eu uso dessa condição para colocar voz em um outro lugar de subjetivação, porque veja, como eu tentei dizer agora a pouco, eu estou falando de como eu me situo nessa condição de me ver obrigado a ficar isolado durante 90 dias e não sei quantos mais vou precisar ficar, em um apartamento, para me proteger. Não só a mim, mas a todos que me rodeiam, justamente da contaminação desse vírus. É uma maneira de dizer, essa postagem é uma maneira de colocar a voz em um ponto de subjetivação, ou seja, como eu estou me subjetivando nessa situação em que #fiqueemcasa. Não sei se respondi sua pergunta, mas é um pouco por aí que eu viajo.



**Renata C. Bianchi de Barros** - eu acho que sim, claro né, há sempre um resto de compreensão e de incompreensão né, e a gente não está pretendendo esgotar, exatamente aqui, o que é colocado. Mas eu gostaria de seguir no processo de construção a subjetividade, que você coloca em seu trabalho. Também sou frequentadora das redes sociais na internet e, a partir da circulação da #vidasnegrasimportam, artistas como Beyonce, produziram conteúdos como um gesto, querendo dizer, a sua maneira, com a relação a passagem do sussurro ao grito. Vou passar agora, para as pessoas poderem acompanhar a gente e que elas saibam do que estamos falando e, depois vamos conversar um pouquinho mais sobre isso. Vamos lá!

- *Vídeo Beyonce* -

**Renata C. Bianchi de Barros** - Dessa relação que a Beyonce compartilha, como o conceito de voz pode ser compreendido como subsidiado dos processos de subjetividade? Como a partir da teoria que você tem construído podemos compreender a designação na relação consigo e com outro?

**Pedro de Souza** - Você pergunta então como a gente pode compreender o processo de construção de subjetividade que aqui vem com a voz. Podemos ser tanto literal, como podemos ser, digamos metaforicamente, indicativo. Eu gosto desse literal porque, veja bem, acabamos de ouvir uma grande cantora falando e, essa voz como tal, ela soa ao cantar, ao falar, participar e subsidiar processos outros de subjetividade, porque não é tudo o que nós ouvimos. Ou melhor, tudo o que ouvimos nas palavras da cantora Beyonce produz sentido, remonta significantes outros, faz ver e escutar aquilo que as palavras querem dizer porque vêm apoiadas e sustentadas por essa voz que já soa no universo das canções, na canção pop que a Beyonce tornou-se célebre. Então, é nesse sentido que eu considero a voz como subsidiária dos processos de subjetivação. Aqui no Brasil eu daria o exemplo, mais cantando do que falando, a grande Elis Regina. Uma vez fiz uma live dela cantando nos seus shows, a transversal do tempo, cantando o Sinal Fechado e de como ali ela dizia, trazia a cena na voz daquilo que é um processo outro de subjetivação que está buscando. Quando eu digo processo outro de subjetivação, esse processo que se contrapõe, que se confronta com o assujeitamento, que se confronta com esse lugar obrigatório de ser

sujeito sendo visto e falado do lado de fora, é nesse aspecto. Veja como a maneira que ela se dirige a Obama e sua mulher é muito bonita, ela demanda isso que eu diria, com Michel Foucault, que é da ordem da relação consigo mesmo e com o outro. Ela fala de si mesma, cuidando dela. Ela fala da maneira como ela lida com a exceção. Ela lida com o preconceito, com os bullings, com uma pessoa como ela ou como outro enquanto minoria, como negro, gordinho, etc. Ela fala desse lugar, fora desse lugar, recusando-se a obedecer a essa ordem de ser menor, essa ordem de inferior, procurando desobedecer de que essa ordem de ser bonito, é transitar, não conformar o corpo a uma ordem, se assim posso dizer homogeneizante, de beleza branca. Não. Veja que essa voz que a Beyonce traz é uma voz de cuidado consigo mesmo, mas que não para nela mesma. Só é consistente, que só é forte e reverbera porque pensa no outro, porque cuida também do outro. Aquilo que ela traz no corpo como cuidado de si, digo no corpo pra falar da coisa mais imediata, mas em tudo, no seu comportamento, em todas as suas práticas como pessoa. É alguma coisa que equivale ao cuidado com o outro. Penso hoje em grandes artistas, claro que em outros momentos podemos ter outros exemplos, mas no domínio da negritude, o trabalho de Thaís Araújo e Lázaro Ramos me emocionam demais porque são artistas negros que expõem o próprio corpo, a própria arte, mas não para eles mesmos. Não para serem digamos a exceção, esse esforço individual e meritório de sucesso e de ganho, eles expõem a própria arte no corpo cuidando de si e dos outros. Eu vi uma peça de teatro com eles, uma vez em São Paulo, e fiquei convencido disso. É um momento na virada da carreira destes artistas, na história de carreira desses artistas. O ponto de curva, de virada, está nesse devotamento do fazer da sua arte, seja ela boa ou ruim, um serviço, um trabalho de cuidado consigo na condição em que estão porque eles não são melhores porque são artistas do Globo sendo negros. Eles sofrem os mesmos problemas e dificuldades que os outros, mas usam disso mesmo cuidando de si e dos outros negros, e de toda a sociedade que ganha aqui porque se trata de uma nova maneira, um discurso outro, uma discursividade outra de ser e existir no mundo.

**Renata C. Bianchi de Barros** - A gente tem vontade de ficar só te ouvindo

**Luciana Carmona Garcia Manzano** - Se vocês conseguirem falar ainda porque é uma coisa tão linda que a gente fica extasiado. Enfim, eu

estou me sentindo nesse lugar de maravilhamento, não sei também se é essa palavra, fica difícil falar depois de ouvi-lo.

**Aline Fernandes de Azevedo Bocchi** – Sim, fica muito difícil falar depois. Mesmo porque a gente demora, tem um tempo de compreensão. Mas não é só a questão da compreensão intelectual porque as análises são mesmo muito densas, é também o tempo de afeto e do quanto as palavras nos afetam e o quanto a gente tem que respirar e tentar formular alguma coisa. Não é fácil.

**Renata C. Bianchi de Barros** - Tem uma relação com a Análise de Discurso. Tem uma coisa na obra do Pedro que é muito excelente, ele vem e abraça. No caminho que vai percorrendo com as análises dele, ele está falando de nós porque ele está falando de uma relação com o espaço no qual a gente se encontra. Esse se encontrar que é impactante, por nos ajudar a entender que as coisas que se falam, nesses gestos de análises científico acadêmico, não é de algo que não nos toca, que não conseguimos alcançar. É ao contrário. É por ser de algo no qual a gente se encontra.

**Aline Fernandes de Azevedo Bocchi** – Sim, é interessante Renata o que você disse no começo da sua fala, a Análise do Discurso faz isso. Tem um pouco dessa natureza da Análise do Discurso de mexer, de provocar um movimento subjetivo em nós e que nós vemos em nosso trabalho, na relação com AD e com os orientandos também. Vemos como isso vai se dando e é muito bonito, é de uma riqueza muito grande.

**Luciana Carmona Garcia Manzano** - Eu vejo isso aqui muito presente pela fala da Lucinéia “estou amando isso e encontrei com paisagens”. Essa descrição, essa metáfora da paisagem, é muito bonito isso e a gente compartilha desse sentimento.

**Renata C. Bianchi de Barros** - É justamente isso.

**Lucinéia Pereira de Paula (aluna do PPGL)** – É porque ele está falando das vozes e tudo que ele fala, o modo como ele fala, é maravilhoso. Tem um texto do seu Carlos de Assunção, aqui de Franca, um poeta que saiu recentemente na Globo News com o Heraldo Pereira e Maria Júlia Coutinho fazendo uma homenagem a ele, chamado Protesto. Ele inicia

esse protesto com esse não silenciar a sua voz, as suas palavras. São quatro versos, se quiserem eu leio para vocês.

**Renata C. Bianchi de Barros** - Pode ler sim.

**Lucinéia Pereira de Paula (aluna do PPGL)** –

*Protesto*

*Mesmo que voltem as costas*

*Às minhas palavras de fogo*

*Não pararei de gritar*

*Não pararei*

*Não pararei de gritar*

*Senhores*

*Eu vim enviado ao mundo*

*Para protestar*

*Mentiras ouropéis nada*

*Nada me fará calar*

Esse é só o começo. O texto de Assunção é arrepiante. Se vocês quiserem, eu disponibilizo para vocês.

**Renata C. Bianchi de Barros** - Nós queremos sim, Lucinéia! Pedro, pensando nessa relação com todo do material que estamos mobilizando aqui com você, esse material atualiza uma pesquisa desenvolvida por você dos modos de produzir e significar a cidade a partir de uma modalidade de enunciação em que a voz participa como base discursiva de natureza acústica. Nesse material você formula o seguinte: “Aqui se deve assinalar a aproximação suposta entre canção e língua na perspectiva em que Benveniste elabora o conceito de aparelho formal de enunciação, sempre considerando para fazer valer os termos teóricos da Análise de Discurso, a queda na história de que cada ato vocal de apropriação está sujeito para ser dotado de sentido. A esse propósito é bem oportuna a citação de Murray Schafer que faz de São Tomás de Aquino “onde a palavra sessa começa a canção na voz”, o que está em relevo nessa formação é a musicalidade inerente da língua falada. De minha parte sublinho na mesma situação o dado de que a voz toca algo como real da enunciação, a saber o ponto de leveza melódica que antecede a palavra comunidade linguística. Dito de outro modo, quando se apaga na palavra o vestígio musical da origem na voz, o que nela se ressalta são traços sonoros fonologicamente pertinentes, ou seja, os

mesmos que fazem dela uma forma de língua apartada das formas da música”. Agora vamos tocar uma música que já foi indicada por você que é a Sentinela de Nana Caymmi.

- *Vídeo Sentinela* -

**Renata C. Bianchi de Barros** - É difícil não ficar com a voz embargada depois de uma canção dessa. Pedro, considerando a situação mundial, a atual situação mundial, as condições produzidas com o aparecimento desse vírus e a doença que ele provoca que é a covid-19, como podemos compreender essas lives de músicas, palavras, enfim, que se acumulam na internet?

**Pedro de Souza** - Primeiramente sobre essa canção que acabamos de ouvir, que me remete justamente a isso que Tomás de Aquino diz, onde a cada palavra começa a canção na voz, veja como é bonito como Fernando Bland fez a letra e Milton Nascimento fez a música, essa parceria. Veja, é bonito como eles colhem uma linha melódica que é própria dos rituais litúrgicos, réquiens, uma sonoridade que tem esse movimento monocórdico e, ao mesmo tempo, esse movimento de ascendência na voz, é o momento do grito, do despertar. Eu me lembro o que Chico Buarque produziu como Morte e Vida Severina musicando o poema de João Cabral de Melo Neto. Me lembro também daquela canção feita pelo Gilberto Gil, Procissão, “Vai lá, vai passando a procissão se arrastando que nem cobra pelo chão”. A gente vê uma sonoridade em que, mais que palavras no seu conteúdo semântico, é a musicalidade a que elas são submetidas pela voz é que diz do acontecimento, do acontecimento ali justamente marcando a morte e a maneira da morte de alguém, marcando nessa relação em que a morte, como ele disse outro dia, não é só o fato de que um dia todos vão morrer, mas a morte é esse destino abreviado por aqueles que acabam adquirindo poder de abreviar a nossa vida. Eu vejo que a contrapelo das nossas urgências, penso que para falar das lives nunca foi tão produtivo essa abertura de oportunidade para tomar a palavra e na forma não apenas verbal, mas também de imagens, sonoridades não linguísticas, como estamos fazendo agora, que participam do que eu chamo hoje de enunciação corporal. Isso porque nas lives a gente pode, mesmo que sorrateiro, exibir nossos modos de existir de maneira a fazer de parte material no modo como nos enunciamos e constituímos como sujeito. Então lembrando

que se trata da conjugação de tudo que nos rodeia em discurso, tudo passa a ser escutado, lido na cena, como diria Roland Barthes, que é a do teatro da linguagem. Ou seja, eu diria que isso está no nosso cotidiano, passa a ser mais explicitado, mais forte nesse novo modo de ocupar a palavra, de tomar a palavra e fazer valer os lugares de fala que são os nossos nas lives. O que pode acontecer tanto em rituais, como dizia Luciana no começo, pode aparecer em rituais muito aparentado nos eventos acadêmicos nos quais estamos familiarizados, como podem aparecer também em proposição de conversas, debates que podem até ter o poder de intervenção nessa cena terrível e trágica de tirania que nós estamos vivendo. Eu vejo as lives como algo que vai ficar na história da nossa maneira de considerar a linguagem, pelo menos na maneira como consideramos em Análise de Discurso, considerada a linguagem em movimento, as lives tem trazido muita riqueza pela própria maneira de apresentar os aparatos tecnológicos que nos são dados, têm mostrado aquilo que a gente tenta tocar em termos de processo material de discurso. Ou seja, a maneira pela qual a gente converte tudo o que passa por e fora do nosso corpo, de que maneira a gente converte em discurso. Ou seja, o que é que fazemos em nossos gestos, o que fazemos aqui igual a todo professor em seu espaço de trabalho e ambiente, das suas prateleiras de livros, o que a gente faz com isso enquanto matéria bruta de discurso que é muito oportuna de dizer que vai na contramão a todo apedrejamento, a todo processo de desconstrução da nossa cultura, da nossa educação em crise. Às vezes parece puro exibicionismo, mas há algo que fala nisso de nos mostrarmos falando tendo em nossas costas as prateleiras de livros, estamos fazendo um gesto de colocar em movimento o discurso que valoriza a educação, que valoriza o saber, que valoriza sobretudo o pensar criticamente.

**Renata C. Bianchi de Barros** - Essa matéria bruta de discurso que você está citando também me parece que vai numa direção daquilo que Eni Orlandi fala sobre o excesso. Daquilo que o excesso mostra, que é justamente a falta. A gente pode articular o que você vem dizendo, que me tocou muito, com a questão que Aline fez a você que é daquilo que vai do sussurro ao grito. A gente poderia considerar esse excesso como um grito?

**Pedro de Souza** - Eu tenho dificuldade pensar uma coisa apartada de outra. Ou seja, voltando a essa relação com o sussurro, porque há

excesso tanto no grito como no sussurro. Eu diria que a forma máxima do excesso está no sufocamento que o sussurro enuncia, expressa, põe em movimento em termos de enunciação. O grito é esse excesso de dizer: não mais, basta! Acho que essa interjeição, essa frase interventiva, ela designa muito bem o estatuto do grito apontando para o excesso do ponto de vista do que basta. Basta de sufoco, basta de asfixiar. Sempre de uma maneira histórica que a gente deve pegar o movimento dos aparatos que hoje eu tomo como enunciação. É na relação com a história, eu diria que é na relação com a história que esse cruzamento entre grito e sussurro “se dá,” é disso que fala, fala da gente se constituindo em nossa precariedade, na nossa precariedade de falta de respiração que não é só no corpo que falta. Mas é em toda ambientação em que nos colocamos, em que nos tropeçamos, em que somos impedidos de ser sujeitos de si, para si e para o outro. Outro dia ouvi um debate de um professor emérito na Unicamp, Renato Lessa, falando disso que estamos vivendo agora como uma espécie de também exagero de levar às últimas consequências o processo que é só de destruição, só de desastre. Nós não estamos tendo que esperar como aconteceu com os nossos grandes ídolos intelectuais que se excederam à segunda guerra para escrever algo como Maurice Blanchot, que escreveu a “escritura do desastre”, não esperamos, não precisamos esperar lançar o olhar sobre o desastre, ele já está. Ele está naquele momento em que o feitor açoita o escravo em que a dor, a raiva e o ódio de estar sendo açoitado acontece no momento em que desce a chibatada. Eu acho que é isso que vivemos hoje. O processo de destruição constante sem cessar de tudo o que foi feito nesse país, tudo o que foi feito de nacionalidade em avanço neste país é alguma coisa que se faz gritar apontando para isso mesmo que é gesto de destruição. A cada vez que esses loucos saem as ruas mascarados ou não, que não importa, o que importa é o gesto que estão fazendo. Fazendo questão de apontar, de fazer ver que o gesto de destruição, destruir instituições que são caras como justiça, a educação e a saúde, essa é a cena de desastre que temos hoje. Vocês não acham?

**Renata C. Bianchi de Barros** - Acho e o gesto de silenciar isso é dizer que a quebra do vidro do banco Itaú é mais importante que o açoite que se faz nos grupos que são significados como minoria.

**Luciana Carmona Garcia Manzano** - Exatamente.



**Pedro de Souza** - Então é isto, não é?

**Luciana Carmona Garcia Manzano** - Sim. Nós estávamos comentando que, depois de você falar, nós ficamos tão tocados que demoramos para conseguir voltar a falar algo. Então, a gente ainda está sentido. Eu também concordo que é muito por aí mesmo.

**Pedro de Souza** - Não seria possível se vocês não estivessem aqui comigo fazendo esse coro.

**Renata C. Bianchi de Barros** - A Marília está pedindo para falar com você. Marília, por favor se apresente ao Pedro.

**Marilia Achete Junqueira Garcia (aluna do PPGL)** - Professor, que prazer ouvi-lo, meu nome é Marília. Eu estou iniciando meus primeiros passos no doutorado em linguística, sou iniciante, então peço desculpa pelas inconsistências teóricas e conceituais caso eu as cometa. A sua fala, ela toda, vou dizer o que causou em mim, estão todos dizendo nos grupos como toca, como emociona. Não tem adjetivo, está sendo inefável. Você fala como um poeta cantante que conclama todos nós a denunciar com você, só que de maneira sublimada. Estou em processo de sublimação subjetiva. Eu queria comentar uma fala sua, um enunciado seu inicial que me instigou bastante, quando você diz “Vozes em discursos”, naquele momento antes de as meninas, as professoras, mostrarem os materiais e as materialidades das músicas, aquele momento me instigou bastante e eu viajei. Eu trouxe à minha mente a imagem de George Floyd e vou confidenciar que eu não consegui visualizá-lo ao todo porque eu chorei na metade, então não cheguei até o fim. Mas, naquela fala tão repetida que foi depois ressoada como um sussurro. Eu pensei, estava tentando articular, nas minhas reflexões que a sua fala ficou permeando, formando alguns contornos, algumas ramificações. Eu pensava assim: se, no caso desse acontecimento se nada tivesse acontecido, esse sussurro seria aquela voz sem discurso. Pensando eu nas minhas reflexões, mas esse sussurro reverberou, redundou, retumbou mundialmente, reunindo todo mundo, um mundo mesmo, chocado, envergonhado esse é um termo que eu quero usar. Eu sofri demais ao ver, eu não concebo racismo, preconceito. Aquilo doeu, era algo chocante. Então, como aquele sussurro reverberou em vozes que transformaram aquilo em um acontecimento, aquele sussurro discursivizou-se. Então eu quero saber



se é isso, porque estou com dúvidas e foi um enunciado seu que me instigou demais, me tocou profundamente. Encerro a minha pergunta aqui e agradeço profundamente.

**Pedro de Souza** - Você tem toda razão. Acho que você, como dizem os jovens hoje, acertou na mosca. Porque é impressionante, não é? Como esse grito do George Floyd reverberou em discurso. Uma voz, para que possa ser convertida em discurso, é preciso que ela seja escutada. E para que seja escutada é preciso que ela soe. É muito bonito a maneira como você pensou e a maneira como você pode analisar o movimento em que a voz, que esse grito, terminado em sussurro de George Floyd em suas últimas tentativas de se fazer ouvi-lo, não parou de soar. Ele não parou de soar. Ele foi se somar justamente a essas outras vozes que puderam ganhar forças e dar continuidade a aquele grito e aquele sussurro, a aquele pedido, porque George Floyd, nos últimos segundos do seu vozear, estava fazendo como faz a voz na canção Calling. Ele estava pedindo para ser ouvido. Passou-se pelo sacrifício de sua própria vida, mas de uma certa forma, não foi em vão. Se vocês verem o filme Bagdad Café, lindo esse filme, vocês vão ver como esse movimento de interpretação acontece na história dessas duas mulheres do filme. É no seu grito chamado calling que ela faz reverberar, que ela vai fazendo mudar toda aquela situação de dominação que no caso é das mulheres naquele contexto desértico. É sobretudo a voz feminina gritando calling que faz descortinar um outro mundo. Eu fico emocionado até hoje quando vejo na televisão esse persistente movimento de manifestação, que é um movimento pelo qual se passa a transformação de mundo, a transformação desse mundo terrível hoje praticamente hediondo e do racismo porque pela primeira vez a gente vê que isso foi tematizado nos telejornais, nos jornais. Pela primeira vez a gente vê esse grito de George Floyd, um grito de negro ao modo de extrair os frutos cantados por Billie Holiday, Nina Simone. Pela primeira vez a gente vê não só a voz dos negros, mas de toda uma sociedade, de brancos, amarelos, gritando "basta". Esse é o discurso que procura ser despertado por essa mesma voz que não vai parar mais de ressoar aos nossos ouvidos, mesmo aqui no Brasil vimos como as manifestações foram fortes. Eu moro aqui no Sul no país, tido como uma das regiões mais racistas por ter sido colonizada por brancos, italianos e alemães, e é de se emocionar. Ver que aqui também foi grande a adesão de toda uma sociedade, feita de brancos e negros, contra isso. O que se quer mais? A manifestação violenta desse

racismo que se passa, se faz e acontece por toda parte. Porque por toda parte a polícia é feita para isso, não é?

**Renata C. Bianchi de Barros** - A Lucinéia declamou um trecho de um texto, enquanto você trocou de equipamento, e pedimos para que fizesse novamente para que você ouvisse porque vai muito nessa direção do que a Marília estava dizendo.

**Lucinéia Pereira de Paula (aluna do PPGL)** – Pedro, boa noite. Você conhece o senhor Carlos de Assunção? Um poeta aqui de Franca.

**Pedro de Souza** - Coincidentemente eu aceitei, na última seleção, um orientando de uma escola, um aluno de graduação, que está justamente trabalhando a poesia de Carlos de Assunção. Especificamente a performance poética com que é tecido o documentário sobre ele. Olha que coincidência.

**Lucinéia Pereira de Paula (aluna do PPGL)** – Fantástico! O senhor Carlos de Assunção é um poeta francano, você tem contato e já sabe dele, tem textos traduzidos para 6 idiomas e é uma relíquia nossa, é uma riqueza que temos aqui. O seu Carlos escreveu o poema Protesto e, como estamos falando das vozes que foram silenciadas, eu vou fazer a leitura apenas das partes que ele fala dos gritos e das vozes que não vai deixar de fazer.

Protesto

*Mesmo que voltem as costas  
Às minhas palavras de fogo  
Não pararei de gritar  
Não pararei  
Não pararei de gritar  
Senhores  
Eu fui enviado ao mundo  
Para protestar  
Mentiras ouropéis nada  
Nada me fará calar  
(...)  
Mas hoje grito não é*

*Pelo que já se passou  
 Que se passou é passado  
 Meu coração já perdoou  
 Hoje grito meu irmão  
 É porque depois de tudo  
 A justiça não chegou  
 (...)  
 Sempre sonhara com a liberdade  
 Mas a liberdade que me deram  
 Foi mais ilusão que liberdade  
 Irmão sou eu quem grita  
 Eu tenho fortes razões  
 Irmão sou eu quem grita  
 Tenho mais necessidade  
 De gritar que de respirar  
 Mas irmão fica sabendo  
 (...)  
 Minh'alma já está cansada  
 Eu quero o sol que é de todos  
 Ou alcanço tudo o que eu quero  
 Ou gritarei a noite inteira  
 Como gritam os vulcões  
 Como gritam os vendavais  
 Como grita o mar  
 E nada, nem a morte terá força  
 Para me fazer calar.*

**Pedro de Souza** - É muito lindo.

**Lucinéia Pereira de Paula (aluna do PPGL)** – É maravilhoso e eu me contive. Eu fiz apenas alguns excertos, o texto é muito maior e mais grandioso do que isso.

**Luciana Carmona Garcia Manzano** - Eu fui colando no chat à medida que você ia falando, para as pessoas acompanharem, e foi muito bonito. Agradeço imensamente. Foi muito tocante.

**Pedro de Souza** - Tocante mesmo. O poema mesmo pede toda essa intensidade emocional da voz, isso é próprio do poema, que você

consegue trazer em sua voz. É bonito ver como o encadear desses versos esse poeta hoje, com seus 90 anos de idade, traz uma voz de outro lugar. Essa é a voz que vem pela dele de um outro lugar, que vem na e pela dele. “Na” porque é dele mesmo. Carlos de Assunção é descendente de escravos, viveu o tempo da escravidão, então ele traz de outro lugar, de um outro tempo, para o tempo do presente fazendo sentir no tempo do presente essa voz que vem de outro lugar, essa voz a quem ele foi permitida a libertação, mas foi só dada como ilusão como ele mesmo diz. É bonito. Você veja que a gente tem exemplo de uma voz que pela sua longevidade corporal fala de Carlos de Assunção, hoje passando dos seus 90 anos, ela persiste na construção da memória, na construção de uma memória de luta porque é isso que Carlos de Assunção na sua poesia quer fazer escutar, porque sempre que se fala de escravidão se fala dos negros sendo açoitados, sendo escravizados mansamente, dos negros admitindo e até por vezes fazendo negociação da sua própria liberdade. Carlos de Assunção vem para dizer não, não foi assim, houve muita luta. É disso que eu preciso fazer valer agora como memória para dizer “basta” daquilo que foi e continua sendo agora motivo de escravidão.

**Lucinéia Pereira de Paula (aluna do PPGL)** – A leitura desse pequeno texto do seu Carlos está no livro Cruz, chamado o Negro do Protesto. Ele faz uma alusão a Moisés que vai e volta com as tábuas dos 10 mandamentos, cria uma história envolvendo o poeta negro Carlos de Assunção dizendo que ele vai até uma colina, recolhe-se por 41 dias, é tentado de todas as maneiras: glória, mulheres e dinheiros, mas ele suporta tudo e vem a inspiração do poeta, ele escreve seu protesto e entrega para sua aldeia como se fosse um testamento. É linda a imagem que o Cruz cria para o momento de criação desse poema. Cruz é um outro poeta que nós temos aqui em Franca.

**Luciana Carmona Garcia Manzano** - Outro escritor que inclusive é pai da Marilurdes, que estava aqui nessa sessão, é um escritor de bastante peso aqui em Franca. Acho que Franca tem um cenário bonito para esses escritores e poetas. Acho legal isso e o respeito que eles têm dentro da própria sociedade como figuras, acho muito bonito isso.

**Renata C. Bianchi de Barros** - Nós vamos encerrar, alguém mais tem alguma colocação ou gostaria de apresentar alguma coisa?

**Aline Fernandes de Azevedo Bocchi** – Gostaria apenas de agradecer mais uma vez, agradecer imensamente o Pedro por ter nos apresentado com essa belíssima fala e com análises tão ricas. Apenas isso, um gesto de agradecimento. Muita gratidão por esse momento. E também a Luciana e a Renata por essa parceria aqui no GTEDI, nós temos colhido os frutos desse trabalho e estou muito feliz por fazer parte desse grupo com vocês.

**Luciana Carmona Garcia Manzano** - Para mim é um momento de extrema felicidade de ver como foi bonito esse momento que planejamos num projeto de lives de um modo diferente e que essa seria “nossa, nós vamos fazer uma live em junho em que todos estão cansados, véspera de feriados”, mas nós vamos sair daqui com o coração tão quentinho e cheio de voz, cheio de esperança eu acho. Estamos tão cansados de lutar com esse nó na garganta, mas aqui a gente sai com uma esperança renovada de continuar. Vamos continuar lutando e empostando a nossa voz, gritando ao mundo que o que nós fazemos, a ciência, e sobretudo a ciência da linguagem, é de uma riqueza tamanha e é imprescindível para nos mantermos vivos e caminhar. Então agradeço muitíssimo essa presença distante do professor Pedro. Foi muito bonito, professor. Obrigada mesmo.

**Renata C. Bianchi de Barros** - Pedro, muito obrigada novamente pela suas palavras, por aquilo que você pôde dividir com a gente, compartilhando com um momento tão difícil para todos, mas que vamos significando de modo a nos sustentar nessa relação com a própria universidade, como você citou, que está muito judiada. Com todas essas instituições que insistem em nos maltratar e destruir o lugar da gente se dizer sujeito, nossos espaços de existências. Obrigada aos nossos ouvintes, colegas, alunos, professores que estão e estiveram com a gente.

**Pedro de Souza** - Fico muito feliz. Eu de novo renovo meus votos de agradecimento e queria que vocês soubessem que foram momentos muito felizes com vocês agora, me fizeram muito bem dando esse espaço de exercício de falar em voz alta não só o que penso, mas o que sinto. Me sinto muito grato, obrigado. Deixo um abraço e uma boa noite a todos aqui.

**Renata C. Bianchi de Barros** - Espero que em breve quando tudo estiver mais tranquilo, a gente possa se encontrar novamente. Um grande abraço, tchau.

---

RELAÇÕES ENTRE PAIXÕES DE IMAGEM E  
VALORES SOCIAIS: ENTREVISTA COM  
ELIZABETH HARKOT-DE-LA-TAILLE

3

RELATIONS BETWEEN IMAGE PASSIONS  
AND SOCIAL VALUES: INTERVIEW WITH  
ELIZABETH HARKOT-DE-LA-TAILLE

---

**HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth**

Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo  
Professora Livre-Docente do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo E-mail: [beth.harkot@uol.com.br](mailto:beth.harkot@uol.com.br)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0822-6402>

**ABRIATA, Vera Lúcia Rodella**

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Docente Pesquisadora do PPG Linguística da Universidade de Franca

E-mail: [vera.abriata@unifran.edu.br](mailto:vera.abriata@unifran.edu.br)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8772-8552>

**BUENO, Alexandre Marcelo**

Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo

Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

E-mail: [alexandrebueno@gmail.com](mailto:alexandrebueno@gmail.com)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0798-3615>

**RESUMO**

Em junho de 2020, o Programa de Pós-Graduação em Linguística teve a satisfação de receber o Profa. Dra. Elizabeth Harkot-de-la-Taille, Livre-Docente do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo, para uma entrevista sobre a “Relações entre paixões de imagem e valores sociais”, realizada no ambiente Collaborate Ultra. Publicamos, nas páginas que se seguem, a versão impressa da entrevista. A pesquisadora tem graduação em Letras pela USP, mestrado e doutorado, também pela USP, em semiótica e linguística geral; Pós-

doutoramento pela Universidade de Liège, que foi supervisionado pelo professor Jean Marie Klinkenberg. Ela foi docente da PUC, de 1990 a 2006. É, atualmente, docente da Universidade de São Paulo, desde 2006, onde defendeu sua tese de livre-docência em 2013 pelo Departamento de Letras Modernas. Sua pesquisa se volta tanto para a área de língua inglesa quanto para o campo da semiótica francesa, abordando os seguintes temas: a construção discursiva da identidade, estereótipos culturais, imagens de si, paixões e interações sociais, aspectos retóricos e papel de componentes sensíveis no processo de significação.

**Palavras-chave:** semiótica francesa, imagens de si, paixões de imagem, vergonha.

### ABSTRACT

In June 2020, the postgraduate linguistics program received Prof. Dr. Elizabeth Harkot-de-la-Taille, Professor at the Department of Modern Letters at the University of São Paulo, for an interview on “Relations between image passions and social values”, held in the Collaborate Ultra environment. The printed version of the interview is published in the following pages. Undergraduate degree in Letters from USP, Master’s and Doctorate, also from USP, in semiotics and general linguistics; Postdoctoral degree from the University of Liège and supervised by Professor Jean Marie Klinkenberg. She was a professor at PUC from 1990 to 2006. He is currently a professor at the University of São Paulo, since 2006; Professor at the Department of Modern Letters at USP, in 2013. And his research covers both the English language area and French semiotics. Not only the French semiotics, but also the discursive, based on the following themes: the discursive construction of identity, cultural stereotypes, self-images, passions and social interactions, rhetorical aspects and the role of sensitive components in the meaning process.

**keywords:** French semiotics; self image; image passions, shame; pandemic.

A entrevista iniciou-se com a apresentação do currículo da Profa. Dra.Elizabeth Harkot- de- la- Taille, realizada pela Profa. Dra Vera Abriata, do PPG da UNIFRAN, que agradeceu a presença da pesquisadora:

**Vera:** O projeto atual da Betty é: “Construção de efeitos de sentido de identidade no discurso”, e ela propõe uma reflexão sobre as condições de construção de sentido relacionadas à apresentação



de si no discurso e ao efeito de identidade discursiva. Um exemplo de descrições sobre relações entre identidade discursiva e valores sociais. Então, nós agradecemos, uma vez mais, a presença da Beth aqui entre nós. Agradecemos a presença de todos os pesquisadores em semiótica, nossos colegas e companheiros que estão aqui presentes. E, então, podemos passar a palavra à Beth para que ela possa falar um pouquinho para a gente a respeito da sua pesquisa. Depois, a gente abre para a entrevista, para a discussão a respeito da sua fala. Obrigada, uma vez mais aí, Beth! Alexandre, gostaria de falar alguma coisa?

**Alexandre Marcelo Bueno** - Não. Só pediria a gentileza que todos fechassem os seus microfones, que aí fica mais fácil nós escutarmos aqui a Beth neste momento. Beth, muito obrigado também por ter aceitado o nosso convite aqui. Tenho certeza de que será uma tarde bastante agradável, com muitas boas discussões. Obrigado!

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Bom, muito obrigada pelo convite! Boa tarde a todos e a todas! É uma grande honra estar aqui nesse evento da Unifran, convidada pela Vera e pelo Alexandre. Ver aqui no chat vários amigos, vários conhecidos.

E eu vou começar falando um pouquinho, né? Sobre o título que eu dei para minha fala e situar, um pouco, o tipo de pesquisa que eu venho fazendo. Não vou, acho, que me alongar muito, mas mais pra dar... a intenção é mais dar o quadro sobre o qual eu trabalho. Então, a primeira observação que eu preciso fazer é que eu trabalho com o arcabouço semiótico francês, né, basicamente. Também, um pouco com semiótica chamada cognitiva, que é do grupo  $\mu$ , entre outros. Mas o meu foco principal não é... eu não me dedico ao desenvolvimento da teoria semiótica. Quer dizer, o que eu proponho que pode trazer algum acréscimo para a teoria semiótica é a partir de reflexões sobre a sociedade do ponto de vista desse arcabouço teórico. Então, o meu foco costuma ser tentar entender a sociedade, né? Tentar entender as nossas interações sociais, a partir daquilo, principalmente, que eu acabei chamando de Paixões de imagem. Bom, isso não é um termo – Paixões de Imagem. Eu acabo me referindo a um grupo de paixões, dessa maneira, porque elas têm em comum o fato de dizerem respeito à apresentação dos sujeitos em sociedade. Como eu estou falando em sociedade, é melhor eu falar a apresentação das pessoas em sociedade. A semiótica discursiva trabalha com o discurso e a gente se atém às questões, principalmente, bom, às questões discursivas. Eu estou usando para fazer uma reflexão sobre a sociedade nessa colocação aqui. Então, para não usar um termo

genérico como sujeito, quando a gente tá falando em sociedade, a gente tá falando de pessoas, né?

Então, essas paixões... E eu dou o exemplo principal de vergonha, orgulho e honra (esse sentimento de honra), que são agenciamentos de estados, né, que se dão em relação a como cada um se vê visto socialmente. Então, o que elas têm de especial, além de serem muito interessantes, é que elas são um ótimo indício do que que é considerado valor por determinado grupo social, tá? De novo, valor social – não estou falando em valor linguístico. Então, se nós pensamos em uma situação que cause vergonha, isso só pode ocorrer se o sujeito que sente vergonha se sentir em comunhão com os valores do grupo que o está julgando, observando... Só para dar uma ideia, a gente não costuma... Bom, a nudez é um caso clássico de gerar momentos de vergonha, de embaraço, tudo. Mas se nós nos flagrarmos vistos nus numa hora em que não estava esperando, por uma outra pessoa, é um susto né? Por outro lado, se a gente observa um passarinho nos olhando enquanto estamos nus é indiferente. Um cachorro que esteja olhando é indiferente. Não causa vergonha. Portanto, a gente não está... Nós não estamos nos julgando observadas e julgadas por um pássaro ou por um cachorro, caso de nudez no caso como a gente estaria diante de uma pessoa. Aquelas situações horrorosas né? E principalmente em situação pública, que sei lá! Vai usar o banheiro e a porta não estava trancada e tem alguém ali. Né? É sempre um embaraço, mas se aquele alguém ali for um cãozinho não acontece nada.

Mas, quando eu comecei a estudar a paixão da vergonha, a minha primeira ideia foi... Eu tive duas ideias que foram descartadas no projeto inicial: uma era fazer entrevistas com pessoas que se dispusessem, e foi fácil perceber que não é fácil ninguém falar sobre o que faz sentir vergonha ou quando que se sente vergonha. Então, não dava certo. As entrevistas não funcionavam. Eu pensei em optar por textos de jornal e comecei a fazer levantamento em jornais de grande circulação, quando que alguma coisa se colocava - remetendo em alguma matéria- que remetesse à vergonha. Naquela época, era o famoso bordão... ficou famoso, meio concomitantemente, o bordão de um jornalista, que tinha bastante audiência. Ele apresentava uma notícia e concluía com: “É uma vergonha!” Então, comentários econômicos, comentários políticos que eram feitos, ele concluía com “ É uma vergonha!” E lendo, procurando materiais nos jornais, eu percebi que o tema da vergonha só comparecia nos jornais como a vergonha que significa o que o outro fez. Então, no jornal nunca aparece a vergonha que eu sinto, a vergonha que eu

passo, sei lá... Mas é sempre um juízo de valor. Alguém na situação de observador da sociedade que determina o que certo político faz que é uma vergonha ou o que que foi um crime que aconteceu, que é uma vergonha. Mas a vergonha sempre comparecia enquanto juízo sobre ações de outros. Boris Casoy! Alguém lembrou! “Isso é uma vergonha!”. O Luiz Henrique Pereira lembrou. Então, é sempre uma vergonha do outro que aparecia e eu queria entender o que que caracterizava, do ponto de vista do sentido. O que é isso que a gente chama vergonha. Da vergonha fazendo...

Bom, aí eu fui parar na literatura que é onde era possível encontrar situações, cenas em que a gente podia entender que determinado personagem estaria sofrendo de vergonha ou que havia... Primeiro era o foco da vergonha, mas, rapidamente, ocorria a dúvida né, porque... Bom, quando a gente fala em orgulho, a gente tende a pensar que orgulho é o oposto da vergonha. Mas tem orgulho ferido. Em que orgulho ferido se destacaria? Em que que diferiria de vergonha? Mas também, na definição de dicionário vergonha começa como ignomínia, como o negativo da vergonha e termina com honra. Então, vergonha é também sinônimo de honra. E a gente fala, a gente ouve, não raramente, algo do tipo “Tenha vergonha na cara!”. Essa vergonha todo mundo quer que o outro tenha, porque é o equivalente à honra, né? Me inquietava bastante que a mesma palavra pudesse ser usada para descrever o mais abominável e o mais meritório de respeito. Então, alguém que tem vergonha na cara é alguém que age para não ter vergonha, né? Dá para brincar com a palavra, porque se tem vergonha na cara vai cuidar das suas ações para, justamente, não se expor numa situação em que vive o sentimento de vergonha.

Bom, e aí, tendo trabalhado com essa questão do léxico que coloca, né... Eu até usei a imagem de uma moeda... a vergonha parece ser como uma moeda, os dois lados da moeda, dependendo do modo como é olhada, ela é algo do qual se quer fugir. E dependendo do lado, quando é equivalente à honra é algo como: o respeito, o autorrespeito, a dignidade pessoal. É algo que se valoriza. Então, valorizada disforicamente, num caso, e euforicamente no outro, nos dois extremos de uso. E tem toda uma área que não é muito clara, mas de vergonha para orgulho, para honra, eu passei alguns anos estudando essas descrições, inicialmente, em literatura.

Depois, em filmes também. Eu tive uma orientanda que trabalhou com a obra do Chaplin - nos curtas-metragens do Chaplin,

principalmente. Depois, ela fez um outro era iniciação científica. Depois fez um outro projeto com média-metragem e fez a escolha do Luzes da ribalta. Então, no Chaplin é muito fácil a gente perceber... foi lá que eu tive a clareza para entender, como separar orgulho de honra, embora seja uma separação artificial. É uma separação didática.

Nas cenas do Chaplin, quando algo acontecia, por exemplo, ele conseguia ganhar de um grandalhão, fazer alguém maior do que ele perder a disputa. Ou quando, ah, no longa-metragem, o garoto, quando ele consegue fugir com o garoto e deixar a polícia correndo atrás que tão querendo retirar o menino dele. Ele consegue fugir com esse menino. Ele mostra orgulho, né?

Outra vez também, um guarda chega e vai se colocar... dar uma de valentão diante do Chaplin. Na verdade, do Carlitos, da personagem, e ele consegue enganar o guarda e ainda, assim, o guarda tá no chão. O Chaplin se apoia. Põe a perna em cima das costas do guarda e põe a mão assim como O Pensador, só que ainda vai acender um cigarro e solta, né, em direção ao guarda. Então, em todas essas situações, o Carlitos infla o peito, olha de cima para baixo, sorri... até faz uma banana em direção aos guardas. Mas em outras situações, quando, por exemplo, ele descobre a mãe do menino, né? - personagem do filme O Garoto - e devolve o filho para mãe e a mãe está repleta de gratidão e começa agradecer... o Carlitos desaparece de cena e é esse desaparecimento, esse apagamento que produz uma interpretação, uma leitura de que não se trata de orgulho. Ele está fazendo aquilo que ele considera certo e ele não tá comemorando isso. E era isso que podia contribuir para uma diferença entre o sentimento de honra, de dignidade ou sentimento de orgulho.

Voltando aos três, né? Ao vergonha, orgulho e honra. Os motivos de vergonha, orgulho e honra se misturam, mas eles têm em comum o fato de corresponderem a valores importantes naquele grupo. Esse em que eles estão, eles compartilham a situação de mostrador de certos valores. Dou um exemplo do universo feminino: há muitas, inúmeras propagandas. Há inclusive revistas voltadas a cirurgias plásticas. Portanto, há muita propaganda, há muito material produzido a respeito de beleza feminina, melhor dizendo, padronização da beleza feminina. Uma pressão social muito extensa sobre a mulher, a respeito de poder corresponder a determinados padrões de beleza. Então, se isso é um valor socialmente compartilhado, é fácil prever que falhar nesse quesito ou ser acusada de ser feia, de ser velha, pode, facilmente, mesmo que a mulher tenha a consciência de que são valores, digo, esse padrão de beleza, é

uma construção social que não necessariamente, não tem nada por que corresponderia ao valor da pessoa. Mas uma mulher que saia na rua, que aconteça alguma coisa, e alguém começa a gritar que ela é horrível, feia, velha. Ela vai se sentir agredida. Vai se sentir provavelmente ofendida, mesmo sem racionalmente concordar com aquilo. Em grande parte, isso ocorre, porque, desde cedo, né, as pessoas crescem, aprendendo que a menina tem que ser a princesa, a bonitinha, tem que sentar direito, não pode falar palavrão. Hoje em dia, muito mais liberdade foi construída a respeito disso.

Do ponto de vista do menino, muito mais liberdade foi, também, conquistada. Mas tem um filme de 2015, que eu acho fantástico, chamado *The mask we live in* (A máscara em que vivemos). Não lembro agora se é *we ou you*, se é a Máscara em que você vive ou a máscara em que nós vivemos. Fala da educação do homem – *We*, obrigada, Táis! A máscara em que vivemos, porque é a sociedade toda. O modo como a sociedade americana cria os meninos para serem homens. E esse filme focaliza, com destaque, a ênfase à independência, à capacidade de revidar uma agressão, ao não se mostrar fraco, ao não pedir ajuda. Ou seja, muita coisa que poderia parecer ultrapassada até hoje em dia, aquela história de “homem não chora”, “não pode levar desaforo para casa”, num filme de 2015, a gente tem evidência de que isso é muito forte ainda e que, para ofender um homem na rua, chamá-lo de feio não vai causar muito efeito. Se alguém quer ofender, provavelmente, vai apelar para questões de gênero ou hoje em dia, com a grande valorização do enriquecimento como prova de valor, chamar de pobre e de perdedor. Esses são só alguns exemplos, porque os conteúdos, né, que acionam o sentimento de vergonha ou de orgulho. Quer dizer, aquele sujeito, aquela pessoa que tem orgulho, porque tá andando num carro caro, bonito, novo, né? Tem gente que anda de carro, caro, bonito, novo e não necessariamente sente orgulho de estar lá. Pode estar contente, satisfeito, mas não é exatamente orgulho, né? Quem sente orgulho de estar numa situação assim é equivalente a uma história que uma vez eu ouvi em sala de aula, muitos anos atrás...

Engraçado... deixa eu ver comentário que tem aqui: “ Um dia um homem quis brigar comigo na rua e ofendeu o meu carro: Esse seu carrinho! Mas isso não funciona para gente, né? É mais entre homens. Ele não feriu o meu orgulho”. Pois é, eu também não me ofenderia com um homem falando “ esse seu carrinho”, coisa assim...

Nem todo homem vai se ofender, mas a história que eu vou

rapidamente relatar é de um aluno que eu tive, não era ainda na USP, muitos anos atrás, e que um dia estava com a mão vermelha e inchada e eu perguntei o que que tinha acontecido e ele respondeu que ele tinha brigado na rua, porque tinham ofendido ele. Eu falei “nossa! Mas o que foi que aconteceu?”. Aí ele já te respondeu já com uma certa raiva, né? Não raiva de mim, mas a situação era difícil para ele: “Ah, eu fiz uma besteira enorme! Meu carro quebrou e eu acabei topando ir para rua com o carro do meu tio, um Fusquinha. Uma porcaria de um Fusquinha para não falar exatamente o que ele disse. E, na rua, um idiota quis gozar da minha cara, porque eu estava naquele carro”. Olha só, um rapaz de 20 anos, porque dirigiu um carro aquém do que ele, cerca de 20 anos, aquém do que ele achava digno para representar a sua imagem de si. Alguém falou alguma coisa que ele entendeu como terem, sei lá, rido dele, por tá com aquele carro. Eu já nem ponho a mão no fogo que isso de fato tenha acontecido, mas ele desceu e bateu em quem fez isso. Era motivo de honra dele se defender, né, da humilhação do outro apontar que ele estava num carro pequeno, num carro velho, num carro... Esses valores, né?

Isso - só mais uma nessa linha - um exemplo mais requintado, de Humilhados e ofendidos de Dostoiévski. Há uma cena em que um alemão entra numa espécie de uma casa de chá e os alemães não são bem vistos na região. Então, tem isso também. Ele entra nessa sala de chá, pede o seu Ponche, começa a ler o jornal. Sabe aqueles jornais, como de hotel, que têm uma madeira de um lado e você vai folheando. Ele percebe o olhar insistente de um velho, de alguém numa outra mesa. Aí, ele abaixa um pouco o jornal né? A situação de tô lendo o jornal, aí abaixa o jornal para ver quem é que estava observando. Era um velho. Bom, ele faz um “Hum! Hum!” e continua lendo o jornal. Aí ele abaixa de novo. Aí ele encara o velho. Aí ele volta para o jornal. Aí ele abaixa de novo e bate o jornal na mesa, encara o velho com mais força. E o velho impassível. Aí, essa personagem interroga o velho e diz algo mais ou menos na linha “Por que é que o senhor está me olhando desse modo insistente? Silêncio. Aí, o alemão levanta, derrubando a cadeira, e grita “Quem o senhor pensa que é pra tá me olhando assim? Eu sou conhecido na corte, o senhor não!”. Bom, aí claro, todo mundo que tá nessa casa de chá dirige suas atenções para o alemão, que tá vermelho, diz ele de raiva, mas ele está indignado, porque aquele velho continua olhando para ele e em sua indignação, que é o que eu vou abordar daqui a pouquinho, ele agride o velho cada vez mais. Primeiro, ele só olha, porque ele quer o velho desvie o seu olhar. Aí, ele vai aumentando o grau de interação com esse velho. Ele levanta, ele fala que ele é conhecido

na corte. Ele grita. Só que o alemão era uma espécie de um coitado do lugar que estava, naquele momento, unicamente se aquecendo. Ainda para piorar as coisas, ele estava com seu único bem, que era seu cão que tinha morrido aos pés dele, debaixo da mesa. Então, o alemão faz um papel ridículo na defesa de sua, digamos, honra e da honra de sua cidade. Ele evoca até a cidade de onde ele vem, de Riga. Então, fica muito claro que, numa circunstância dessa, ser examinado por outro é um motivo de... É uma fragilização e algo que ele não suporta. Então, quando nós pegamos valores centrais, os... passaram a ser examinado por outros... A gente tem ditados em português, né? Que dizem que as pessoas são divididas em grupos, que os iguais seriam só de determinado nível. Eu estou tentando lembrar agora. Como é que era? Ah, é aquela frase “o que vem debaixo não me atinge”. Todo mundo já deve ter ouvido isso, né? É um modo de dizer que o outro não ofenderia, porque não é digno de ofendê-lo. Não é um igual. Mas quando se está num grupo de iguais, e eu falei que o Alemão vai reagindo com indignação, as atitudes consideradas como causadoras de vergonha, provocadoras de vergonha, se elas são julgadas assim à la frase do Boris Casoy “Isso é uma vergonha” e tal, elas despertam a indignação do grupo que vê, digamos, esse ofensor, esse sujeito que está fazendo algo vergonhoso e que não deixa de fazer.

E é na indignação que eu faço uma pequena ligação, desse trabalho, que agora eu dei um salto né? Desde 1990 lá, agora 2020 que a gente está, mas esse período não só 2020, em que nós temos, lembrando do título da palestra recém dada pela Diana Luz Pessoa de Barros, né? Sobre a pandemia das fake News. Então, estas fake News, em grande parte, abusam do poder de despertar indignação. Então, esse sentimento de vergonha, lembra que eu falei no início, né, que vergonha tem no dicionário as duas partes. Então, quem tem vergonha na cara, age de modo a não passar vergonha. Então, é o sim ou não. Em fake News, ninguém tem vergonha na cara na acusação. Todos são vergonhosos. Os atos que fazem, que são veiculados como acusações sobre, seja político, artista, seja quem for, mas sempre são atos que despertam a indignação. Despertam a indignação e, com isso, contribuem para a coesão social do grupo que reage se indignando contra aquelas coisas vergonhosas que os acusados estariam fazendo. É uma manipulação passional extremamente eficiente que tem sido levada a cabo já há algum tempo. É muito difícil desatar essa manipulação, porque ela apela fortemente e diretamente no sentimento daquilo que vale a pena a pessoa, digamos, quem passa adiante esse tipo de fake News, muitas vezes, tá vivendo uma verdadeira indignação e acredita que eu passando aquilo, eu sou incapaz de fazer



aquilo. Então, eu vou passar para a gente como eu que vai se irmanar na minha indignação e que vai condenar estes atos abomináveis de pedofilia, de roubos, de fortunas etc., ou então, as ridicularizações que eu me lembro de adesivos horrorosos que circularam uns anos atrás, em torno... da boca do tanque de gasolina, sugerindo estupro. Conforme a pessoa fosse abastecer o carro, a sugestão é que estariam estuprando principalmente a Dilma, o Lula e etc. Eram adesivos em montagens horrorosas em posições absurdas e o cano da gasolina seria justamente o papel do falo, do pênis. Então, a motivação disso é, por um lado, fazer os iguais rirem daqueles outros que são apresentados como menores. Por outro lado, fazer se indignarem, quando acusam de mentiras, mas irmanam os grupos que se acham distantes desses motivos de vergonha, que não colocam essas transgressões como parte de sua identidade, mas da identidade do inimigo que tem que combater. Então, quando comecei a estudar isso lá atrás, eu não imaginava, óbvio que podia acontecer o que aconteceu pelo Brasil, mas o poder manipulatório que provocar a humilhação alheia tem é assustador. E ao despertar um grande sentimento de indignação, permitir esse espalhamento de notícias falsas que causam indignação, solidifica-se um grupo que se considera do bem, porque não faz essas coisas e chega até, só para amenizar um pouco, né, não deixa de ser engraçado, e eu vou citar dois candidatos, quando eram candidatos à presidência. Que aquele que surgiu como... Ah, desculpa não vou citar... Mas aquele que surgiu como defensor da família estava no terceiro ou quarto de casamento e quem surgiu como depravado, contra a família, sempre teve a mesma mulher há mais de 30 anos e continua casado com ela. Então, essa propagação de Notícias falsas, mesmo sem ter lastro nos dados de realidade que a gente tem, produz essa irmanação de grupos em torno de pretensas boas ações. Vamos limpar o mundo dessa sujeira toda! E, nesse sentido, eu não sei... eu acho que... eu só consigo imaginar, né, pensar em como combater esse movimento e não falo só em fake News de um lado do espectro político não. Eu já caí em fake News do espectro político, do qual eu me sinto participante, porque apela para a indignação. E já também, num dado momento, eu achei que eu tinha caído, pedi desculpas e só muito tempo depois descobri que aquilo não era mentira. Foi um momento em que eu recebi, por WhatsApp, a divulgação de um congresso que aconteceria em São Paulo, chamado Flat Con e vinham os blogueiros famosos, falando sobre Terra plana. Faz muito tempo isso, hein gente! Foi no começo de 2019, falando sobre Terra plana. Então, os grandes destaques eram influenciadores, eram blogueiros e, ao final, vinham símbolos do Governo Federal e do Governo Estadual como financiadores. Eu fiquei furiosa quando eu vi aquilo, passei adiante. Falei “olha que



absurdo e tal!”. Depois, eu me acalmei, acabei pedindo desculpas para quem eu passei e uns meses atrás, esse congresso de fato estava acontecendo e com esses financiamentos. Era tão absurdo! Quer dizer, no primeiro momento, eu reagi com indignação. Depois, eu reagi pela razão e a razão falou “não, pera aí! Você tá sendo manipulada! Isso não é possível!”. Só que era e o congresso aconteceu. Foi aquele congresso da Terra plana que cada participante tinha que pagar - que sentia vergonha de votar no defensor da família – Mas o congresso de fato aconteceu. Parece que era R\$ 500 aí a participação, para participar nele, né? Então tinha que ter bastante dinheiro e a gente enquanto... a gente vira vítima passional dessas coisas. Então, eu acho que merece, sabe?, acho que até um estudo, até um grupo para poder contribuir, porque sozinho é muito difícil lidar com isso. E com o bombardeio de notícias falsas causando indignação, pouco tempo existe para que as pessoas pensem, reflitam se aquilo faz sentido, né? Já vem outra e outra e outra e outra e o mundo acaba se dividindo entre as pessoas de bem e as pessoas que não prestam, como se houvesse uma separação clara e nítida entre pessoas desse jeito. E como se só existisse bem de um lado do espectro político e como se só existisse mal de um lado do espectro político.

Bom, basicamente é isso. Eu até falei muito mais do que eu tinha previsto. Peço desculpas. Eu falei para a Vera, eu corro o risco de me entusiasmar, né? Mas eu acho que essas paixões são fortes aliados para a gente identificar os valores sociais que estão regendo determinado... a coesão e a tensão em determinados grupos. Elas são quase uma bandeirinha falando “Olha aqui tem coisa importante para pensar, né? Então é isso! Eu devolvo a palavra para vocês! Obrigada!

**Alexandre Marcelo Bueno** - Beth, obrigado pela sua fala extremamente rica. Muito agradecido aqui pelas questões que você vai levantando agora para nós. Eu queria, então, abrir, na verdade, para o debate agora, para que a gente possa fazer... Porque a nossa ideia era de fazer uma conversa mesmo e acho que aí a sua fala motivou uma série de questões aqui. Então, eu informo a todos que quiserem fazer pergunta, pode ou sinalizar e abrir depois a câmera, ou a gente pode ir... eu vou moderando pelo chat aqui para quem quiser fazer alguma pergunta, colocar alguma questão. Mas acho que só pra gente já poder conversar um pouquinho mais sobre essa reflexão que você trouxe aqui para nós, que é uma reflexão que você traz aí já há bastante tempo não é? Essas paixões, esse lugar social das paixões... Eu fiquei pensando assim: você mandou uns textos que você trabalha com discursos sobre os agentes penitenciários, né? E eu fiquei pensando... e agora você falando... na

sua falta também eu voltei a pensar nisso, em como é necessário nós desenvolvermos estudos, trabalho que falem sobre essa questão da masculinidade, né? Como nós temos como sociólogos e psicólogos que falam da masculinidade tóxica, mas que nós temos ali um campo de estudo para refletirmos e pensarmos nessas... não só apenas nas novas masculinidades, mas também nessa masculinidade tradicional, não é? Nesse sujeito padrão de que fala o Bourdier, essa masculinidade branca, cristã, heterossexual. Acho que esse seu trabalho, ele também, digamos, mobiliza bastante todo um campo de estudo que está sendo desenvolvido neste momento e que tem consequências práticas também, né? Porque hoje nós temos grupos de estudo, grupos de... rodas de conversa para que os homens possam rever essa imagem, não é? Então, eu acho que essa é uma questão que o seu... que a sua fala, hoje... os seus estudos me mobilizaram, digamos assim, como sujeito. Muito obrigado, Beth.

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Nada! Imagina! Eu só queria dizer... Esses dois trabalhos que eu pude enviar nessa situação de pandemia e isolamento, né? A gente acaba não tendo disponível tudo exatamente o que queria. Eles são dois ângulos de ataque distintos sobre entrevistas com agentes de segurança penitenciária. Então, são eles que falam e, a partir do modo como eles falam né?, que eu acabo analisando os elementos que surgem lá. Eu gostaria até de ter enviado alguns trabalhos mais recentes, mas eu não tinha como. Mas esses já dão para conversar, né?

Eu vi algumas questões aqui. Nossa! Tem algumas que eu não sei muito como responder. Nossa! O Luiz Henrique... eu posso ver do chat e ir falando. Então, Luiz Henrique Pereira pergunta: “Estamos no mês do orgulho LGBTQIA+. Como você analisa essa paixão no contexto de resistência desse grupo e na (re)construção de identidades e valores sociais?”

Luiz Henrique, primeiro preciso dizer que eu nunca me dediquei a estudar o movimento LGBT e tal, então, vou te responder mais como uma pessoa que respeita o movimento e não como uma estudiosa. E tendo estudado, gostando de estudar orgulho, vergonha, eu acho que... Bom, é claro que a paixão orgulho surge associada ao movimento, primeiro momento, porque também veio associada ao movimento negro. Então, os movimentos de resistência se apoderaram da ideia do orgulho e, do meu modo de entender, é porque é uma reação ao julgamento, ao juízo social de que ser negro seria vergonhoso; de que ser LGBTQ seria vergonhoso... Então, eu entendo como um contraponto ao discurso vigente, ao discurso

mainstream, basicamente, seja contra o ser negro, contra o ser LGBTQI. Então, nesse sentido, a ideia de orgulho serve como um chamamento para a coesão social nesse grupo e falar “Olha, você não tem motivo para ter vergonha de ser uma pessoa com as características que você tem, né? E é uma questão, é um paralelo muito pequenininho, mas também não deixa de ser... sei lá! Pode trazer alguma provocaçãozinha aqui. Quando eu era criança – Bom, eu descendo de poloneses. Não só, mas o principal é de poloneses - eu lembro de aprender que a palavra polaca e mesmo criança adolescentezinha, era comum falar “Ah, a polaquinha não sei o quê... E aí eu aprendi que a palavra polaca significava também prostituta. Aquilo foi um choque para mim. No começo da adolescência eu fui descobrir, entender, mas uma família muito tradicional. Então, imagina, a palavra prostituta não existia no vocabulário e de repente eu lia alguns textos de história e, no Paraná, as prostitutas do porto, parece que num determinado período, as mais famosas eram as polacas. Tem até música do João Bosco que fala das polacas e tudo, né? Mas enquanto adolescentezinha, passando da infância para adolescência, eu me senti caracterizada como prostituta, porque era polaca e eu falava “Mas isso não é justo tratar as pessoas assim!”. Hoje em dia, honestamente, eu tenho muito mais respeito por prostitutas do que por muitas outras pessoas, né? Mas naquela época em que tava entrando na adolescência, ser chamada, ser vista como prostituta, para mim era uma tragédia. E demorei um pouco para entender que polaca que não queria dizer só isso né? Mas aí, eu entendo o orgulho, porque se eu tivesse convivido num grupo acusado de fato assim de que devia ter vergonha de ser quem você é, né? E o que que eu sou? Eu nasci aqui e agora, por acaso, né? Um pai e uma mãe se encontraram. Os avós se encontraram, né? Que responsabilidade eu tenho, né? De onde eu venho e como é que eu nasci. Mas ser acusado de dever ter vergonha por ser quem é, eu acho que tem um modo de reação, de resistência é esse mesmo! Se unir e falar “Não, então olha, nós vamos ter que... a gente tem que resgatar o orgulho em quem nós somos. Nós somos pessoas em primeiro lugar”. E as críticas não são ao fato de você ser pessoa, mas ao fato de você ser a pessoa com característica determinada x ou y ou z. Pega uma parte pelo todo. Então, isso é o que me suscita, Luiz Henrique. Não sei se eu consegui responder satisfatoriamente, tá? Eu vi o que... Alguém quer falar alguma coisa?

**Alexandre Marcelo Bueno** - Tem uma questão da Eliane aqui também, nossa amiga Eliane Soares de Lima. Aí ela diz assim: “Beth, ouvindo você, fiquei pensando aqui no caso da “vergonha alheia”. Queria que você falasse um pouco sobre ela.” É porque é um fenômeno

bem interessante também de sentir vergonha pelo outro né? Na relação do outro.

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Lá na minha tese lá em... Nossa! Muitos não estavam nem nascidos aí ainda dos que estão na plateia. Em 96, eu chamava de vergonha por contágio tá? Então, a vergonha por contágio pode ser desde aquela situação em que... Bom, novamente, quando eu era criança, parecia que ninguém tinha em sua família nenhum caso de problema de formação no sentido físico ou mental, criança com algum problema ou um parente alcoólatra. Não! As famílias pareciam ser todas perfeitas, né? O que não era perfeito era escondido. Inclusive, eu me lembro do choque de descobrir, uma vez, visitando um casal, eu frequentava a igreja com os meus pais e tudo... Indo à casa desse casal e escapou do quarto uma filha que tinha Síndrome de Down, que ficava presa no quarto. Eu lembro do susto e a vergonha alheia, sei lá, mas, pelo menos, o que eu chamei de vergonha por contágio. Quer dizer, imediatamente, ficou clara nessa cena, os pais ficaram com vergonha da filha. Não com vergonha de manter a filha presa, mas, da filha ter escapado e aparecido numa situação social. Eu fiquei com vergonha por causa da circunstância que estava acontecendo. Eu não tinha motivo nenhum para sentir vergonha naquela hora, mas vê uma menina cujos traços eu não conhecia quase. A gente... não ela... pessoalmente... Mas quando eu era criança não se via crianças com Síndrome de Down, adultos na rua. Eles ficavam guardadinhos em casa, né? Então, eu vi uma pessoa com traços diferentes e vi o constrangimento dos pais, pedindo desculpas e dando um jeito de recolher a filha de novo. E eu me senti profundamente envergonhada. Eu não sei bem dizer do que, eu acho que era da raça humana naquela hora. Ou não sei dizer, mas era uma vergonha por contágio. Essa vergonha também como eu entendo por contágio, pode ser também, sabe? A época que começou a surgir e disseminar-se o vírus da AIDS, né? Era uma vergonha quem tinha falado... foi uma grande luta da mãe do Cazuza para manter a imagem dele viva e acima da ideia de que era aidético, como se dizia. Então, eu suponho, que vergonha alheia pode ser também... a gente... Se a gente sente vergonha, é porque de algum modo, em algum nível, a gente tá compartilhando de conjuntos de valores. Eles podem não ser exatamente os valores daquela pessoa que tá fazendo papel vergonhoso, né? Mas a gente pode sentir vergonha de ver o Brasil entrar no... O Brasil não! Os residentes brasileiros entrarem no grupo que, a partir de 1º de julho, é proibido de ingressar na Europa. E sentir vergonha disso por quê? Todos nós estamos em isolamento. Estamos fazendo o que a gente pode, mas a gente pensa em um grupo maior e que tem uma ação não

coerente, que tem vários tipos de formas de olhar a pandemia, inclusive, diminuindo-a, falando que sei lá... sem se importar com as mortes que ela causa e isso pode sim causar vergonha na gente, mesmo que a gente não esteja pensando em enfrentar a polícia de fronteira para entrar na Europa ou mesmo que a gente cumpra... faça o melhor possível para não disseminar a Covid. Então, nesse sentido, acho que é isso.

Tem uma questão aqui. Deixa eu ver. A Nayara... tem alguém antes da Nayara? Vergonha alheia...

**Alexandre Marcelo Bueno** - Oh, Beth, eu só queria aproveitar o que você acabou de falar e também te perguntar... Porque, assim, agora nesse momento da pandemia, nós temos, digamos, de um lado, discursos de precaução, de cuidados e de solidariedade. Nós temos, de outro lado, uma negação de todo esse estado que estamos vivendo. Discursos anti-ciência e tudo mais... E me parecem que existem grupos conservadores, na sociedade brasileira, que têm orgulho, por exemplo, de não se comportar de maneira mais precavida neste momento. Eu vi, esta semana, no Jornalistas Livres, um rapaz que estava sem máscara no metrô e o segurança tentando dialogar com ele para que ele desse um jeito, porque ele não poderia ficar naquele ambiente daquela maneira. E aí ele meio que bateu no peito, dizendo “Não, mas eu sou bombeiro. Eu sei o que eu estou fazendo. Você não pode falar desse jeito comigo”. Então, parece que tem orgulho de uma certa ignorância, de viver sob um certo risco também, né, por parte desse grupo que nós temos observado aí. Eu não sei o que você pensa sobre isso...

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Olha, eu acho... eu estava olhando também aqui no site tem uma questão sobre mulata que eu vou deixar para daqui a pouco, porque a Diana eu vi que tá aqui. Que alegria, Diana, poder... Não tinha percebido que você estava aqui. Se liga com o que você tá dizendo. Você fala do bater no peito e não usar máscara, mas a Diana tá perguntando “Como eu trato a perda de vergonha de ser preconceituoso, racista, homofóbico, intolerante no geral que acontece atualmente?”.

É muito difícil sempre, a gente falar sobre o que tá acontecendo no momento. A Diana sabe fazer isso muito melhor do que eu. Eu consigo fazer melhor quando passou um pouco tempo, mas a gente tem, atualmente, uma dissociação de grupos em que parecem mundos paralelos e, atualmente, desde antes das eleições, são as notícias, as matérias que um grupo lê, o outro não lê e vice-versa. São poucos os

que conseguem ver dos dois, mas, com isso, e a quantidade de veículos que existem, de blogueiros, de influenciadores de... a gente tem a TV Bolsonaro, né? Eu vou até procurar aqui se ainda tá funcionando. Sim! Então, deixa eu achar vocês de novo. A TV Bolsonaro foi lançada, né, a partir de um aplicativo que você pode ter no celular e você tem acesso, segunda a propaganda, em primeira mão, das notícias importantes do governo, né? E entrevistas com membros da família e debates sobre as questões realmente importantes para o Brasil. Ora, é claro que, se fosse uma TV PT, durante o governo do PT, seria acusado de aparelhamento ideológico. Hoje, a gente tá num contexto muito mais complicado, mas se a gente conseguisse imaginar uma TV PT, que você pudesse baixar por aplicativo no celular e que só teria as notícias que o PT escolhesse circular, com entrevistas com petistas importantes e com debate sobre os assuntos que os petistas consideravam relevantes. Bom, tá na cara que isso... ia ser tendencioso, né? Não precisa nem dizer sobre a situação atual. Então, voltando para a questão, né? Do... tentando voltar... Não ter vergonha de ser preconceituoso, racista, homofóbico, intolerante, que me parece aqui na base disso e também na postura de enfrentamento desse rapaz no metrô. Na base disso, tem essa enormidade de fake News. Eu cheguei a enviar de volta a notícia. “Notícia”. Desculpe! Nem poderia falar o nome notícia, mas o post explicando o porquê que o Jean Wyllys seria pedófilo. Eu procurei na internet. Foi um parente que me enviou. Eu mandei de volta e falei “Olha, esse assunto é motivo do processo tal, tal, tal, tal. Você disseminando isso, você também pode ser processado. Então, mas normalmente isso não acontece, as pessoas divulgam qualquer absurdo e perderam realmente a o senso do que é razoável, como notícia. Quer dizer, você fala que o Fulano é pedófilo e sai acreditando, né? E... deixa eu só achar a fala da Diana de novo aqui. A perda da vergonha de ser preconceituoso, racista, homofóbico... Nesse contexto em que a gente tá, um grupo se considera detentor do bem, porque está diante de um outro tão horripilante, sabe? O outro desse grupo é composto de vagabundos, de folgados, de pedófilos, feministas que, na verdade, querem é a humilhação dos homens, né? É toda uma história que torna o país dividido mesmo, em pelo menos dois, e um grupo vê o outro como o mal. Então, eu acredito que aí... não tem... não se sente mais parte de... Eu me lembro do Lottman, do texto do Lottman Semiótica dos conceitos vergonha e medo. A vergonha é aquilo que a gente sente num grupo de iguais, num grupo de nós, nós pronome. Medo é o que a gente sente do outro. Então, temos dois grupos no Brasil em que um se considera o “nós brasileiro, patriota” e o outro é o mau. Aí são só as regras do medo que valem. Então, eu tenho que partir para o medo. Então, não tem preconceito contra alguém que é tão ruim, não



tem racismo, não tem homofobia e intolerância. São tão ruins que eles merecem ser espezinhados, mas se for dentro do próprio grupo, aí não! Aí a coisa é diferente. É claro que não nesses termos. Eu acho também que para o uso da máscara, é tão óbvio que essa doença é invenção da esquerda, sabe? Eu sei do que eu tô falando! Eu sou bombeiro, sei lá! Eu não vou me submeter a essa ideologia da esquerda que criou essa doença para complicar o governo atual no poder, né? Isso que me ocorre. Eu acho que é por aí! É pelo medo que as coisas começam a se regular, porque não tem mais vergonha, não tem mais um grupo de nosotros, vai! Para não pago não confundir com nó de gravata.

Deixa eu ver aqui... Isso que Diana falou... Então, a vergonha tá no campo da neurose. A falta dela no da perversão. A Aline tá falando: "Interessante pergunta da Diana. Do ponto de vista da psicanálise, aí eu não entendo, tá? A vergonha está no campo da neurose. A falta dela, no da perversão. Beth, você acha possível considerar, neste caso, um funcionamento social perverso?". Ah, enquanto funcionamento social, sim! Sem dúvida. Eu não teria coragem de falar sobre as pessoas. Cada um sentindo vergonha ou não sentindo vergonha. Aí, mas sim, do ponto de vista do funcionamento social, sim. Não somos um Brasil, somos... quer dizer... uma parte da população se considera brasileiros legítimos e o outro... e os outros são... precisam ser expurgados. Lembra que, no discurso de posse do presidente, ele falou que ia expulsar todos os vermelhos comunistas etc. Aqui, na verdade, não é nem quem não se dobrasse. É que eles tinham que ser expulsos. Então, como tem um inimigo tão horrível assim, não tem como ter conversa com ele. Não é par meu. Eu quero distância de um inimigo tão horroroso, né?

Então, deixa eu ver quem mais... Luiz Henrique Pereira: "houve um retrocesso em relação à intolerância com os grupos vulneráveis socialmente, pois se antes o preconceito era velado, agora é questão de orgulho expor esse preconceito". Pois é, virou orgulho, porque... junto com... ah bom... têm questões econômicas também, né?! E interesses econômicos. Então a gente não pode... ser ingênua, e achar que é apenas discurso, mas existe o poder do capital... os grupos que querem que... a população trabalhe, porque senão os seus lucros vão diminuir. E aí quem... tá numa situação socialmente mais vulnerável, acaba sendo exigido e... Claro, bom, nós tivemos um retrocesso de direitos trabalhistas, de direitos de toda ordem, né!? Então, o poder bruto se embruteceu mais ainda, e... essa... Quer dizer, se é considerado uma coisa de comunista pensar em... os grupos mais vulneráveis terem o direito a respeito e atendimento, né!? Vamos pensar, que olha, o ideário neoliberal, né!? Não sou muito... não

conheço profundamente, mas é muito claro que é o “cada um por si... vai... você faz a tua vida, você batalha... então você vai vencer com o fruto do seu trabalho, e tal, né!”... Mas há um acirramento tão grande dessa diferença que... quer dizer, se você vence, se você acredita nessa história contada socialmente que se você trabalhar, você vence. E... se... você vê outros que não venceram, você vai achar que aqueles não lutaram para vencer. Faltou ler o Merton, né? O Robert Merton que é, acho que um livro da década de 50, de sociologia, e que ele já levanta a ideia de que a sociedade vende uma história, que ela não cumpre, né? Então, você pode trabalhar malucamente. Se você nasceu pobre, você não vai se tornar rico com o fruto do seu trabalho. Você vai se tornar rico, se você usar de outras... ah... não é levantando às 6h da manhã, chacoalhando no trem, trabalhando de monte, né? Então... eu acabei pulando o que eu ia dizer... deixa eu ver se eu consigo recuperar... ah aqui: os grupos... o preconceito era velado... Então, antes, eu diria que nós éramos uma sociedade... ainda com um grau de coesão, e que hoje não, são... sabe? Quem trabalha tem a recompensa... do trabalho ou de Deus, quem não tem a recompensa é porque não trabalha, então não merece apoio, não merece política pública. Eu há uns meses atrás, entrei na página do partido liberal, e... é alguma coisa de causar falta de ar, primeiro eu comecei vendo um elogio à escravidão, porque no tempo da escravidão, os negros tinham casa, tinham comida, eles eram acolhidos nas famílias, praticamente como membros da família, e nenhum patrão queria que o seu escravo morresse, então cuidava bem do seu escravo, dava-lhe condições para que ele trabalhasse bem. Hoje em dia, no Brasil, já faz quase um ano isso, hoje em dia no Brasil tem uma escravidão muito pior: os empresários são obrigados a pagar uma parcela de impostos para que grupos de pessoas que não trabalham recebam programas sociais, recebam o bolsa família, então a escravidão dos empresários na sociedade brasileira é insuportável, é muito pior, olha o raciocínio, sabe? É uma... é uma quebra do contrato fiduciário, sabe? O que é escravidão... passa a valer outra coisa, o que é, aliás jornalismo abusou disso, né? Chamando de polêmicas as declarações, muito tempo falou que declarações de muitos desses aí eram polêmicas, e eu, algumas vezes, eu falei: “não elas são abomináveis, não são polêmicas”. Polêmica é questão, tá no âmbito da opinião, você discute, você é a favor, você é contra, mas declarações abomináveis são inaceitáveis, são contra os padrões de convívio social, né? Então dizer: “eu não te estupro, porque você é feio”, não é polêmico isso, isso é abominável. E recentemente têm umas outras aí surgindo, também, umas outras vezes tá surgindo polêmica, é o Coringa do momento, né? Quando o jornalista não sabe muito bem como classificar, ou não quer correr o risco, fala



que é polêmico. Então eu acho que, em relação a grupos vulneráveis, é essa... sabe? Eles, por um lado, mostram que pra alguns, pode parecer que essas pessoas não estão trabalhando o suficiente pra receberem o seu sustento. Então, tão querendo que outros trabalhem por eles, né? Coisas assim. Então, deixa eu ver o que mais que tem: pouca vergonha... Taís fala: “isso Luiz”..., se você puder me ajudar, eu estou um pouco perdidinha aqui, bastante coisa...

**Alexandre Marcelo Bueno** - o próximo seria o do Américo mesmo, mas antes tinha só um comentário que a Nayara fez, Beth, que eu também pulei aqui, ela diz assim: “Beth, sua fala me despertou para o fato de que, talvez, possamos rever o que nos deixa envergonhados, por meio dos valores que possuímos. Obrigada, foi bem elucidativo”. Então, é uma observação, um comentário aqui da Nayara, que aluna aqui do programa. E aí tem uma questão do Américo, que fala assim, nosso colega da UFC, muito bem-vindo Américo! Então ela fala assim: “parabéns, obrigado, Beth, no seu livro, você cita a frase do Tomas Fuller – aquele que não tem vergonha não tem consciência –, você poderia falar da relação entre vergonha, consciência e ideologia?”. Acho que você pode ficar mais umas 2 horas aqui rrsrs.

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Isso que eu ia dizer... Américo, eu não saberia como falar e em pouquinho tempo sobre isso. Eu precisaria me preparar. Vamos combinar pra em uma outra ocasião falar sobre esse enfoque? Pode ser interessante, mas é muita coisa que suscita, e... eu lembro que depois eu que eu usei essa fala, eu a vi dentro de um contexto que me fez questionar, sabe? Puxa! Será que eu deveria ter usado aqui... e não sei o quê! Mas tem muita coisa para dizer aí, e eu não tenho coragem de falar como uma resposta rápida, não. Tá?! A gente podia falar disso no momento... numa conversa de... de sei lá, de plataforma, sejamos nós dois, ou num outro contexto.. Deixa eu ver... Taís: “o fato de não escondermos mais nossos parentes com Down, os nossos parentes gays, é visto por esse grupo como pouca vergonha”. Bom...

**Alexandre Marcelo Bueno** - Beth, tivemos aqui algumas discussões, a Camila citou um trecho do seu trabalho, do seu livro, não é?! Para a própria Aline, enfim, que ela tinha identificado aqui um trecho: “a vergonha é uma primeira fobia, dá uma consciência que se vê com o objeto que ainda sabe que esse objeto ainda é ele mesmo como sujeito” do Lankilevich. Aí tem uma pergunta da Flávia Karla... ela fala assim: “fico pensando em um sujeito que apoiou um suposto herói,” como o Bolsonaro, o Moro no passado, acrescentando – no passado Collor, né?!,

“... lida com a vergonha suscitada diante da desmistificação da figura desse herói, que aos olhos de um coletivo maior nacional e internacional, sempre foi visto como o anti-herói. No daqueles que conseguem abrir os olhos, deve ser intenso conflito entre a imagem de si, o eu mesmo e o eu coletivo”.

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Eu desliguei ao invés de ligar... não, desliguei o microfone quando eu achei que ele estava desligado... Então, essa questão que Flávia coloca é bastante delicada ela lida com muitos aspectos ao mesmo tempo, mas também com o esquecimento. Eu me lembro de... para algumas pessoas, na época ainda da campanha, eu levantar a questão: “mas como você consegue justificar ou conciliar com a tua história de vida, votar em alguém que defende tortura”. Eu dizia para mim: “esse é o divisor de águas maior, é o grande divisor de águas”, porque ele... defender tortura concentra em si tantas questões relativas ao valor do outro que para mim me leva a pensar em dois... em duas qualidades de pessoas: as que não defendem e as que defendem – as que são contra a tortura. E primeiro me dizer um: “Ah! Imagina! Ele só fala isso, mas ele não vai fazer nada”. Então era a estratégia da minimização, do que o histórico mostrava sobre a pessoa. Mais recentemente, eu cheguei a alguns poucos casos, porque também tem algumas... tem um ponto em que, às vezes, difícil né? Pra a gente conversar com quando a coisa fica muito profundamente afetada, né? Os valores básicos, assim, é difícil continuar conversando abertamente com algumas pessoas, mas quem votou achando que era um herói, abriu os olhos. Eu acho que muitos operam uma... um distanciamento da... como político, digamos, tradicionalmente mal vistos, e não é a primeira vez que alguém se arrepende de ter votado em determinado candidato. Eu acredito que alguns, sim, sofrem conflitos, mas que a maioria vai pensar, simplesmente, “É, que droga”, né? Vai minimizar o fator responsabilidade, até porque um voto só, não elege ninguém. Então, mesma que eu tivesse votado em outro, ainda teria sido eleito, né? E ter se enganado faz parte do histórico, digamos, brasileiro. Já votou em tantos políticos que depois se arrependeu. Então, não sou muito otimista no sentido de uma conscientização de muita gente. Claro que de alguns, sem dúvida, mas acho que a maioria vai mesmo para o... Sabe aquela velha pergunta: em quem você votou nas eleições de tal ano? Quase ninguém sabe citar, aqui vai ser difícil esquecer em quem votou, mas ainda assim, falar já fui enganado com outros políticos... meio por aí. Vamos ver o que mais tem?

**Alexandre Marcelo Bueno** - No fundo o brasileiro gosta de ser

enganado, né?

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Eu acho que o nosso povo quer muito um paizão, um herói. E tem pouco... pouca disponibilidade para entender que a história é feita por todos nós...

**Alexandre Marcelo Bueno** - Exatamente... E uma sociedade se constrói pela ação de todos, pela responsabilização de todos... Beth, tem uma outra pergunta aqui da Júlia, só está Júlia #3, não o sobrenome, então eu não sei qual aluna que é, mas ela fala assim: "Obrigada, Beth, deixo aqui um abraço digital. Te ouvindo, fico pensando, quando um negro vota num racista, uma mulher vota num machista, o homossexual em um homofóbico, etc... Será que essas pessoas perderam o poder de partilhar os valores de orgulho e vergonha de suas próprias comunidades discursivas?". Acho que tem o caso, por exemplo, não é? Do Presidente da Fundação Palmares, que é uma verdadeira aberração, se me permitem dizer, mas acho que toca também nesse assunto que a Júlia colocou aqui.

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - é... bom.... é... bom... é o risco de falar sobre pessoas, mas eu acho que ao contrário do Contardo Calligaris(?) diz tem mais como falar sobre isso e ele andou, inclusive, escrevendo a respeito, né? Por causa do presidente da fundação Palmares. São uns... parece... eu não entendo de psicanálise, só aquela leitura de interessado, mas que há uns mecanismos de inversão, né? Há até aquele mecanismo de identificação com o carrasco, né? Quem assistiu à série La casa de papel não é à toa que a moça que vira... que era refém e vira parte do grupo se chama Estocolmo. Há a ideia da síndrome de Estocolmo em que pessoas torturadas passam a se identificar com o torturador. Então, tem umas... uns aspectos da nossa psicologia que são muito complexos. Eu só diria aqui que quando a Júlia fala, né? "Perderam o poder de partilhar dos valores de orgulho e vergonha de suas próprias comunidades e discursivas". Eu diria que essas pessoas não se consideram dessa comunidade. Então, um homossexual que vota no homofóbico, não se considera pertencente à comunidade de homossexuais e, assim também, a mulher que vota no machista. Sei lá! É mais complicado ainda, porque não tá a feminista que vota no machista, né? Tá a mulher que vota no machista. Não existe uma comunidade de mulheres, né? Existem várias comunidades de mulheres e o negro votar no racista, é o caso do... quer dizer, parece ser né? Do presidente lá da fundação. No mínimo, ele fala que detesta o movimento negro, né? E ele certamente não se identifica com o movimento, né? Ele não tá falando do outro, mas eu não tenho ideia. Aí é para psiquiatra, psicanalista... Eu

me lembrei agora de uma propaganda antiquíssima e eu nem vou saber do quê, mas é muito simples: é que retratava o como você se vê e o como você é visto. Então, acho que era um creme de beleza não sei o quê... Ou era sobre... o peso da pessoa, mas a pessoa se olhando no espelho, ela se via bonita e depois no outro espelho era como que os outros viam a pessoa e ela não estava bonita, né? Então, vai saber se algumas dessas pessoas não olham no espelho e se veem com outras características com as que têm realmente. Isso não é discurso, já tá para área do pessoal da saúde, saúde mental, né?

**Alexandre Marcelo Bueno** - E precisamos, mais do que nunca, do pessoal da área da saúde para esse Brasil, né? Infelizmente...

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Sim... Uhum...

**Alexandre Marcelo Bueno** - Beth, você aguenta mais um pouco?

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Sim.

**Alexandre Marcelo Bueno** - A conversa tá muito boa e nós ainda temos umas questões muito bacanas aqui. A Sônia Clara também, nossa colega lá do Paraná, ela pergunta aqui: “Poderíamos falar que a eleição se definiu pela vergonha de votar no mesmo e, com isso, reiterar valores como o da corrupção e daí, buscar no outro essa figura do herói?”

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Eu teria bastante medo de afirmar dessa maneira, porque, entre outras coisas, a gente... quer dizer, houve muita corrupção. Não estou negando isso, mas a gente ainda não conhece o tamanho, a dimensão, o alcance das fake News que circularam naquela época. Então, se um dia a gente chegar a conhecer... Então, o votar no mesmo, digamos vai, o mesmo, naquela época, se foi como parece tão bombardeado por notícias apelando para o sentimento de indignação, ele deixou de ser o mesmo. Ele... sabe, muita gente perdeu o respeito por partidos de esquerda, por pessoas ligadas à esquerda. Eu acredito, mas é só crença, porque não tenho isso claro, que a circulação de notícias falsas, sempre, os adversários como pessoas sem caráter, o pior mal possível. Um dado, que não é nem fake News, daquele juiz do inventário da Marisa Letícia, que publicou que ela tinha 260 e não sei quantos milhões de reais na hora do inventário. E questionado, ele acabou admitindo que “Não! Isso eram as cotas. Que ela tinha, acho que era R\$ 22.000, mas ele divulgou que tinha R\$ 262 milhões, alguma coisa dessa ordem. E no lugar de R\$260 milhões, era da ordem de

R\$ 20.000. Então, parecia razoável, mesmo que ele não tenha sido mal-intencionado, o que eu acho difícil, porque acho que o juiz deve saber discernir o que que é cota de fundo de aplicação de dinheiro, ele deve fazer aplicação. Tem dinheiro para isso, né? O que é cota de fundo e o que que é o saldo em reais, mas, ainda que ele não fosse mal-intencionado, sabe parecia... aquilo circulou e muita gente acredita que era verdade. O juiz falou, né? Então, o mesmo lá já não era mais o mesmo. Então, virou tão horrível que é muito difícil... Por isso o meu medo, né? Enquanto a gente não tiver, se é que a gente vai conseguir ter, alguma clareza maior sobre o que aconteceu nesses últimos tempos para haver tanto ódio de uma parte das pessoas contra outra parte das pessoas do Brasil. A minha impressão é quase que eu fui dormir em um Brasil acordei em outro, sabe? Que teve um terremoto e separou no meio as pessoas por ideologia e aí não tem comunicação, falta fazer ponte com outro lado, mas quem tem poder tá mais interessado em bombardear pontes que tentam ser construídas. Então, né? Quem mais aqui?

**Alexandre Marcelo Bueno** - Beth, tem uma pergunta aqui da Vera, já que eu não estou deixando a Vera falar, né? Ela fez a pergunta aqui no chat. (risos). A Vera diz assim: “A naturalização da violência contra o outro, né? Grupos como os idosos que podem morrer, né? Porque aí haverá lucro no nosso sistema neoliberal perverso, né? Na Previdência, no caso, é motivo para essa perda da vergonha na defesa desses anti-valores?”

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Olha, eu acho que para quem defende isso, é mais vergonhoso ser pobre do que ser ladrão, do que ser velho, do que ser homossexual, sei lá! Então, pobre ele não quer ser de jeito nenhum. Então, como o valor mais importante é ter dinheiro, os outros, que possam entrar no caminho de ter dinheiro, são menores. A vida fica em segundo lugar, não disse lá o dono lá do Madero: “Ah, vão morrer cinco, sete mil pessoas. É uma pena, mas a economia não pode parar, né?” Obviamente, ele está dizendo “A economia é mais importante do que a vida”. Então, ele vai ter vergonha se a economia parar e ele ficar pobre, mas não se pessoas morrerem, porque foram trabalhar para ele. Outra filiação... Outro quadro axiológico é o que rege, digamos, as ações lá, né?

**Alexandre Marcelo Bueno** - Tem uma pergunta da Jéssica aqui também, que inclusive é aluna da Vera. Ela diz assim “Olá, professora Elizabeth! Muito obrigada pela sua apresentação. Li seu trabalho sobre a crise identitária dos agentes penitenciários e pensei sobre a crise dos

professores da rede pública” – Ótimo paralelo – “que também enfrentam o desamparo do Estado, desafios emocionais para lidar com os alunos e, assim como os presos, são vítimas do sistema e testam seus professores. Ou seja, fazendo uma analogia dos professores com esses agentes não valorizados pela sociedade e, ao mesmo tempo, não respeitados pela própria instituição onde trabalham. Nesse sentido, qual paixão poderia ser incentivada como estratégia para romper com esse ciclo vicioso do sistema que sempre gera vítimas?” Uau! Mais duas horas aí, hein Beth? Para poder...

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Jéssica, é uma belíssima pergunta para uma pesquisa, para uma boa reflexão. Seria leviano tentar dar uma resposta rapidinho assim. Eu acho que o exemplo dos movimentos de resistência apelando... apelando não no mal sentido tá? Appealing... Eu venho de inglês, né? Então, appeal não tem essa parte, apelar em português que tem uma carga negativa né? Então, para o sentimento de orgulho, né? O orgulho de ser professor, né? Talvez por aí, sabe? Mas, por enquanto, eu consigo imaginar alguém, se for um adesivozinho no carro, né? “Tenho orgulho de ser professor”. Eu acho que já teve alguma coisa por aí assim, mas não vai ser difícil alguém passar e falar... eu estou lembrando agora da frase que a Taís pôs aqui mais cedo, que alguém falou para ela do carrinho que ela estava dirigindo e aquilo não afetou em anda, né? Mas de alguém passar e falar “Professor... que é orgulho, sei lá, né? Que coisa para ter orgulho!” Qualquer coisa assim. Então, acha que atacar, porque não seria...

**Alexandre Marcelo Bueno** - “Que profissôozinha, né?”

**Beth:** Que profissôozinha né? Até porque... Oi, Vera?

**Vera Lúcia Rodella Abriata** - Que orgulho besta, né?

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Que orgulho besta... é! Já faz muito tempo na nossa sociedade em que o estudo não é mais valorizado. Quer dizer, não é que não é mais. Ele tem valorização. Perdão! Eu tô fazendo uma generalização injusta, mas que o estudo perdeu muito de sua valorização. Há muitos anos, já era corrente a colocação do tipo “Para quê que você vai perder 4 anos numa faculdade, ainda mais se for uma faculdade privada, pagando 4 anos para estudar, se você pode, com esse dinheiro, abrir um negócio e na hora já sair ganhando?”. Nossa, eu ouvi muito isso jovenzinha. Eu estou com... fazendo 60 e eu quando estava entrando na faculdade, eu ouvia muito isso. Sem contar também que eu

cheguei a ouvir que, na família, que faculdade não era coisa para moça de família, né? Mas isso é outro setor, né? Eu me dou bem com moças não de família, digamos, né? Moças de todos os tipos. Mas voltando para a desvalorização do ensino, veio todo um período com informações sobre lugares que vendiam diplomas. Então, a pessoa comprava o diploma, porque queria ter o título, mas não tava nem um pouquinho preocupada em aprender, incorporar na sua própria vida aquele aprendizado. Então, é muito amplo esse tema, mas que os professores podem ser pensados em... assim, paralelos com os agentes penitenciários, por causa do que cobra um deles e do que lhes é oferecido, né? Pensando nos agentes penitenciários que são eles os responsáveis por manter a ordem dos presídios. Mas aí vai... na hora que tá lá dentro, eles são desautorizados por superiores diante dos presos. Eles não têm caneta disponível, né? Tem que trazer de casa para anotar qual foi a infração que determinado preso fez e, lógico, sem treinamento essas coisas. O pessoal... Imagina alguém com 19 anos de idade, com primeiro emprego, sem treinamento nenhum vai ser agente de segurança penitenciária, sabe? Que estofo! Que preparo psicológico, que preparo...? Não tem! Eles são bucha de canhão também. Então fazem atrocidades? Tem quem faz mesmo, mas é o sistema todo da história do racismo. É o racismo estrutural que tem que ser combatido. Não adianta combater o racismo de fulano ou de fulana. Quer dizer, também a importa, mas você atacar fulano ou fulana é a estrutura que precisaria ser refeita e, no nosso caso, a valorização da aprendizagem, do conhecimento, sei lá! Agora, parece que com a pandemia... parece que sumiu um pouquinho de novo né? Mas só um pouco. Daqui a pouco bombardeiam de novo. Então, Jéssica, é muito grande!

**Alexandre Marcelo Bueno** - Não! Imagina! Desculpa! Acho até que tocando nessa questão que você falou sobre essa desvalorização do estudo na sociedade brasileira, enfim. Tem um comentário aqui do Eduardo Queirós que acho que vem... vai na mesma direção, mas ele coloca isso em outros termos e eu acho que vale a pena citarmos aqui para continuarmos com a conversa. Ele fala assim... Acho que dá pra... porque ele estava respondendo pessoas aqui no chat. Aí ele fala assim: "Acho que dá pra pensar em como os grupos inferiorizados ou minorizados adotam o discurso dominante. Não sei se é exatamente o caso de vergonha. Tem um trecho de um livro do Fanon tratando sobre o caso dos negros em que ele diz "O grupo social racializado tenta imitar o opressor e com isso desracializar-se. A raça inferior nega-se como raça diferente, partilha com a raça superior as convicções, doutrinas e tudo que lhe diz respeito.". Ou seja, parece uma tentativa



de se embranquecer como diz Fanon. Talvez o mesmo se aplique, o mesmo processo se aplique a outros grupos oprimidos, né? E eu acho que tem um pouco a ver com essa, digamos... Eu tenho estudado um pouco dessa questão do discurso hegemônico, né? Como é que esses discursos hegemônicos circulam na sociedade, determinados valores que são adotados por outras classes sociais, digamos assim né? E, com isso, orienta certas práticas como você também falou. Ah! Em vez de eu pagar uma faculdade durante quatro anos, vou tentar montar meu negócio. Enfim, essa ideologia do empreendedorismo, não é? Enfim, ou do lado da religião, aquela ideologia da prosperidade, não é? Acho que são discursos que vão, digamos, nessa linha de tentar circular valores que acabam se tornando hegemônicos de certa forma, não é?

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Eu queria aproveitar essa colocação do Eduardo, porque ela me lembrou que eu fiquei de falar sobre aquela questão colocada lá em cima, a respeito de mulata. Bom, claro! Tem toda a discussão em torno do termo mulata, né? Mas eu tive uma orientanda que fez um trabalho, uma mestranda sobre a mulata e, no caso, ela se baseou... um dos textos em que ela se baseou foi a biografia da Valéria Valença. Então, era a mulata Globeleza, mas em paralelo com uma outra afrodescendente, também mestiça, bailarina nos Estados Unidos. Bom, ela teve, inicialmente, bastante dificuldade e precisou se munir de muita coragem, porque ela até me dizia: “ela é uma mulher muito bonita e ela é o tipo físico entre aspas da mulata, né? E aquela mulher mestiça, bonita, né? E o livro da... o que incomodava a Andreia - Andreia Luiza Martins – que fez o mestrado. O que a incomodava, principalmente, era o poder de persuasão que o livro, a biografia da Valéria Valença tinha, sobre outras... sobre jovens afrodescendentes. E o discurso analisado no livro mostrava, claramente, que a Valéria Valença... Primeiro, ela citava como heróis da vida dela as pessoas que ajudaram e tudo... são homens. Quando ela citava mulher, era mulher em oposição. Era a rivalidade. Ela se referia... se refere ao marido - não sei se ainda é marido - mas como príncipe encantado, de olhos azuis! Então, faz todo o discurso da mulher, dentro da sociedade, aquela mulher que é valorizada por ser casada com Fulano, né? Então, ela casou com o príncipe encantado. Ela venceu na vida, porque ela teve a sorte de conhecer o príncipe encantado e o mundo reconheceu as qualidades que ela tinha graças a ajuda do Bonny da Globo e do príncipe encantado. Isso é fazer discurso do opressor, né? Bom, mas é... e eu tinha falado da mulata lá... Foi um problemão até conseguir resolver como usar a palavra mulata da tese, porque não dava. Não era um trabalho sobre a mulher afrodescendente. Era sobre essa figura, a mulata do Sargentelli. Sabe a... Até teve uma pessoa da banca



chegou a dizer que quando jovem entrou e começou a trabalhar num lugar e, numa festividade de fim de ano, alguém da diretoria do Lugar e falou para ela: “o que que você tá fazendo aqui, perdendo tempo sendo professora? Por que que você não vai ser mulata do Sargentelli bonita como você é? Ou seja, é o dinheiro! O dinheiro vale mais do que, né? Então, ela contou isso na banca da Andreia. Ela ouviu isso. Então, ser mulata, para muita mulher, pode ter sido uma vitória na vida, né?”

Deixa eu ver... Polarização. Ixe! Como reflete o brasileiro mundo afora? Deve refletir mal, né? A gente está proibido de ir para lá, mas com as pessoas com quem eu tenho correspondência, eu sei que eles estão conscientes, mas são pessoas ligadas à universidade, né? Não sei no geral como é que é. As pessoas com quem a gente tem contato sabem o que tá acontecendo aqui no Brasil. Temem por nós, pela Covid... O que que vai acontecer com abertura agora, né? Essa questão...

E depois... qual paixão poderia ser incentivada como estratégia... Ah! Bom, incentivar uma paixão como estratégia, eu acho que é um tipo de coisa que não passa como projeto no comitê de ética. Se alguém aqui conhece, se não conhece ainda, é bom ver! Tem um documentário chamado... eu preciso localizar aqui... Qual é o nome da professora de Psicologia... eu acho que é Olhos azuis. Blue Eyes... Como é que é o nome dela? Deixa eu ver. Blue eyes... Não, não é. Eu prometo que eu vou procurar depois e envio para Vera, para o Alexandre. O que acontece nesse documentário... quem sabe eu lembro ainda nos próximos minutos... Nos anos 60, ela entra numa classe... Bom, hoje em dia... ela teve problemas depois com aquilo. Mas naquela época, ainda não era proibido por comitê de ética nem nada. [...] Ah... outra coisa! Então, ela entra numa sala de aula de primário e diz: “Hoje tem uma medida nova. É o seguinte: a escola determinou que as pessoas de olhos... eu não lembro qual que ela põe primeiro... se são as de olhos azuis ou se são as de olhos castanhos... são as são mais importantes do que as outras. Então aí, ela começa a dar aula, e se uma criança da cor do olho que é menos importante levanta a mão para falar, ela não responde. Ela se dirige para outro da cor de olho que ela quer e pergunta se aquele outro tem. Bom, sai para o intervalo {alguém talvez tenha, eu vejo que piscou alguma coisa}. Então, saem para o intervalo só aquelas crianças tratadas como especiais, como melhores pela professora começam a maltratar as outras crianças. As crianças que chegaram para o seu dia de aula, começaram a ser ignoradas pela professora, foram para o intervalo e ainda começaram a ser maltratadas pelas outras crianças. Voltam para sala de aula. Todas voltam e a professora fala “agora inverte”. As dos outros olhos têm... são

mais importantes. Será que é Blue-eyed? Acho que talvez seja isso.

**Alexandre Marcelo Bueno** - Beth, colocaram aqui *The eye of the storm*.

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - É a ... Deixa eu ver... Como?

**Alexandre Marcelo Bueno** - *The eye of the storm*.

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Acho que não. É Jane Elliott o nome da pesquisadora. Elliott com dois eles e dois tês. Deixa eu escrever aqui no chat. O documentário é Olhos azuis/Blue-eyed, tá? Depois, ela sofreu, inclusive, penalidade da sociedade científica, porque ela manipulou crianças. As crianças ficaram muito marcadas por aquilo. O foco dela era que ela queria colocar um grupo de crianças como oprimidas, vivendo a opressão. Outro grupo como opressor. Inverter os papéis para os dois grupos sentirem como aqueles que estão no papel de opressor podem facilmente agir sem critérios éticos, sei lá? E como que os oprimidos sofrem quando estão na posição de oprimidos. Entrevistados mais tarde, adultos alguns desses alunos dizem que aquilo marcou profundamente, mas é coisa que a comissão, o comitê de ética não permitiria fazer hoje, porque você está manipulando pessoas para obter resultados. E a gente só pode, na pesquisa, tratar as pessoas como fim, um imperativo categórico kantiano, né? Empregar a pessoa como meio é faltar com a ética. Então, não dá para pensar que tipo de... tem que ser outra questão, talvez ver que em situações, em que tal tipo de paixão é desperta, quais são as consequências... Mas o modo como a pergunta foi feita não nos permite levar adiante uma coisa... É só a gente pensa um pouquinho que a gente vê que é complicado... que significaria manipular as pessoas, né? Bom, que é o que acontece com a gente com muito das coisas que a gente recebe pelo WhatsApp, a gente tá sendo manipulado. Mas aí, ele que são marqueteiros, não são cientistas. Então, eu queria muito que tivesse um comitê de ética para... para a divulgação de propagandas e tudo mais. Tem, mas que tivesse, inclusive, tudo que circula por redes sociais. Já imaginou? Não, mas aí seria censura facilmente. Não sei. Falei sem pensar.

**Alexandre Marcelo Bueno** - É... poderia ser usado para perseguição em alguns casos, que é um pouco do que acontece com esse debate no judiciário com relação às fake news, não é?

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Exato! Aham!

**Alexandre Marcelo Bueno** - Tem mostrado algumas entrevistas com especialistas que tem alertado também sobre isso, não é? É sempre aquele dilema né? Ou a gente estabelece alguma regra de funcionamento para não ser o caos total ou, então, também corremos risco de nos excedermos aqui depois em âmbitos mais democráticos, né? Beth, eu e a Vera aqui também já sugeriu e, assim, tá sendo extremamente prazeroso conversar com você aqui... te escutar e conversar com você nessa tarde, não é? Pandêmica, mas ainda assim, bastante agradável, mas acho que nós já poderíamos encerrar, porque já vai fazer duas horas que nós estamos aqui no ar, né? Eu sei que você está com o fôlego invejável, mas (risos). Eu acho que já aproveitamos bastante aqui de você e acho que tivemos aqui uma discussão, uma conversa muito produtiva para pensarmos sobre várias das questões que têm nos angustiado neste momento, não é? Seja passionadamente, mas também seja do ponto de vista racional né? De tentarmos buscar saída para este momento e eu vou passar aqui, então, a palavra pra Vera, para a gente poder então finalizar aqui e eu queria já te agradecer e a gente ficaria aqui mais algumas horas para recuperar aquelas perguntas mais amplas que as pessoas fizeram. Mas, quem sabe não haverá outra oportunidade para que nós possamos desenvolver mais essas conversas também, tá? Muito obrigado, viu Beth. Foi um prazer enorme!

**Vera Lúcia Rodella Abriata** - Sim, Beth. Eu também quero agradecer muito a sua participação aqui nessa tarde que reuniu tanta gente interessada em comentar a questão, a paixão da vergonha, né? E acho que você foi muito clara e muito precisa nos exemplos que você utilizou e pela própria participação do pessoal aqui nas questões... A sua pesquisa gerou muitas reflexões e a gente só tem a agradecer a você por ter participado com a gente aqui dessa tarde. E eu vou, depois, disponibilizar para você e para quem quiser o link com a gravação. E aí, você pode passar para as outras pessoas e quem sabe até conversar individualmente ou em grupo com alguém que ainda não tenha recebido alguma resposta, mas eu acho que a grande parte das questões que foram formuladas foram respondidas e a gente tem só que te agradecer mais uma vez por estar aqui com a gente. E deixo a palavra aí para você finalizar a nossa discussão aqui, o nosso debate.

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Eu reitero meus agradecimentos pelo convite. É uma grande alegria ver vocês dois. É uma pena que eu não poder ver todos, mas vejo os nomes. Agradeço a presença de todos, as perguntas... Para quem eu não pude responder, em alguns casos as perguntas eram muito amplas e em outros fogem a minha capacitação,

mas eu acho que são... eu peço desculpas, mas acho que, também, a gente, em outras ocasiões, talvez possa, no caso, a pergunta do Américo me ocorre, daria um ângulo de ataque para uma outra fala, né? Muito obrigado a todos. Eu só queria lembrar uma coisinha: para quem gosta de semiótica, que hoje às 19 horas, tem a mesa de semiótica da Abralin, tá?

**Vera Lúcia Rodella Abriata** - E eu quero também agradecer a presença de todo mundo. Teve momentos aqui até o final da sua fala, a gente tinha mais de 80 pessoas na sala. Então, eu quero agradecer a presença dos nossos companheiros e colegas e amigos semioticistas. E foi muito bom estar aqui com vocês. Muito obrigada pela presença de todos, tá bom? Podemos então encerrar? Obrigada, Alexandre, pela dupla aqui comigo na discussão com a Beth, no debate. A todos que estiveram presentes e um agradecimento especial para o nossos alunos que fizeram muitas questões também.

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Tchau, Alexandre! Tchau, Vera! Tchau a todos.

**Vera Lúcia Rodella Abriata** - Tchau pra vocês!

**Elizabeth Harkot-de-la-Taille** - Um beijo. Tchau!

**Alexandre Marcelo Bueno** - Obrigado, Beth! Tchau! Tchau!

**Vera Lúcia Rodella Abriata** - Um beijo pra todo mundo!